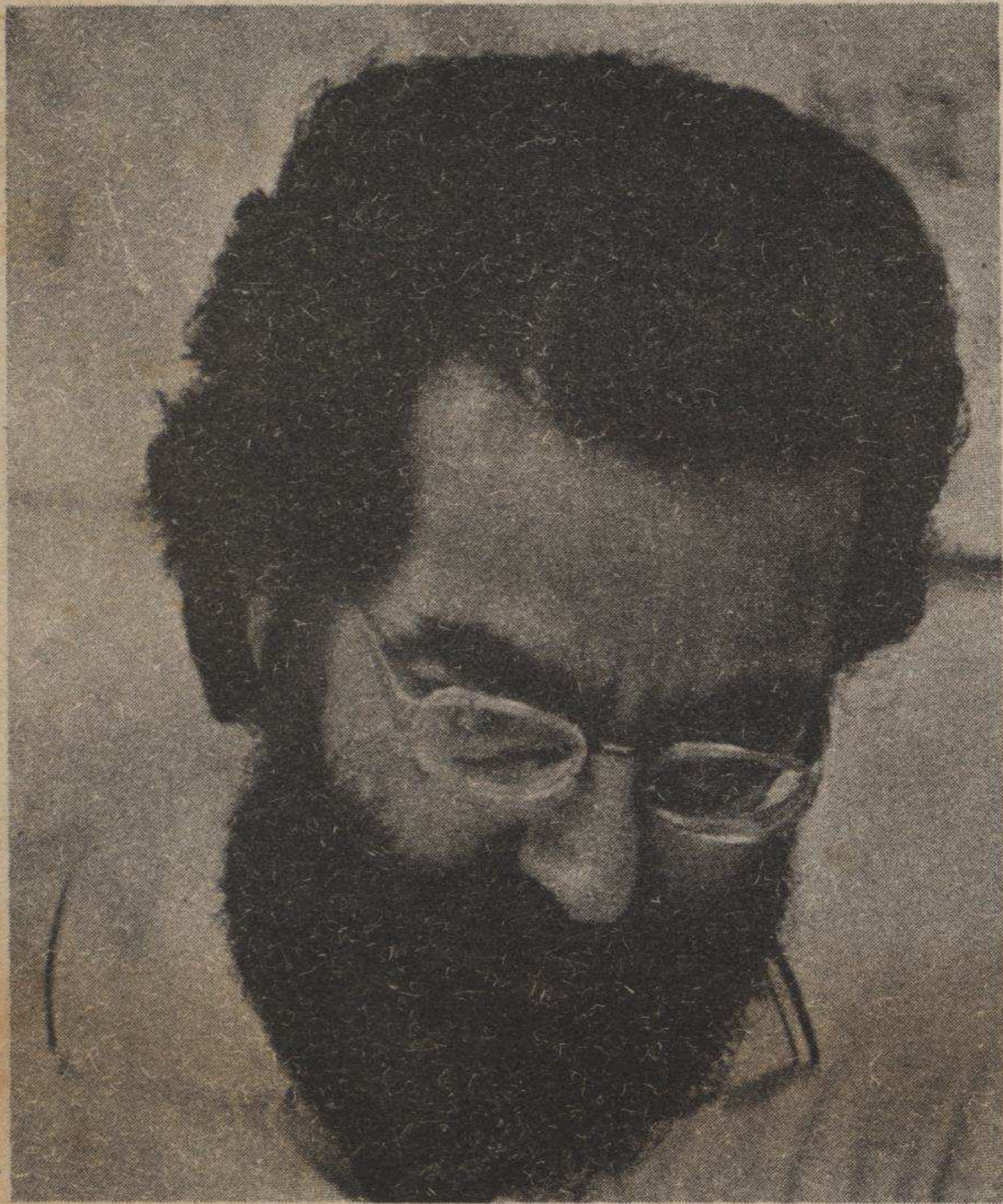


# COO JORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

**Chiavenato dá um pau em Gilberto Freyre**

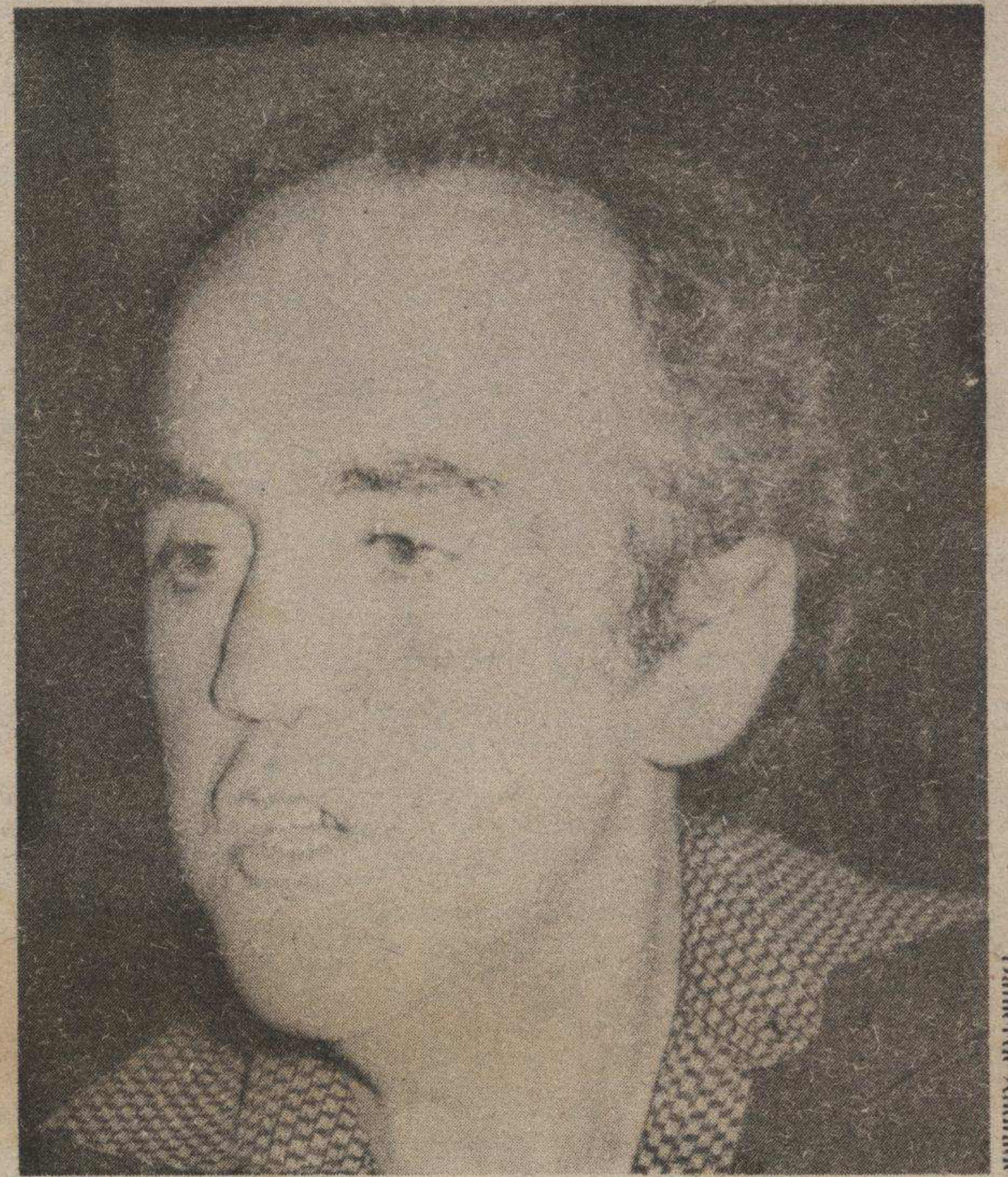


Arquivo Coojornal



**Breve história do terrorismo, por Hélio Silva**

**Sebastião Nery: "Cada jornal tem o seu biônico"**



Daniel de Andrade

## Um ano de anistia

# O AMARGO REGRESSO

*Os problemas de adaptação dos anistiados: não encontram emprego, são repelidos e olhados com desconfiança pelos vizinhos, têm dificuldade para viver e seus filhos sofrem constrangimento nas escolas*

feme





Este Jornal, criado em 15 de novembro de 1975, pertence à primeira Cooperativa, de jornalistas do Brasil, a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., fundada em 24 de agosto de 1974. A COOJORNAL tem 310 sócios. É uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em assembleia geral. Cada associado, independente de sua participação em capital, tem os mesmos direitos nas decisões de assembleia. Além da diretoria, a COOJORNAL tem um Conselho Editorial para orientar a linha e a qualidade de suas publicações próprias e de 15 outras publicações que faz para terceiros.

**Editor**  
Osmar Trindade  
**Secretário**  
Manoel Canabarro

**Redação**  
Rafael Guimarães, Daniel de Andrade, Jorge Meditsch, Jorge Gallina, Elaine Lerner, José Vieira da Cunha, Lenora Vargas, Eduardo Bueno, Luiz Afonso Franz, Waldir da Silva, Tomás Pereira, Eloisa Henck, Edgar Vasquez, Juvenal da Luz, Luiz Carlos Ferré, Eugênio Neves, Ariosto Teixeira (Brasília), Marcelo Pontes (Rio), Geraldo Hasse (São Paulo), Paulo Marconi (Salvador), Zélia Leal e Sílvia Costa (França), Eva Dürr (Alemanha), Mário Alberto Nascimento, Miriam Costa Corrêa (arquivo e pesquisa), Mirtz Marques (secretária executiva)

**Gerência Administrativa**  
Jorge Crippa

**Gerente Técnico**  
Francisco Alba

**Comercial**  
Leon Denisar Fischer (gerente), Hermínio Pereira, Eliete Santana, Ilse Reichert, Arlete Andreadza

**Circulação e Assinaturas**  
Egídio Dalmina

**Industrial**

Ivan Carlos Ferreira, Hélio Pinho, Julio Cesar Romano Martins, Paulo Ricardo Nobre, João Carlos Meirelles, Carlos Neves Diniz (composição), Paulo Walter Opplinger, Rosalinda Flores Khal, Rosa Maria Pontual Falcão, Lisberto Facco, Henrique Bitencourt (revisão), Atil Vinetton Medeiros, Júlio César Ferrari, José Luiz dos Santos (fotolito), Luiz Gustavo Machado, Luiz Augusto de Oliveira, Ari Roberto da Silva (montagem), Paulo Sá (coordenador)

Á venda somente a partir da edição nº 13.

Custo de cada exemplar: preço da última edição na banca. Os pedidos devem ser acompanhados do respectivo valor, em cheque ou vale postal em nome de COOJORNAL.

**Endereço**  
Rua Comendador Coruja, 372  
CEP 90000 — Porto Alegre — RS  
Fone 33-5099 (PABX) Telex (051) 1605

**Distribuição exclusiva em todo o território nacional:**  
FERNANDO CHINAGLIA DISTRIBUIDORA S.A. Rua Teodoro da Silva, 907 — PBX 268-9112 — CEP 20563, Rio de Janeiro.

**COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE LTDA ASSOCIADOS:** José Antônio Vieira da Cunha (Presidente), Tomas Pereira (Vice-Presidente); Rosvita Saueressig (Secretária), Afonso Ritter, João Borges de Souza, Jorge Polydoro, Osmar Trindade, Pedro Maciel, Barú Derquin, Jorge Gallina, José Emanuel de Mattos, Ricardo Chaves e Sérgio Batsow (Conselheiros de Administração), Agnese Schifino, Danilo da Silva Ucha, Carlos Urbim, Carlos Rafael Guimarães, Fernando Goulart e Renato Pinto da Silva (Conselheiros Fiscais), Elmar Bones, Hélio Gama, João Aveline, Luiz Carlos Merten; Carlos Bastos, Jorge Olavo Leite, Guaraci Fraga, Luiz Cláudio Cunha e Paulo Burd (Conselheiros de Edição), Acari Amorim, Adélia Porto da Silva, Ademir Vargas, Ademir Fontoura, Adroaldo Correa, Afonso Licks, Alberto André, Alberto Blun, Alberto Figueiras, Alfonso Abraham, Alfredo Fedrizzi, Alice Urbim, Amauri Melo, Amilton Vieira, Ana Maria Barros, Ana Maria Pacheco de Almeida, Ana Maria Smidt, André Jockyman, Ângela Riccardi, Anibal Bendati, Antonio Brito Filho, Antonio Canabarro, Antonio Carlos Esteves, Antonio Gonzales, Antonio Dreon, Antonio Vargas, Antonio Manoel de Oliveira, Armindo Ranzolin, Artur Monteiro, Artur Xavier, Ayrton Centeno, Ayrton Kanitz, Beatriz Polydoro, Bernadete Viana, Cândido Cruz, Carla Irigaray, Carlos Alberto Koleca, Carlos Alexandre Castro, Carlos Simch da Silva, Carlos Athanasio, Carlos Karnas, Carlos Frederico Menz, Carlos Fehlberg, Carlos Mossmann, Carlos Dornelles, Carlos Roberto Silveira, Carlos Salzano, Carmem Silveira, Carmem Cagno, Celso Rosa, Celso Schroder, Cintia Leal, Clarice Aquistapace, Cláudio Barcelos, Cláudio Levitan, Clayton Selistre, Clóvis Malta, Cristina Pereira, Delmar Marques, Edgar Lisboa, Edgar Vasques, Edna Nina, Edson Chaves Filho, Edson Kozminski, Eduardo Tavares, Eduardo Bueno, Eduardo San Martin, Eduardo Guimarães, Elaine Lerner, Eloisa Enck, Enio Nugent da Rocha, Erni Quaresma, Euclides Torres, Eugênio Bortolon, Eugênio Neves, Eva Caparelli, Evaldo Gonçalves, Fernando Bueno, Fernando Lindote, Fernando Guedes, Fernando Saes, Flávio Porcello, Flávio Dutra, Floriano Correa, Francisco Daniel, Francisco Dias Lopes, Francisco Juska, Gabriel Matias, Geraldo Hasse, Gerson Schirmer, Gilberto Pauletti, Gomercindo Coutinho, Hélcio Ferreira, Hélio Gama, Helton Barreto, Hermelindo Macedo, Higino Barros, Humberto Andreatta, Iara Bendati, Iara Schilling, Iraporan Muller, Ilsa Girardi, Imara Stallbaum, Ivan Pinheiro Machado, Ivo Stigger, Jandira César, Jayme Copstein, Jayme Klintowitz, João B. Scalco, João C. Ferreira da Silva, João Mota Lacerda, Jorge Meditsch, Jorge Escosteguy, Jorge Freitas, José Antonio Ribeiro, José Antonio P. Machado, José Antonio Severo, José Antonio Simch, José Eneid, José Erasmo Nascetes, J. Felix Valente, José Guaraci Fraga, José Lauro Dieckman, José Luiz Chiarelli, José Luiz Previdi, José Onofre, José Reduzino de Araújo, José Ribeiro Fontes, José Roberto Garcez, José Abu Jamra, Juarez Fonseca, Judith Martins Costa, Julieta Pereira, Júlio Sortica, Jurandir Silveira, Jussara Coelho, Juvenal Netto, Laerte Martins, Laila Pinheiro, Lauro Quadros, Lenora Vargas, Leo Tavejanski, Leonardo Dourado, Leonid Streliaev, Lício Azevedo, Lili-an Bem David, Lotário Neuberger, Lucila Camargo, Luiz Afonso Franz, Luiz Artech, Luiz Kozminski, Luiz Carlos Mello, Luiz Carlos Ferreira, Luiz Carlos Felizardo, Luiz Fernando Lima, Luiz Fernando Verissimo, Luiz Francisco Terra, Luiz Fonseca, Luiz Humberto, Luiz Oscar Matzenbacher, Luiz Vitello, Luiz Recena Grassi, Luiz Lanzetta, Manoel Joaquim Lourenço, Marcelo Lopes, Marco Schuster, Marco Túlio de Rose, Marcos Baggio, Maria Angélica de Moraes, Maria Elaine Borges, Maria Eloir, Maria da Graça Seligman, Maria da Graça Silva, Maria Helena Bracher, Maria Luiza Teixeira, Marina Wodke, Marinória Osório, Mário Alberto Nascimento, Mário Rocha, Mário Madureira, Mário Marcos de Souza, Marise Fetter, Maristela Bairos, Maroni da Silva, Marques Leonam, Maurecy Santos, Mauro Cesar Silveira, Mauro Toralles, Milton Wells, Milton Silva, Milton Saldanha Machado, Miriam Correa, Miriam Tereza Timponi, Mirta Coelho, Najar Tubino, Neltar Abreu, Nestor Fedrizzi, Neuza Ribeiro, Nilson Figueiredo, Nirce Levin, Otacilio Grivot, Odilon Abreu, Olides Canton, Olivio Lamas, Olyr Zavaschi, Omar Barros Fº, Otília Goulart, Paulo Marconi, Patricio Renato Bentes, Paulo Fogaça, Paulo Pereira, Paulo Macedo, Paulo Gerson de Oliveira, Paulo Renato Cancian, Paulo de Tarso Riccardi, Pedro Macedo, Pedro Flores, Pedro Sosa Pereira, Raul Rubenich, Raul Quevedo, Regina Vasquez, Rejane Baeta, Renan Oliveira, Renato Kern, Renato Canini, Ricardo Bolsoni, Ricardo Schmitt, Riomar Trindade, Roberto Azevedo, Roberto Azevedo, Roberto Appel, Roberto Thomé, Roberto Maneira, Rogério Ruschel, Romulo Krafta, Ronaldo Westermann, Sérgio Caparelli, Sérgio Becker, Sérgio Moita, Sérgio Tonello, Severino Goes, Silmar Muller, Sílvia Costa, Sílvio Ferreira, Sílvio Correa, Tânia Barros, Tânia Faillace, Telmo Zanini, Terezinha Figueiredo, Ubirajara Prates, Waldir da Silva, Valmório Oliveira, Vera Daisy, Vera Maria Bosak, Vera Monteiro, Vera Kern, Vera Costa, Veraine Silveira, Victor Hugo Sperb, Virson Holderbaun, Waldoar Teixeira, Walter Eirno, Wilmar Marques, Wladimir Ungaretti e Zélia Leal.

**Associação à**  
**AJOCOOP**  
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

# Caro leitor,

Confirmando a tradição, agosto acabou sendo, ao contrário do que muitos esperavam, um mês agitado e marcante na vida política nacional. Se até o final do mês o País vivia um clima de intranquilidade com as ameaças e os atentados a bancas de jornais, as bombas lançadas contra a sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), e a Câmara de Vereadores, no Rio de Janeiro, mudam de qualidade este sentimento, que passou a ser de repúdio, medo e indignação.

Dentre todas as reações ao atentado contra a OAB, a mais inusitada foi certamente a do general Figueiredo, afirmando que o seu governo (e principalmente o projeto de abertura) era o principal atingido pelo terror. E aí é que está a questão.

As intenções do governo Figueiredo, assim como a honestidade do processo de abertura, estão em xeque. Trava-se novamente uma luta intestina entre governo e sistema, ou pelo menos parte deste último, justamente a parte que tem medo e não quer saber de abertura. Aqueles que temem agora uma cobrança pública de atos arbitrários cometidos até alguns anos atrás nos porões do regime e os que desejam ver o Brasil novamente mergulhado na escuridão.

Parece claro, a esta altura, que a nação brasileira não deseja outra coisa que não a democracia, a normalidade e uma vida pacífica. O governo, por seu lado, também afirma a mesma coisa, e volta e meia é lembrada a célebre frase do general Figueiredo: "Hei de fazer deste País uma democracia". Ocorre, porém, que o governo tubeteia.

O governo caminha com pernas de caranguejo, ora para a frente, ora para trás. De que maneira acreditar nas intenções de um governo que até agora não descobriu nada sobre atentados caracterizadamente de direita, embora tenha sido rápido e eficiente na hora de reprimir a oposição? Como apoiar um governo que diz querer a democracia, mas que ao mesmo tempo força a prorrogação dos mandatos de prefeitos e vereadores, atropelando a prática essencial do regime democrático, a escolha popular?

É nessa dúvida que reside toda a questão. Todos têm na memória o desenlace de anteriores confrontos entre governo e o que se convencionou chamar sistema, ou os duros do regime. Sempre venceu o sistema. Venceu na prorrogação do mandato do marechal Castello Branco, venceu ao colocar na presidência o general Costa e Silva, venceu no episódio da formação da Junta Militar, venceu na edição do AI-5.

Diante de tantos antecedentes históricos, como não duvidar agora, sobretudo quando o governo mostra-se hesitante em acabar de vez com as provocações da extrema-direita e suas bombas?

O governo tem diante de si uma decisão fundamental. Ou realmente pune e usa a lei sobre a sua direita mais radical, identificando e liquidando publicamente os duros, ou perderá definitivamente a oportunidade de "fazer deste País uma democracia".

\*\*\*\*\*

Dois pronunciamentos importantes na área militar sobre a imprensa. O primeiro, do general Octávio Costa, diretor de Extensão e Aperfeiçoamento do Exército, no dia 26 de agosto, no Rio. Para o general Octávio Costa, "é preciso, desde logo, reconhecer que o núcleo de possíveis incompreensões no relacionamento entre soldados e jornalistas está em que, enquanto o fato, para vós (jornalistas), é quase sempre notícia, para nós outros (soldados), é informação (...). Em nossos quartéis só pode haver uma ideologia, enquanto outras convivem em vossas oficinas; que nossa instituição e nossa carreira devem ser fechadas, enquanto as vossas são abertas".

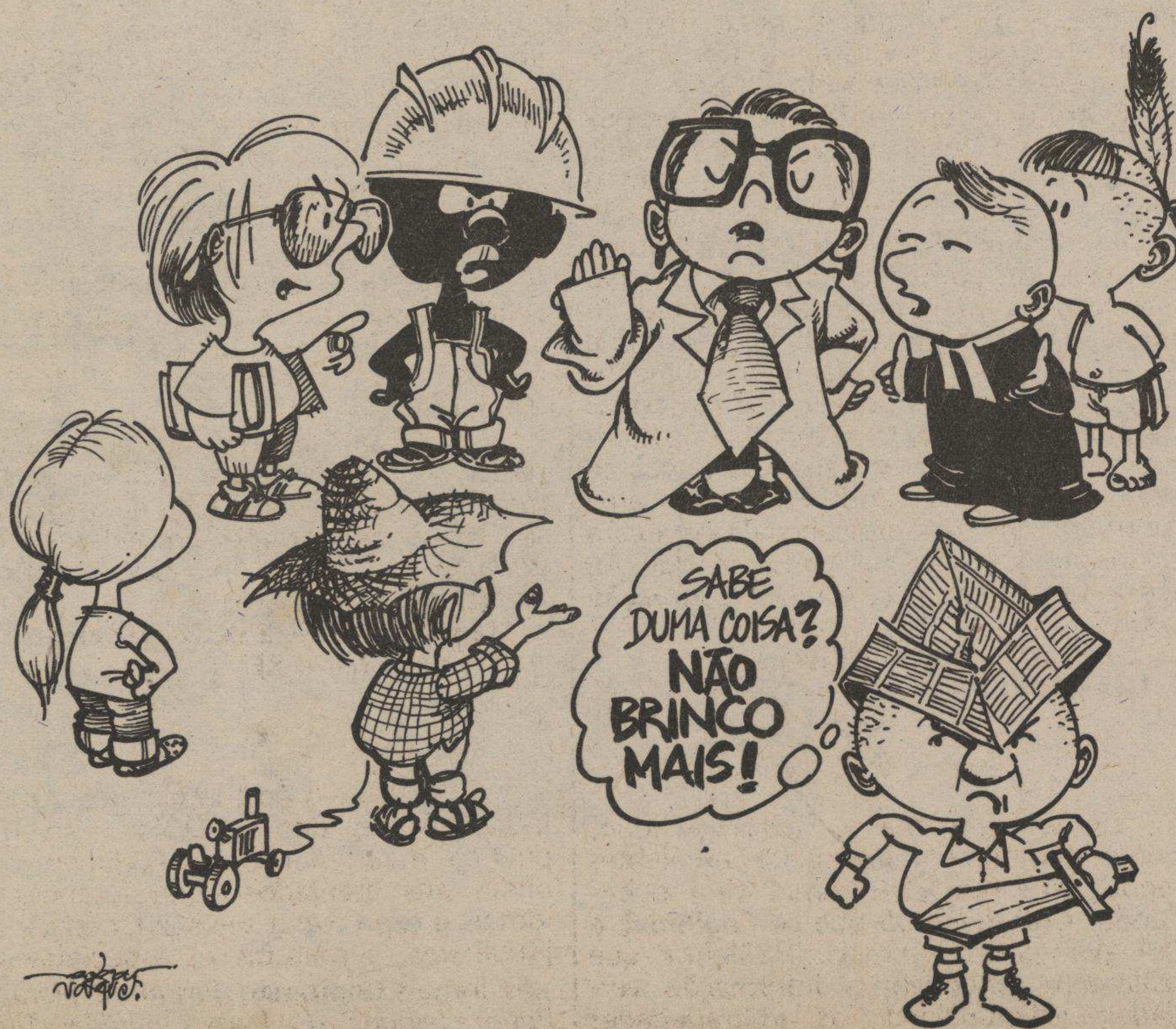
Outro pronunciamento foi do ministro da Aeronáutica, brigadeiro Délio Jardim de Mattos, por ocasião do Dia da Imprensa, a 10 de setembro: "O homem de imprensa, mais que um arauto do hoje, é um construtor do amanhã, pois sua palavra isenta, sua denúncia desinteressada, sua análise criteriosa são pontos de partida para decisões e julgamentos que se projetam no tempo, forjando o pensar de uma sociedade. Este compromisso com o futuro não comporta, por parte do profissional de imprensa, senão uma postura lúcida e corajosa diante do seu público. Dele se espera mais que a liberdade de dizer, mais que a vontade de informar, mais que o conhecimento dos fatos; dele se espera a capacidade de discernir sobre o valor de suas afirmações, sobre as conseqüências de suas palavras, sobre o alcance de seus pronunciamentos (...)

Infelizmente, nem todos os militares deste País pensam assim.

O EDITOR

Tiragem desta edição: 34.500 exemplares.

## INFANTILIDADE:



## Um protesto contra o Rei do Baião

"Meu caro Luiz Gonzaga: sou um nordestino. Um nordestino como você, um homem acostumado com a crueldade da natureza e com a tirania dos gananciosos que nunca enchem o saco da usura. Sou um fã seu. Ou melhor, era. Você sabe que um bom sertanejo quando desconfia... Lua, você me apunhalou pelas costas, me provocou náuseas e quase me pôe a chorar. Jamais poderia esperar esta sujeira. A sua pretensão de candidatar-se pelo partido dos tiranos me deixa a imaginar você bebendo o sangue de tantos patriotas que foram assassinados selvagememente pela ditadura. E foram assassinados porque jamais traíram a consciência do povo e sua inabalável fé, pela justiça social e pela democracia.

O nordestino aprendeu muita coisa errada porque se espelhou na conduta errada, oportunista e falsa, como essa que você está tendo agora. Você, Lua, já tem página garantida na história e não precisaria de comungar e beber na mesma taça e do mesmo soro, com monstros fascistas, que a história também haverá de revelar aos nossos filhos.

O que devo fazer agora com os seus discos, Lua? Guardá-los para mostrar aos meus filhos? Lua, você sabe que a coisa que mais apereia um nordestino é a enganação. E você enganou a toda a nação sertaneja! Lua, você dizer que o golpe militar ajudou o Nordeste? Ajudou o quê? A concentrar ainda mais a propriedade da terra? Ajudou a expulsar milhares de homens, mulheres e crianças de suas terras? Não, Lua, o Nordeste nunca foi tão espoliado, nunca esteve nas mãos de piores elementos. Nunca trabalhador rural apanhou tanto no couro, de grileiro, de governo, de polícia, quanto nesta fase. Lua, você sabe quantos nordestinos ganham menos de um salário mínimo? Você sabe que rato dá banquete no Nordeste? Você sabe quantas crianças morrem anualmente no Nordeste?

Lua, ninguém serve a Deus e ao capital, ao povo e à ditadura. Lua, você prefere cantar para os tiranos deliciarem o sabor do sangue que servem nas taças, que cantar para a gente oprimida pelas fomes, no ABC? Lua, você pulou a cerca atraído pelo gordo feno, ou foi comprado pelas delícias do confinamento?

É, nordestino não tem mesmo sorte".

José Albertino  
Piracicaba, SP

## Uma paixão defende Hélio Dourado

"Em primeiro lugar quero me identificar como leitor assíduo do Coojornal desde o começo. Porém, devo dizer que tive a desagradável emoção de ler uma manifestação contra o presidente Hélio Dourado, do Grêmio, numa carta enviada a este jornal.

Sou um gremista que, embora morando em São Leopoldo, vou a todas as partidas do meu clube no Estádio Olímpico, e levando sempre em minha companhia minha esposa e meus três filhos. Sou sócio-proprietário há 18 anos, já tendo sido inclusive vice-cônsul do Grêmio em Santa Maria. Enfim, na minha família o Grêmio faz parte das nossas vidas.

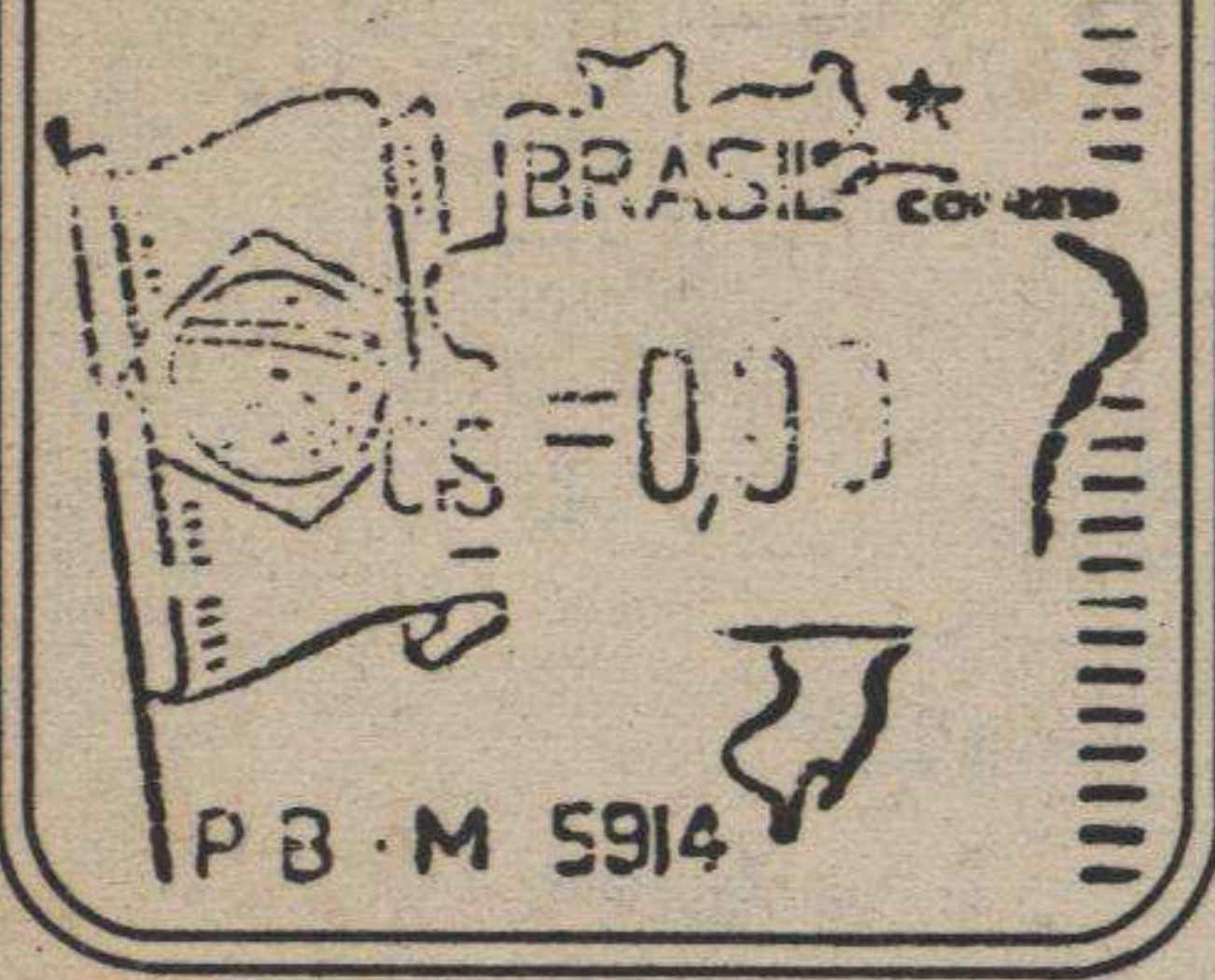
Baseado nisto é que desejo tornar pública minha desconformidade com o manifestado naquela triste e repulsiva carta da leitora Selma Rosane Campos dos Santos. Hélio Dourado já está inserido na história do nosso Grêmio como um dos grandes nomes do passado, e todo gremista que olhar para aquele colosso de cimento e concreto armado que se chama Olímpico Monumental não verá nele escrito o nome deste presidente, mas sentirá a alma, o espírito e a dedicação desse grande homem."

Antonio Carlos Bender,  
São Leopoldo, RS

ASSINE O  
COOJORNAL!

Hugo Sperb





## "O amor liberta o homem de suas alienações"

"Meu caro João Carlos Tiburski, seu artigo 'O amor e a paixão do homem comum', no **Coojornal** de agosto, me proporcionou a sensação alegre que se tem quando se consegue ser compreendido por um amigo. É aquele clarão interior.

Mas você não precisava exagerar com tanta compreensão bondosa!

Aquilo de... 'os desatinos de toda trajetória de Romano na tentativa de conquistar a mulher desejada produzem algumas das páginas mais densas, dramáticas e comoventes que a literatura moderna produziu, depois de Madame Bovary e Lady Chatterley...', me ruborizou dos pés à cabeça.

Minha pessoa de lado. O artigo é bem elaborado, coerente, e consegue apreender o que possa ter em mente: provar, por fatos sobre fatos, que o amor romântico segue vivo no homem, ainda que este tente negá-lo.

Imagine que recebi carta dum professor comentando que minhas novelas tinham ritmo, fluência e tal, mas que não seriam aceitas na Europa porque o amor, lá, é considerado alienatório. Respondi-lhe que mais alienante é o trabalho opressor do operário, em qualquer sistema societário (capitalista ou socialista), porque interrompe no operário-escravo a capacidade de pensar, logo de reagir, e que é no amor verdadeiro que o homem pode desvelar a chance dum reencontro consigo no mais fundo que ele tem. Na visão especular de si, que o amor confere, reside a possibilidade de o homem se libertar de todas as alienações. É uma tese.

Era isso. Obrigado pelo artigo."  
Antonio Carlos Resende,  
Porto Alegre, RS

## O prazer furtivo da literatura

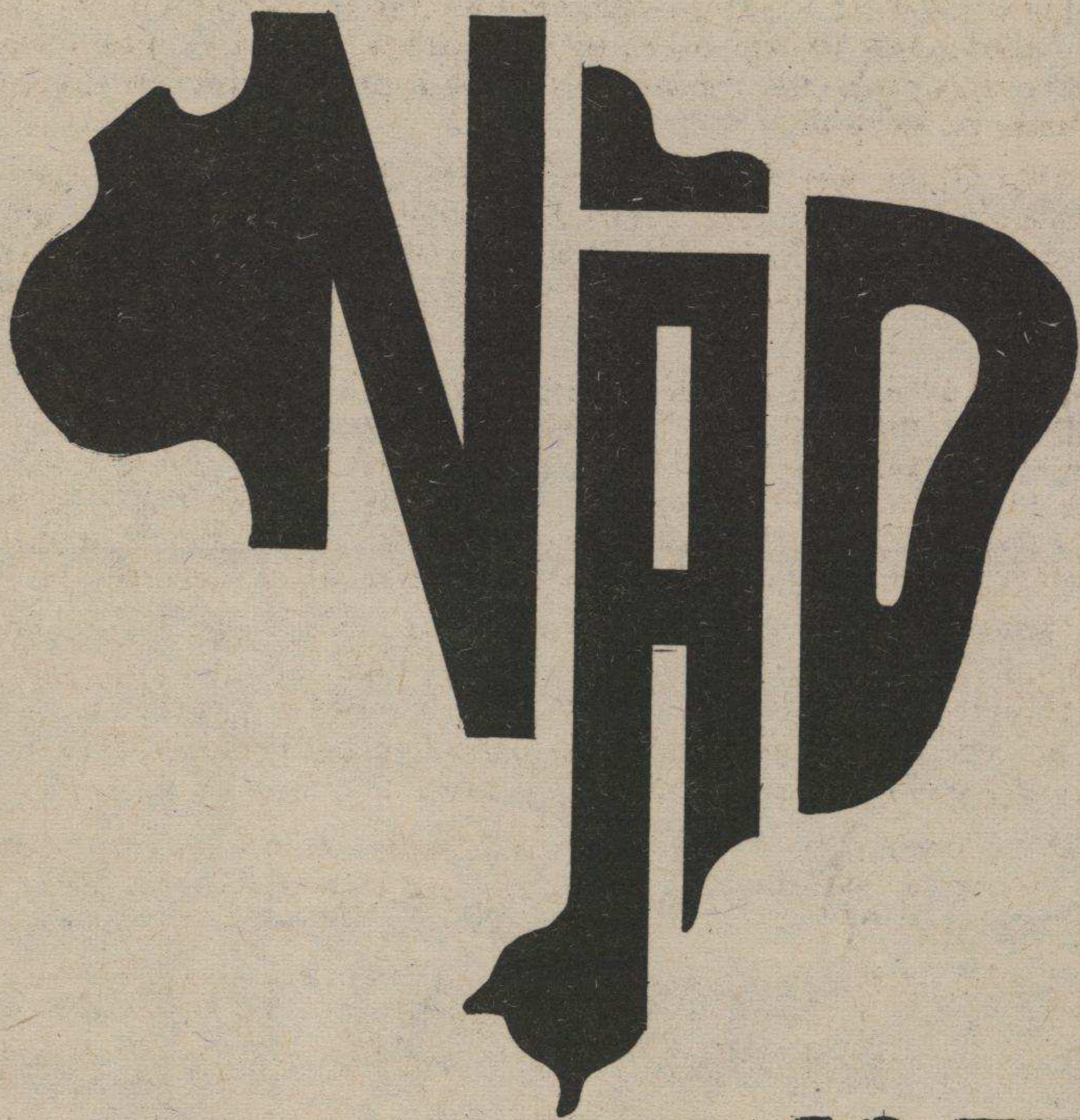
"No seu comentário à obra do sr. Antonio Carlos Resende, o sr. João Carlos Tiburski lá pelas tantas pontifica: 'Um texto que não conceda ao leitor algum prazer furtivo (sic) não pode ser um texto literário'. Furtivo significa: às ocultas, secretamente, derivado de furto. Embora tanto se roube às claras no Brasil de hoje, acho que o autor quis dizer: fugidio, sutil, tênue ou coisa parecida. De qualquer maneira, censurando os autores herméticos e inacessíveis, o sr. Tiburski mostra-se mais sibilino e obscuro do que a maioria deles: mostra-se furtivo.

Um texto literário só dá prazer furtivo, um prazer oculto, um prazer secreto quando se lia James Joyce e D.H. Lawrence no banheiro. Aqui, pois, temos um caso de redação defeituosa e pensamento igualmente defeituoso. Mallarmé, Paul Valey e James Joyce, entre outros tantos, são escritores inacessíveis para a maioria. No entanto, negar-lhes valor literário constitui, no mínimo, um ridículo. Só porque ao crítico o sr. Resende parece um autor fácil de digerir isso não significa, como quer insinuar a crítica, que todos os autores sofisticados e artificiosos se colocam, do ponto de vista literário, num plano inferior ao do autor gaúcho."

Ronaldo Cruz,  
Porto Alegre, RS

ASSINE O  
COOJORNAL!  
33 Hercul

## FALA BRASIL:



suaviza

AO TERROR

## A solidariedade dos amigos e dos leitores

"Como assíduo leitor do **Coojornal**, sinto temor pela sorte dele e dos outros que estão na lista negra desta cambada de marginais que tenta atemorizar a sociedade brasileira, no momento em que ela toma consciência dos cruciais problemas por que passa. E se isto hoje ocorre é graças unicamente a vocês, que se expõem à sanha dos brutais donos do poder. O temor que aqui expresse é exatamente porque já começo a sentir dificuldades para adquirir estes jornais. No momento em que lhes escrevo, posso assegurar que já procurei o **Coojornal** nos locais de costume e ainda não encontrei, o que acho estranho em virtude de sempre tê-lo encontrado antes.

Outro dia, conversando com um rapaz dono de uma banca situada na Avenida Guararapes, centro, ao indagar sobre o jornal de vocês fui informado de que não havia recebido e que dificilmente voltaria a vendê-lo, em virtude de já ter sido ameaçado anonimamente. Procurei o jornal também noutra banca da Avenida Conde da Boa Vista, onde costumemente estavam expostos todos os jornais da imprensa alternativa, e não vi nenhum exposto. Perguntei ao rapaz da banca se tinha deixado de vendê-los, o que afirmou com um gesto de cabeça e com cara de espanto, como se pensasse que eu fosse tira. Portanto, esta é a situação aqui."

Genival Juvenal de Oliveira,  
Recife, PE

"Como assinante e leitor assíduo, quero cumprimentá-los pelas excelentes reportagens que este jornal vem publicando. Considerando que o **Coojornal** é um dos poucos jornais brasileiros que realmente defendem a informação verdadeira, denunciando as arbitrariedades

que vão contra os direitos e a liberdade dos cidadãos, quero expressar minha revolta contra as ameaças que este jornal vem sofrendo — já que ameaçar os jornalistas que vendem este jornal é a mesma coisa que ameaçá-los diretamente."

Roque Rohden,  
Florianópolis, SC

"Os últimos atentados às bancas de jornais que vendem a imprensa alternativa mostram mais uma faceta da repressão, mais uma arma suja contra a liberdade de expressão. Mas resistimos há anos à censura draconiana, às apreensões de edições, ao boicote branco dos grandes anunciantes e a todo tipo de pressão vinda de todos os lugares. Não será agora que conseguiremos nos calar, com este terror obscurantista.

A revista **Rádice** está inteiramente solidária com todas as publicações atingidas e dispõe-se a trabalhar no que for possível para minimizar os efeitos dos atentados.

Em nossa próxima edição veicularemos nosso protesto público e promoveremos uma campanha de assinaturas de todos os jornais alternativos. Disponham de nossas páginas, de nossa amizade e admiração."

**Rádice** — Revista de Psicologia,  
Rio de Janeiro, RJ

"A CAIS — Cooperativa dos Artistas Independentes dos Subúrbios — vem a público manifestar o seu veemente repúdio aos atentados contra bancas de jornais e expressar a sua solidariedade aos jornalistas, e especialmente, aos jornais **Coojornal**, **Pasquim**, **Hora do Povo**, **Tribuna da Luta Operária**, **Com-**

**panheiro**, **Em Tempo**, **A Voz da Unidade**, **Movimento**, **Correio Sindical**, **O Trabalho**, **O Repórter** e **Convergência Socialista**.

Tais práticas criminosas, visam a disseminar o terror entre os jornalistas com a finalidade de reduzir o avanço da imprensa alternativa. Contudo, sabemos muito bem que nem os jornalistas se intimidarão, nem os jornais alternativos deixarão de defender os interesses populares."

José Antonio Cavalcanti, **Cooperativa dos Artistas Independentes dos Subúrbios**, Rio de Janeiro, RJ

"Fiquei indignado com os atentados feitos a bancas de jornais de todo o país que vendem jornais alternativos e preocupado com a sorte do **Coojornal**.

Minha indignação vem do fato de que tais atentados são uma afronta a toda a sociedade brasileira, pois grupos de desqualificados e doentes estão tentando, pela força, ditar o que cada um de nós pode ler e o que não pode ler. É uma verdadeira barbaridade, porque amanhã eles vão tentar — e talvez até consigam — fazer a mesma coisa com livros, teatro, cinema, etc. Se nós cedermos a mão hoje, amanhã eles vão querer nosso braço. É assim por diante. É uma verdadeira afronta, que não podemos permitir continue a ser feita.

Também fiquei preocupado com o **Coojornal** porque vi que em muitas bancas ele não é exposto. Por segurança, estou agora assinando o jornal, coisa que, aliás, sugiro a todos os admiradores deste jornal. E quero deixar claro que vocês podem contar comigo para qualquer coisa."

Roberto Cavalhaeior,  
Santa Maria, RS

"Diante das investidas da repressão e da escalada do terrorismo com o claro fim de conter o avanço das forças democráticas, colocando em risco os mais elementares direitos do nosso povo, sentimos-nos no dever de honrar um compromisso, firmado nos estatutos da nossa entidade, qual seja o de nos colocarmos ao lado de todos os segmentos que lutam pela democracia. O que está em jogo é a causa democrática, a defesa da liberdade de expressão e manifestação que se encontra ameaçada.

Deste modo assumimos a denúncia dos crimes praticados pelos agentes do obscurantismo e nos dispomos a tentar assegurar a circulação dos jornais da imprensa independente e democrática.

Caso seja da conveniência dos companheiros, nos prontificamos a receber alguns exemplares do jornal editado por vocês para que seja colocado a venda junto aos professores. Tal resolução não implica numa identidade tácita da Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba — seção de Campina Grande, com a linha editorial de nenhum jornal divulgado nem, tampouco, significa que venhamos a receber cota de participação na venda. Ressaltamos, também, que procuraremos sensibilizar os professores para que façam assinaturas dos jornais preferidos.

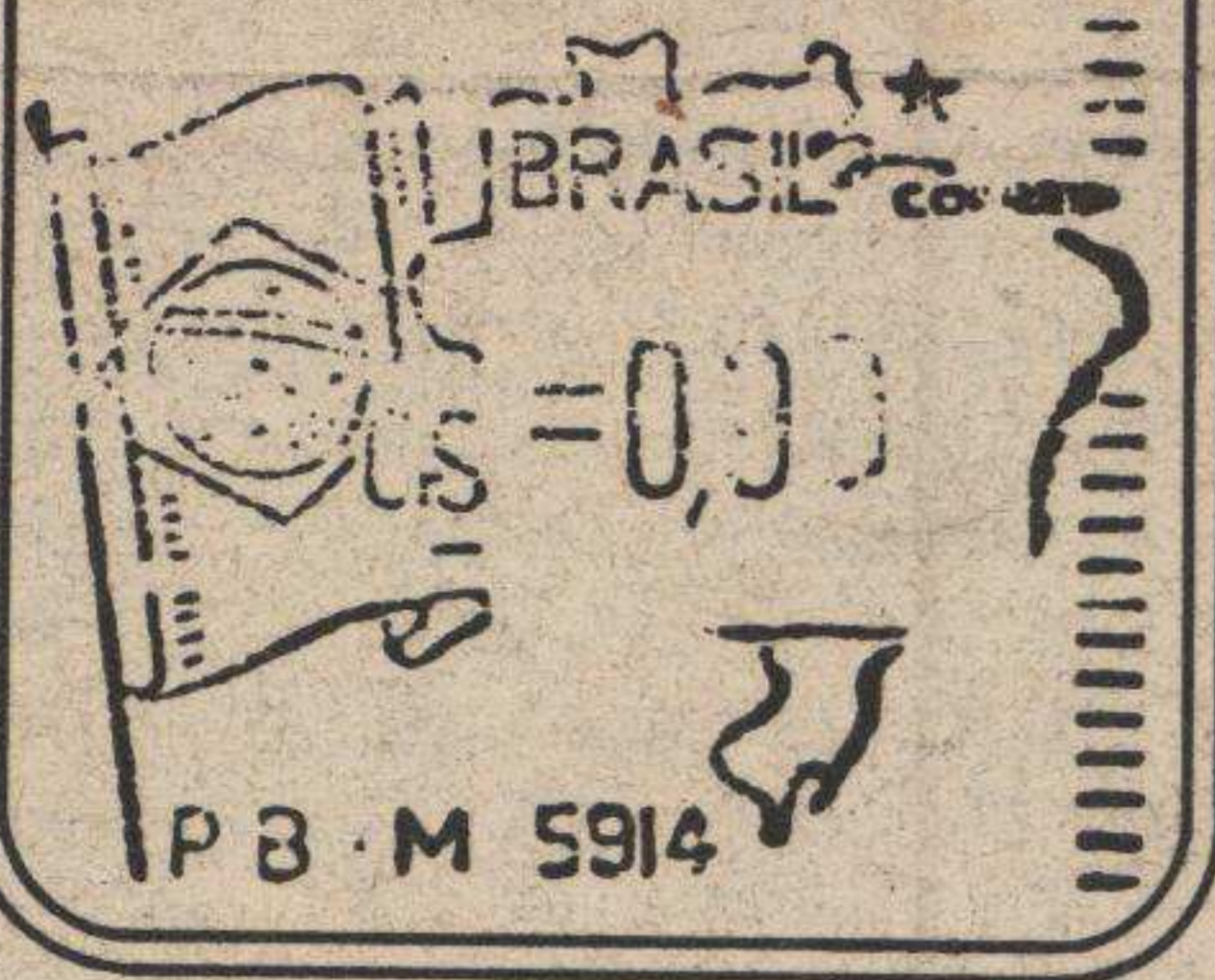
Por outro lado, promoveremos gestões junto a outras entidades para que participem da denúncia do caráter fascista dos atentados ora perpetrados.

Sem mais, reiteramos o reconhecimento pelo esforço desenvolvido pelos companheiros da imprensa alternativa e remetemos nossos votos de apreço e solidariedade."

Wagner Braga Batista  
Diretoria Executiva da Associação de Docentes da Universidade Federal da Paraíba — Campina Grande

NR: Agradecemos aos leitores as manifestações de solidariedade ante a ameaça dos terroristas contra nós, os demais jornais da imprensa alternativa e entidades democráticas do país. É principalmente o apoio do leitor que nos dá estímulo para continuar nosso trabalho e a certeza de que os jornais continuarão circulando, apesar do terror. Para aqueles leitores que não estão encontrando o **Coojornal** nas bancas, uma sugestão: por que não fazer uma assinatura e receber em casa o que os terroristas não querem que você leia?





## Religião: o caminho que cada um escolhe

"No **Coojornal** de maio li a carta do Renato Canini e neste último de julho li duas cartas que faziam referência a ela. Gostaria de fazer algumas considerações a respeito do que foi dito.

O leitor Fábio Telles, ao contestar o Canini, comete um erro imperdoável. Ele cita um versículo bíblico, que na verdade é Josué 24:15 e não Jonas, onde, segundo ele, Deus diz: "Escolhei hoje a quem servais", que no dizer parafraseado do Fábio Telles fica com o sentido de "a vós é permitida a opção, escolhei hoje o que vos agrada e a quem principalmente deveis servir".

O erro imperdoável dele é não verificar o contexto. Se observasse, veria que caso os hebreus preferissem o seguir a outros *deuses*, as conseqüências geradas até mesmo por esse próprio seguir seriam desastrosas. Em outras palavras, e bem dentro do contexto do Velho Testamento, estava sendo proposto a eles a vida ou a morte. O Fábio Telles acerta em parte ao dizer que Deus deu liberdade ao homem para decidir que caminho escolher. Só que o homem, ao fugir do único caminho possível para a volta à sua Humanidade, isto é, àquela capacidade que o distingue dos outros animais, comete um crime contra si mesmo e contra Deus, que a Bíblia chama de pecado.

Em outras palavras, meu caro Telles, o ateísmo é uma opção possível de ser assumida, mas é também uma opção que violenta o homem na sua mais profunda essência (não seria isto um crime?!).

Fecho com o Fábio Telles no que se refere à importância da vivência do Evangelho dentro da realidade em que vivemos, carente demais de mais ação e menos discursos."

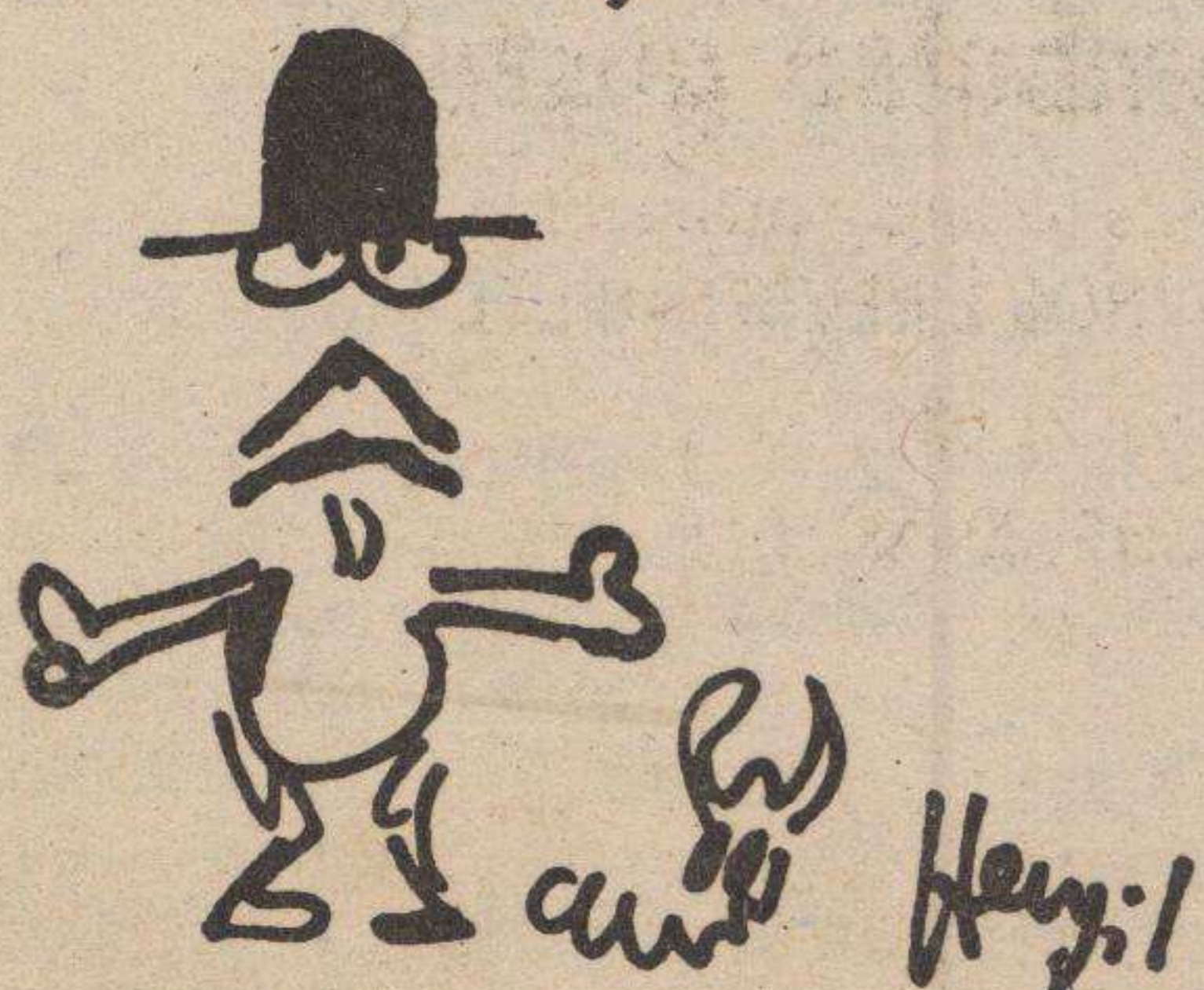
Marcos Gilson G. Feitosa,  
São Luís, MA

## "Os erros do rei e do ditador"

"Gostei muito do **Coojornal** de julho, especialmente do artigo de Jaime Wright, 'a Igreja precisa apontar os erros do rei ou do ditador'. Estou plenamente de acordo com o reverendo Jaime. Meus cumprimentos a ele e a este combativo jornal."

J. Renato Stangler,  
Carazinho, RS

CADE MINHA  
ASSINATURA  
DO COOJORNAL?



## O que querem as loucas da Praça de Maio

"Chamou muito a atenção de todos os brasileiros a presença das *loucas da Praça de Maio* de Buenos Aires por ocasião da visita do Papa João Paulo II a Porto Alegre. Para a maioria do povo surgiu a pergunta: mas por que estas mulheres querem falar com o Papa? — e aos poucos se esclareceu o motivo pelo qual tentavam isto. É que desde o dia em que as forças militares tomaram o poder na Argentina começaram a perseguições aos grupos conscientes do país, chamados, como em quase todos os países da América Latina, de subversivos, e nos países mais atrasados, de comunistas.

Se aplica também para a Argentina a seguinte frase: os regimes militares que infestam o Cone Sul são tão democráticos quanto uma sanfona; abrem e fecham o sistema de acordo com a prepotência e as conveniências dos instrumentalizadores.

Também dos oito países que mais violam os direitos humanos no mundo, quatro ficam no Cone Sul: Argentina, Bolívia, Coréia do Sul, República Centro Africana, Etiópia, Indonésia, Paraguai, Uganda e Uruguai.

As *loucas da Praça de Maio* querem apenas esclarecimentos sobre os desaparecimentos dos últimos seis anos na Argentina, que chegam a 30 mil pessoas. A quantidade de desaparecidos desde o golpe militar na Argentina tem alcançado cifras perante as quais só genocídio nazista tem termos de comparação, disse a revista *Clamor*.

Em outubro de 1979 as Mães da Praça de Maio foram propostas em Oslo para receber o prêmio Nobel da Paz. Esta moção é apoiada pela Argentina Comitente da Suécia e o Partido Socialista Trabalhista espanhol e muitas outras entidades. Fazemos votos de que o encontro delas com o Papa João Paulo II movimento o mundo no sentido de dar apoio aos argentinos presos e que a situação no vizinho país se normalize com a volta à democracia."

Pe. Natalício J. Weschenfelder,  
Palmas, PR



## Engenheiros da Petrobrás contra os contratos

"A partir de 1948, lançou-se o Brasil numa campanha pela garantia de seu potencial petrolífero. Havia então uma pressão dos trustes do petróleo para impedir um levantamento real de nossas reservas.

A opinião pública nacional levantou-se então com a famosa frase *O petróleo é nosso*, estabelecendo-se uma mobilização de entidades civis, militares, estudantis, e sindicais em favor da criação de uma empresa nacional que encaminhasse a pesquisa e lavra de petróleo e garantisse a manutenção do petróleo em mãos brasileiras através do monopólio estatal. Vitoriosa a luta, o monopólio se consolidou através da Lei 2004 e se concretizou na criação da Petrobrás.

A época, foram feitas várias tentativas de sabotar a Petrobrás, sendo inspiradores desses atos os trustes do petróleo. A argumentação de que o país não tinha nem recursos nem tecnologia para empreender tarefa desta magnitude não passava de uma falácia.

Após ter analisado e discutido o problema dos contratos de prestação de serviço com cláusula de risco, os conhecidos contratos de risco, juntamente com outras entidades, a Associação dos Engenheiros da Petrobrás (AEPET) decidiu se pronunciar publicamente contra tais contratos, pelos motivos que se seguem.

— São, a nosso ver, a mais séria

ameaça ao monopólio estatal do petróleo, além de constituírem uma nova versão das iniciativas internacionais que sempre intentaram esvaziar a Petrobrás.

— Foram constituídos arbitrariamente, sem consultar a opinião pública e o Congresso Nacional.

— Não foram debatidos no âmbito da Petrobrás, ficando os técnicos da empresa marginalizados de todo o processo decisório.

— Mostram claramente uma tendência gradual de permitir uma maior participação do capital estrangeiro na exploração petrolífera no país.

— Vêm restringindo gradativamente as áreas de atuação da Petrobrás, ficando hoje limitada a operar em apenas 13,5% de nossas bacias sedimentares.

— São ilegais e inconstitucionais, tendo em vista os textos da Constituição Brasileira e da Lei 2.004, que estabelecem ser a pesquisa e lavra de petróleo no subsolo brasileiro monopólio exclusivo da União, já existindo inclusive pareceres nesse sentido.

Em vista do exposto, a AEPET vem se pronunciar pela anulação dos contratos já assinados e pela erradicação de tais recursos da nossa política de exploração de petróleo."

Associação dos Engenheiros da Petrobrás,  
Rio de Janeiro, RJ

A SUPREMA  
CORTE  
DOS ESTADOS  
UNIDOS  
E OS  
DOCUMENTOS  
DO PENTÁGONO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

## Os Documentos do Pentágono

"Temos a satisfação de encaminhar-lhes, nesta oportunidade, exemplares do folheto editado pela Associação Brasileira de Imprensa, sob o título 'A Suprema Corte dos Estados Unidos e os Documentos do Pentágono', que haverá de ser útil a este jornal, de tão conhecido empenho na luta pelas liberdades, acentuadamente a da imprensa."

Barbosa Lima Sobrinho, presidente,  
Rio de Janeiro, RS

## A fisionomia do São Francisco

"Não foi Graciliano quem a escreveu. Ouvi-a de um barranqueiro de Ibotirama, aqui no Vale do Rio São Francisco — região que estou percorrendo em caráter de estudo destes Brasis como já venho fazendo desde 1972: 'Meu sinhô, o governo cobriu d'água a minha mãe, meu pai e até um filho meu. Tão tudo debaixo desse marzão danado. Tudo que foi morto ficou afogado. Morreu afogado depois de carecer de vida de gente'.

A fisionomia do São Francisco mudou. A jacuba (comida), farinha, rapadura e água, só existe na cabeça dos folcloristas. As carrancas são enfeites para o sulista. Não as vemos nos barcos que navegam aqui no São Francisco — cabe dizer que há menos de 20 embarcações de porte singrando as águas do rio. As pequenas embarcações fazem trajetos de 100, 200 quilômetros, quando muito.

De Sobradinho, numa tentativa de relativo êxito, o Inkra e a Chesf trouxeram dezenas de famílias para o PEC/SR (Projeto Especial de Colonização da Serra do Ramalho). Muitas voltaram. Não suportaram o viver longe do rio. Não se pode, contudo, negar que o PEC/SR tem muitos pontos positivos. São hoje 12 agrovilas com mais de 20 mil habitantes, e entre eles há alguns abastados. Mas a falta de água, o não cumprimento de algumas promessas têm deixado o lavrador desanimado. Todos querem é receber os títulos das terras: 'Já temo aqui há quatro anos e o Inkra não se pronuncia...'

As 12 agrovilas ficam a menos de 30 quilômetros de Bom Jesus da Lapa. São servidas por estrada de terra, têm energia elétrica (o que é extraordinário em se tratando de Nordeste e sertão!) e há colonos com geladeira, rádio, toca-fitas e até discos em inglês...

E cobra não falta: o matagal que existe ali é bom abrigo para elas, que mordem e matam adultos e crianças. E o que se colhe no sertão de Bom Jesus da Lapa? Um pouco de milho, um pouquinho de arroz, mamona, um pouco de algodão."

Jorge Baleeiro de Lacerda,  
Bom Jesus da Lapa, BA



# Gabeira está de volta, desta vez para ficar

*Ele alugou um jipe e percorre o interior com sua nova mulher*

Em agosto, quando estive em São Paulo para lançar seu livro *O Crepúsculo do Macho*, o escritor Fernando Gabeira viu-se muito constrangido ao perceber que as pessoas queriam dar-lhe o lugar numa longa fila de cinema. "Morro de vergonha dessas coisas", diria ele depois. "Gostaria de superar esse estrelismo todo, mesmo porque ele tem uma característica muito conservadora". Gabeira percebe que, no Brasil, principalmente as pessoas famosas têm uma tendência a achar que são "especiais" e começam a ter um comportamento de estrela. Nada mais conservador para este homem que, desde que voltou ao Brasil, em setembro passado, depois de um exílio de 10 anos, vem quebrando tabus à esquerda e à direita, para deleite de alguns e ódio de outros.

— Esse tipo de comportamento vai te podando, como pessoa e como artista. Eu quero andar na rua, rever as pessoas, conhecer coisas, entrar nos ônibus e botequins — diz. E é isso que ele vem tentando fazer desde julho passado, quando retornou ao Brasil pela segunda vez — não mais para as badalações de Ipanema. Agora, ele e uma companheira com quem está há oito meses compraram um jipe de segunda mão e rodam pelo interior do país. "Agora eu estou voltando. Não mais como celebridade, mas como qualquer pessoa que deseja descobrir as coisas". E mesmo assim, às vezes ele não é bem entendido. Há poucos dias, em Ouro Preto, um casal pediu para ser fotografado com ele. Feita a foto, despediram-se e foram embora, deixando o escritor amargurado. "Eu queria conversar, trocar idéias, mas aquelas pessoas só queriam posar ao meu lado".

## A RIGIDEZ DA ESQUERDA

Na sua opinião, o que existe não é idolatria, mas um processo de projeção: "Todo mundo queria ter feito alguma coisa contra o governo. E todo mundo gostaria de ter passado por uma transformação e assumido esta mudança, mesmo sob pressão. Mas enquanto as pessoas me delegaram a sua possibilidade de viverem e se transformarem, estarão paradas no mesmo lugar".

Para ele, o sucesso que vem fazendo desde o lançamento do seu primeiro livro, *O Que é Isso, Companheiro?* — 16ª edição, 120 mil exemplares vendidos —, deve-se principalmente a três fatores: dizer coisas até então proibidas, não só pela censura mas pela própria esquerda, "que não tem tradição de transmitir suas experiências para novas gerações"; uma certa dessacralização da literatura, através de uma linguagem cotidiana; e a sua própria experiência de vida: "Eu escrevo porque vivi, não escrevo para viver".

Esta experiência faz com que ele assumia posições um tanto incomuns para um ex-guerrilheiro, uma forma de ver as coisas que poucos militantes de esquerda da década passada perceberam ou tiveram coragem de assumir. Quebrar a rigidez tradicional dos combatentes revolucionários e admitir que por trás das armas e da ideologia havia pessoas com sensibilidade e fraquezas parece ter sido uma delas. Costar do próprio corpo e aprender a importância que ele tem para a cabeça, outra. E acreditar que as transformações se dão também através de lutas ecológicas, feministas ou homossexuais, outra ainda.

## AS GENGIVAS E ROUPAS

Estas constatações foram sendo formuladas ao longo de seu exílio em vários países da América e da Europa. E são elas que estão descritas neste seu último livro, *O Crepúsculo do Macho*. Entre todas as transformações ocorridas com ele nesses 10 anos, Gabeira focalizou neste livro

aquela mais interessante, segundo ele: o abalo do mito masculino — "talvez o aspecto mais gritante do nosso atraso". É através das inúmeras mulheres com quem se relaciona no exílio que Gabeira vai deixando sua postura de macho insensível, feio e grosseiro. O processo começa mais ou menos na época em que chamou sua atenção para o fato de que quando conversava sobre política, Gabeira excluía as mulheres da conversa. E passa por situações onde sua eventual companheira perguntava por que somente ela deveria estar bonita para vê-lo — enquanto ele insistia em usar roupas escuras e surradas e não tratar de suas gengivas.

Para Gabeira, as mulheres seriam, nesse sentido, um referencial muito forte. Ele acha difícil, por exemplo, que os homens alcancem a evolução feminina, na medida em que as mulheres, muito mais oprimidas, estão mais abertas às transformações. Os homens, como ele os vê, estão muito mais presos ao *establishment*, seguindo os papéis, muitas vezes cômodos, que lhes foram impostos.

Mineiro de Juiz de Fora, ele lembra que os assassinatos de mulheres que ocorrem em Minas são um exemplo: "Enquanto as mulheres ingressam no mercado de trabalho, os homens permanecem estagnados e inseguros de perder sua posição de mando". Mas existem outras transformações que o fazem acreditar tanto na política sexual como na política econômica.

— A derrota da concepção revolucionária no Brasil levou a um questionamento do portador desta revolução: o guerrilheiro, inspirado na Revolução Cubana, entre outras coisas, cheio de concepções machistas — afirma ele. — As sucessivas derrotas determinaram um período de reflexão por parte dos militantes de esquerda, facilitando, inclusive, seus questionamentos pessoais. É nesta esteira que surgem os movimentos feministas, homossexuais, negros e ecológicos e a discussão de nossa experiência existencial.

Gabeira ressalva que nem todos os exilados deixaram-se levar por estas transformações. Alguns tentaram reproduzir a mesma cultura que haviam deixado aqui, nos lugares para onde foram, fechando-se em guetos, resistindo a qualquer evolução. "Viver de feijoada, caipirinha e samba não foi apenas uma forma de se defenderem, mas também de resistir ao novo", acrescenta. "São aquelas pessoas que enxergam o rock como uma coisa colonizante e esquecem a sua origem e seu papel revolucionário".

Enquanto *O Que é Isso, Companheiro?* relata sua experiência na luta armada até a prisão e a saída do Brasil, *O Crepúsculo do Macho* termina quando ele chega de



EdUARDO GUIMARÃES

Gabeira: "Quero andar nas ruas, entrar nos ônibus e botequins"

volta. E muita gente não entende por que, querendo tanto voltar, Gabeira retornaria à Europa poucos meses depois de ter chegado. Ele explica: "Na Europa, por mais que tentasse, não percebia completamente o quanto o Brasil mudara e eu também. A verdade é que o Brasil ficou 15 anos sob uma ditadura e eu não. E acabei idealizando esta volta. Agora posso voltar de verdade — a reintegração é importante, mas é preciso buscar novos caminhos".

As constantes aparições nas páginas dos jornais com declarações e atitudes audaciosas, e as longas discussões que elas geraram, não parecem ter abalado suas convicções: "Eu tenho sentido que a esquerda brasileira sente um certo desprezo pelo que não acontece na classe operária. Talvez as pessoas que padecem deste obreirismo não me vejam contribuindo para uma transformação, porque não estou ligado a um movimento operário". Ele insiste em dizer que está militando, mas que não acredita nos partidos: "O máximo que os partidos políticos nos oferecem são sociedades que vivem em impasse".

## FALTA TALENTO AOS NANICOS

Gabeira acha que as esquerdas estão muito distanciadas das pessoas. "Não existe um projeto de nova vida. As pessoas não se mobilizam apenas em torno de salários, mas da esperança de vida nova e as esquerdas lhes oferecem coisas velhas e tristes. Essa visão que pobre só precisa comer e trabalhar é profundamente burguesa porque supõe que o

pobre não tem necessidades estéticas, culturais e filosóficas. A Rede Globo está aí para provar o contrário e, enquanto não oferecermos alternativas estéticas, eles vão ficar com a Globo. Quem nos deu o direito de estabelecer a hierarquia de prioridade entre as necessidades populares?"

Suas tentativas incessantes de chegar "ao fundo das questões" fazem com que, às vezes, ele exprima suas opiniões com implacável franqueza, como quando se refere aos jornais alternativos ameaçados pelos incêndios das bancas: "Eu apoio totalmente estes jornais, mas sempre que posso digo que o grande inimigo dos chamados nanicos não é a repressão, mas a falta de talento. É chatíssimo ler estes jornais cheios de palavras de ordem e briguinhas partidárias".

O segundo livro de Gabeira, segue a trajetória bem sucedida do primeiro, e ele já anuncia dois novos projetos. O livro *Estradas e Bandeiras*, sobre a volta ao Brasil, e outro chamado *Tanatus Shopping Center*, uma tentativa de entender o choque entre os brasileiros que emigram e os europeus: "A espontaneidade e a sensualidade contra a racionalidade". Ele procura um lugar no campo para escrever, mas esclarece que não se trata de um isolamento cultural e sim da busca de uma alternativa ecológica para a cidade. E pretende superar o marxismo, através do contato com outras civilizações, no caso o Oriente. Como ele diz, "o marxismo é o ponto mais avançado do racionalismo do Ocidente, mas não da humanidade".

CARMEN CAGNO



Biografia do Estado Moderno — R.H.S. Crossman — Liv. Ed. Ciências Humanas — Cr\$ 350,00



Sangue da Terra, A Luta Armada no Campo — Murilo Carvalho — Ed. Brasil Debate — Cr\$ 250,00



A Questão Agrária — Ed. Brasil Debate — Cr\$ 180,00



Vargas — Hélio Silva — LP & M — Cr\$ 230,00



A Democracia Como Valor Universal — Carlos Nelson Coutinho — Liv. Ed. Ciências Humanas — Cr\$ 170,00



O Que é Isso, Companheiro? — Fernando Gabeira — Codecri — Cr\$ 220,00



O Crepúsculo do Macho — Fernando Gabeira — Codecri Cr\$ 320,00

Veja as vantagens de um diálogo direto. Peça hoje mesmo pelo reembolso postal.



Não mande dinheiro agora. Mande o cupom preenchido DIALOGO DISTRIBUIDORA DE LIVROS E REVISTAS LTDA

Garibaldi, 1258 — Fone: 21-6642

C. P. 5006 — PORTO ALEGRE (90.000) R. S.

Nome .....  
End. ....  
Cidade.....  
Estado.....



# Conversa-se muito em Brasília

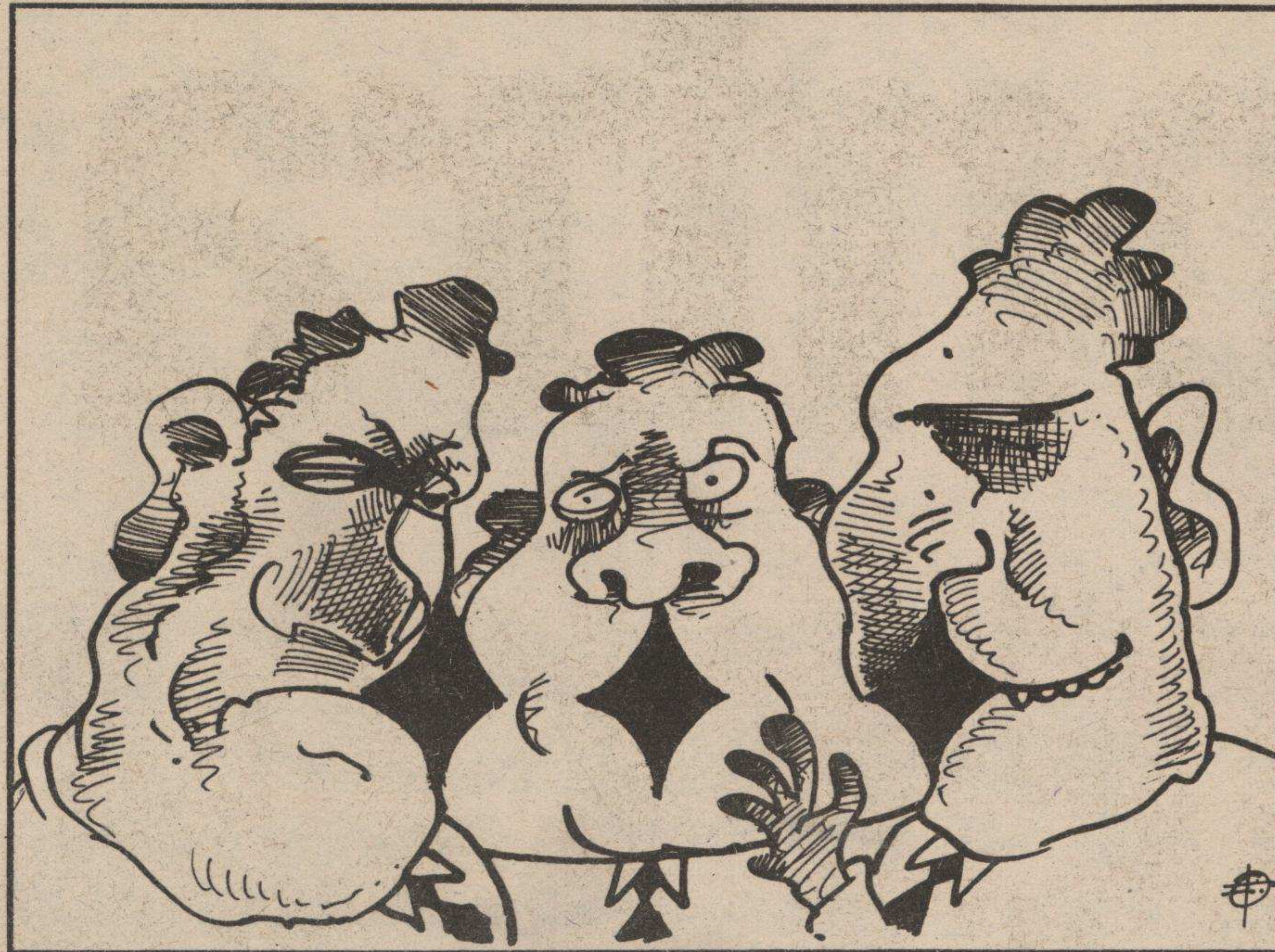
*Eleições de 82,  
a negociação entre  
governo e oposição*

Um jornalista polonês desembarcou em Brasília no início deste ano — na sua primeira viagem ao Brasil — para tentar fazer uma reportagem sobre a abertura política. Trazia em seu arsenal de perguntas aquelas que invariavelmente confundiam políticos e analistas: por que os militares que fizeram 64, decretaram o Ato Institucional nº 5, promoveram uma onda de repressão e censura em todo o país haviam, eles mesmos, decidido promover a distensão do regime? A resposta exige um passeio pela história do país nas últimas décadas e uma percuciente análise da situação internacional.

Se o mesmo jornalista desembarcasse pela segunda vez em Brasília poderia, do alto de sua perplexidade, fazer outra pergunta embaraçosa. Por que os partidos políticos no Brasil não conseguem se entender, a exemplo do que ocorre em todos os países do ocidente? De novo, as lições da história das últimas décadas seriam absolutamente necessárias para compor um quadro de entendimento pelo menos razoável. A verdade é que algumas conversas vêm sendo realizadas, tão tímidas quanto sigilosas, porque o hábito do debate foi relegado a plano inferior na medida em que emergiu o arbítrio.

Há quem lembre em Brasília, nos últimos dias, que a distensão na Espanha e até mesmo em Portugal foi alcançada através de sucessivos entendimentos entre o governo e os partidos de oposição. No Brasil, a julgar pelas declarações mais recentes de parlamentares oposicionistas e porta-vozes governistas, a idéia é maldita. O Palácio do Planalto discrimina entre partidos confiáveis e não confiáveis na sua oposição, que, por sua vez, permanece formalmente inamovível como se algum sopro de modificação institucional pudesse beneficiá-la.

Diante de um quadro desta perplexidade é maior. O não-diálogo prejudica ambas as partes e se assim é por que não conversam? Vale dizer, antes de mais nada, que governo e oposição conversam e têm conversado muito nos últimos meses, sobretudo depois de junho, quando os rumores golpistas — consequência da desagração econômica — alcançaram nível bastante elevado. Conversam sim,



mas a portas fechadas, mantendo cada um a retórica adequada a seu discurso. O governo aceita fazer acordos sobre os assuntos que estão tramitando no Congresso e concordaria em conversar a respeito de barganha ao redor daqueles temas.

A oposição, ou significativa parcela dos oposicionistas, quer do governo garantias de que as eleições de 1982 sejam realizadas limpamente. Isto significa, eleições sem voto distrital, sem Lei Falcão, e despedidas de qualquer casuismo de última hora. É muito cedo para falar de impasse em negociações que oficialmente não foram iniciadas, mas a verdade é que a desconversa do governo e da oposição gira em torno das eleições de 1982. Nunca esquecer que o Congresso que for eleito vai constituir a base do Colégio Eleitoral, cuja missão é escolher o sucessor do presidente João Figueiredo.

Joga-se muito nas eleições de 1982. O governo tem consciência de que vai perder alguns governos estaduais, como Rio Grande do Sul, São Paulo e Pernambuco. A disputa no Rio de Janeiro será extremamente difícil justamente porque se o eleitorado carioca pender para o PMDB (lá a disputa vai acontecer dentro da oposição, porque os chaguitas foram para o Partido Popular), os votos oposicionistas no Colégio Eleitoral poderão somar um número significativo. Assim sendo, mesmo que o governo obtenha a

maioria, numa muito viável aliança com o PP, terá que negociar, cedendo aqui e ali para manter-se no poder. E isto não acontece há muitos anos.

Neste jogo complicado em que cada um vai dispor de suas peças com a habilidade possível, a negociação interpartidária já é uma realidade que continuará a ser negada pelos seus agentes enquanto for inoportuna a sua divulgação. Ninguém divulga tentativa de acordo, mas o seu texto final.

Parece claro que os efeitos políticos das medidas adotadas pelo setor econômico trarão desgaste para o governo federal no teste das eleições. É ingenuidade supor que o Planalto vá admitir tranqüilamente a perda de substância em seu poder. Tanto assim é que manobrou na reforma partidária com o objetivo de obter, através de um partido confiável, o PP (*Partido do Petrônio*, segundo alguns de seus membros), fôlego para alcançar algumas posições em troca de concessões definidas.

Este jogo político que se contradiz com os inflamados discursos não causa perplexidade somente a estrangeiros que desejam estudar a realidade parlamentar do país. Pode ocasionar sérios momentos de dúvida também aos nacionais. Mas será sempre possível distinguir a retórica da política, ingredientes que nestes últimos meses vêm sendo positivamente misturados a um caldo de cultura onde viceja a desinformação.

Por ANDRÉ GUSTAVO STUMPF

## Delfim e Farhat brigam no Planalto

Não era novidade a hostilidade mútua entre o ministro do Planejamento, Delfim Netto, e o da Comunicação Social, Said Farhat, mas ela só tornou-se pública no dia quatro de agosto, por obra do primeiro. Naquele dia, numa rotineira entrevista coletiva, desta vez sobre política salarial, Delfim mostrou-se surpreso com o fato de a Empresa Brasileira de Notícias (EBN) estar burlando a legislação e contratando jornalistas pelo sistema de *leasing*, através de uma empresa privada, a BSB — Serviços Empresariais Ltda.

Além de considerar altos os salários pagos pela EBN — que na verdade são menores do que os das empresas jornalísticas privadas — e aconselhar os seus jornalistas a procurarem emprego nos grandes jornais, o ministro do Planejamento deu outra alfinetada: "Não seria improvável ter alguém *mamãndo no meio*".

Farhat, a quem está subordinada a EBN, respondeu no mesmo dia explicando que o *leasing* era temporário porque a empresa, criada há menos de um ano, ainda não tem quadro de pessoal próprio. Assim, a EBN contrata, através da locadora de mão-de-obra, 153 pessoas na área de serviços gerais, 21 jornalistas e 11 publicitários.

Delfim não desconhecia isto, e a surpresa por ele demonstrada, junto com as suspeições de corrupção, tem outras explicações, segundo se soube depois. Os jornais, tão generosos em dedicar espaços a Delfim ao mesmo tempo em que hostilizam o trabalho de Farhat, não deixariam escapar esta oportunidade para criticar o ministro da Comunicação Social.

Além disto, recém tinham sido divulgados os dados de mais uma pesquisa de opinião pública encomendada ao Ibope pela Secom, na qual ficou demonstrado que o general João Figueiredo vai bem enquanto seus ministros nem tanto. Said Farhat estava prometendo novos e emocionantes dados para os próximos dias, desta vez sobre aspectos sócio-econômicos.

Suspeitava-se que a pesquisa da Secom trazia perguntas diretas sobre o desempenho de cada ministro na área econômica. Delfim, ao denunciar as contratações da EBN, estaria apenas se antecipando a um possível e esperado resultado negativo sobre sua controvertida atuação em um ano de Ministério do Planejamento.

A divergência entre os dois ministros, ao que tudo indica, não terminará tão cedo. A EBN parou de dar cobertura às atividades de Delfim Netto e, desde que ele deu a entrevista, a Secom retirou seu repórter setorial da Assessoria de Imprensa do Ministério do Planejamento.

SEVERINO GOES

# Em busca de alternativas para a economia gaúcha

*Cana-de-açúcar,  
uma das saídas  
para o Rio Grande*

Nos últimos quatro anos, as taxas de crescimento da economia gaúcha vêm diminuindo de modo alarmante. Em 1979, o crescimento foi inferior a zero, ou seja, a economia gaúcha regrediu em relação aos anos anteriores. Esta é a principal revelação da segunda edição do *Ano Econômico*, publicação da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre.

Além de apresentar estes dados em primeira mão, o *Ano Econômico* mostra os balanços dos últimos dois anos de duas mil empresas gaúchas, revelando o desempenho das 100 maiores por receita, patrimônio e lucro. A publicação analisa ainda os 28 ramos da economia gaúcha, com reportagens, pesquisas e a opinião de empresários de cada ramo, e aponta alternativas para o desenvolvimento econômico do estado. De quebra, traz uma reportagem especial sobre a economia de Santa Catarina que, ao contrário da gaúcha, vai muito bem.

O *Ano Econômico*, com tiragem de 18

mil exemplares, está à venda nas livrarias e bancas de revistas do Rio Grande do Sul e nas principais bancas do país. Nesta entrevista, o diretor-editor do *Ano Econômico*, Tomás Pereira, fala sobre a publicação:

**Qual a principal conclusão do Ano Econômico?**

— Sem dúvida, o ponto alto do *Ano Econômico* é a revelação do crescimento negativo da nossa economia. O crescimento, que em 1973 chegou a 18,60%, em 1976 já estava em 3,58%, em 1977 diminuiu para 2,31%, depois para 1,48 e, em 1979, foi para menos 1,40%. Quer dizer, esteve sempre próximo ao zero e, no último ano, foi abaixo de zero. Está certo que as frustrações da soja nos últimos dois anos agravaram a situação, mas mesmo considerando a produtividade média dos anos anteriores, a taxa de crescimento em 1979 seria por volta de 2%, o que é muito baixo.

**Isto significa que os gaúchos estão empobrecendo?**

— Sim, porque somente em 1976 é que o crescimento da economia foi um pouco superior ao crescimento demográfico. Nos anos seguintes, foi bem inferior. Ou seja, a renda per capita da

população gaúcha regrediu. Isto é muito ruim para uma sociedade exportadora de mão-de-obra e com grande migração interna como é a gaúcha, que necessita de empregos.

**O que sobrou de positivo da década de 70?**

— Existe um dado altamente positivo que é a soja. Foi ela quem proporcionou o desenvolvimento da lavoura, mas este dado acabou sendo perverso porque não foi aproveitado em termos de propiciar o benefício de outras culturas paralelas, como o feijão. A cultura da lavoura foi orientada exclusivamente para a exportação e quem lucrou foi a indústria paulista de máquinas e implementos agrícolas. O saldo, que tinha todas as condições de ser favorável aos produtores gaúchos, terminou por causar dívidas e desconfiâncias.

**Em que sentido deve-se reorientar a economia gaúcha?**

— No *Ano Econômico* nós apresentamos algumas alternativas, quase todas voltadas à atividade primária. Uma delas, por exemplo, é a da cana-de-açúcar. Atualmente, o Rio Grande do Sul consome 4,5 milhões de toneladas de cana e produz apenas 800 mil toneladas. Em 1982, o estado consumirá 6 milhões de

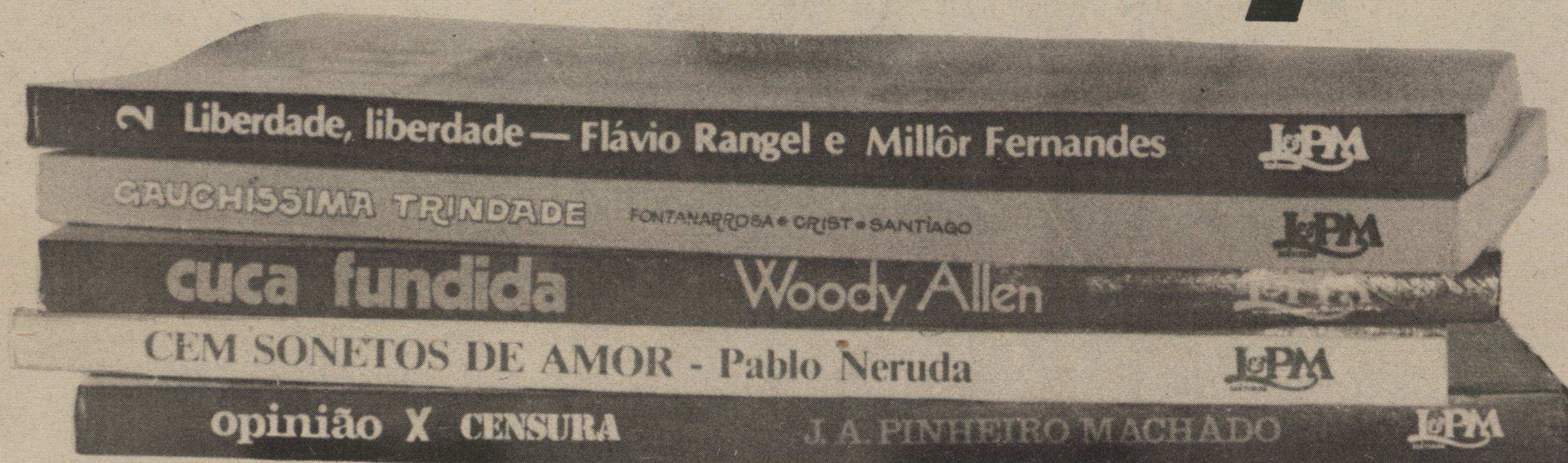
toneladas. Dizem que não temos clima para plantar cana. Mas na região nordeste do estado, casualmente a zona mais pobre, existem 130 mil hectares favoráveis à plantação da cana, dos quais apenas 40 mil são cultivados, e de onde saem as 800 mil toneladas referidas. A produtividade atual é de 22 toneladas por hectare e com assistência técnica pode chegar a 120 toneladas por hectare. Podemos ser auto-suficientes em cana, numa região onde nunca se fez nada. Outra alternativa são as agroindústrias, que não necessitam um investimento superior a Cr\$ 30 milhões e têm investimento fácil. Instaladas junto a vilarejos do interior, elas a um só tempo resolvem o problema de empregos e seguram o produtor no campo, adquirindo sua matéria-prima.

**O que falta para que o Rio Grande do Sul volte a ser um estado rico?**

— Falta basicamente a decisão de adotar um modelo regional de desenvolvimento. É a única maneira de resolver os problemas econômicos e sociais. Ao governo estadual cabe a decisão de adotar uma política econômica regional e criar condições para isto. Em resumo: mais dinheiro e mais decisões a nível local.



# Contra o terror,



# idéias!

Estamos lançando uma grande campanha de assinaturas do **Coojornal**, procurando neutralizar os efeitos dos atentados terroristas contra as bancas de jornais e revistas.

*Participe você também da campanha contra o terrorismo e ajude a manter o Coojornal.*

A cada três assinaturas do **Coojornal** que vender para seus amigos, parentes e colegas, você terá direito a escolher um destes livros:

Liberdade, Liberdade — Millôr Fernandes; Cem Sonetos de Amor — Pablo Neruda; Cuca Fundida — Woody Allen; Opinião x Censura — J.A. Pinheiro Machado; Gauchíssima Trindade — cartuns de Santiago, Crist e Fontanarrosa

**Se você vender cinco assinaturas do Coojornal, terá direito a escolher dois livros!**

Para ganhar os livros você precisa encaminhar duas coisas:

- 1) Nome, endereço e profissão de cada assinante
- 2) O valor das assinaturas, através de vale postal ou cheque nominal para Coojornal

Preencha o cupom e remeta-o, junto com vale-postal ou cheque, para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.  
Rua Comendador Coruja, 372  
Porto Alegre 90.000 - RS.

Em anexo estou enviando assinaturas do Coojornal, e quero receber os livros abaixo assinalados:

- Liberdade, Liberdade — Millôr Fernandes
- Cem Sonetos de Amor — Pablo Neruda
- Cuca Fundida — Woody Allen
- Opinião x Censura — J.A. Pinheiro Machado
- Gauchíssima Trindade — Santiago, Crist e Fontanarrosa

**Cada assinatura anual custa apenas Cr\$ 440,00**



# A abertura chegará ao Congresso?

O Congresso Nacional ainda não votou qualquer projeto este ano. Para um observador da política nacional, deputado oposicionista, a constatação acima pode dar uma idéia real do que seja a atividade parlamentar hoje no país, e, especialmente, a condição de deputado de oposição neste Brasil de 16 anos de regime autoritário, onde o Executivo dá as cartas e joga "de mão".

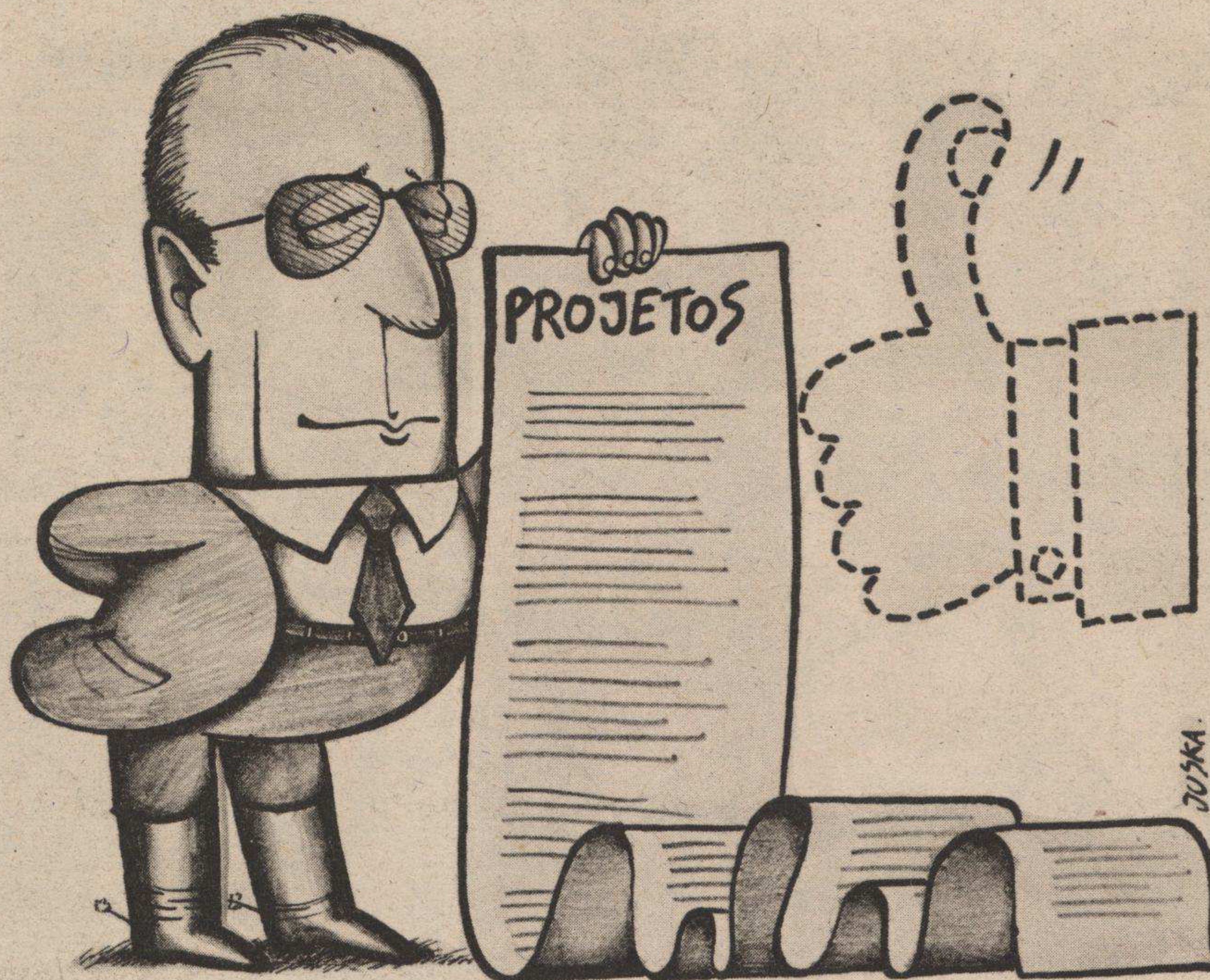
Todos os projetos importantes deste ano ou passaram por decurso de prazo ou foram arquivados por falta de quorum, ausência na votação. Na lista, pode-se destacar: a Lei dos Estrangeiros, o projeto que reformulava o sistema de distribuição de impostos aos municípios, o projeto de eleições diretas para prefeituras das capitais e o projeto que permitiria a eleição de deputados federais, individualmente, mesmo que suas legendas não alcançassem o mínimo exigido pela Lei dos Partidos, nas eleições de 1982.

No entanto, como em política o último elemento a abandonar a sala é o otimismo, ainda há quem espere alguma melhora até o final do ano. Afinal, garantem os otimistas, poderemos assistir a pelo menos três votações: a da lei que prorroga mandatos de vereadores e prefeitos por mais dois anos, a das eleições diretas para governador de Estado e Senado Federal em 1982 e a que restaura algumas prerrogativas do Congresso Nacional.

A primeira delas, a que presenteia com mais dois anos de mandato vereadores e prefeitos brasileiros, é de total responsabilidade do Governo, que garante ter condições de aprovar a dívida somente com os seus parlamentares. Há quem diga, porém, que a emenda será aprovada contando com votos da oposição, especialmente deputados do PP, vinculados ao governador Chagas Freitas, do Rio de Janeiro, conhecido amigo do regime instaurado em 1964.

Fontes do Palácio do Planalto, inclusive, esfregam as mãos quando pensam nos possíveis votos chaguistas a auxiliar a posição governista. As fontes palacianas afirmam que, desta vez, "Chagas Freitas até jurou" que daria votos ao Governo. E o governador carioca, dizem, jamais jurou em falso, pois bom cristão seria. O suspense deve terminar na primeira semana de setembro, quando a emenda for votada.

Na emenda das eleições diretas, ao que tudo indica, pela primeira vez em muitos anos haverá consenso: Oposição e Governo votarão juntos. Os partidos de Oposição, os principais pelo menos, já anunciaram que votarão a favor da emenda, igualmente de autoria do Governo. É que no fundo esperam, através de eleições livres, chegar a alguns governos estaduais em 82.



O que a Oposição pede, simplesmente, é que o Governo garanta a realização de eleições realmente livres, isto é, sem Lei Falcão, sem voto distrital, sem casuísmos, sem qualquer tipo de alquimia política do laboratório do "Dr. Go", como é chamado por setores da Oposição o ministro Golbery do Couto e Silva. Com essas garantias, a Oposição espera faturar alto em termos de governadores e deputados federais.

No lado do Governo, a mesma possibilidade de atingir executivos estaduais pelo voto direto, faz com que não existam vozes publicamente discordantes da emenda. No lado governista já proliferam os candidatos, muitos deles, em campanha aberta, como o ex-governador do Espírito Santo, Elcio Alvarez e o atual prefeito de Salvador, Mário Kertzer, apenas para citar dois que se destacaram em recentes convenções pedessistas no nordeste.

No caso das prerrogativas, a situação muda. A aprovação da emenda não será tão fácil quanto espera o autor da proposta e presidente da Câmara dos Deputados, o cearense Flávio Marcílio, do PDS. O Governo não quer abrir mão de dois pontos: decurso de prazo e inviolabilidade total do mandato parlamentar.

O Governo quer manter a figura do decurso de prazo, que consiste na aprovação de projetos do Executivo vencido o prazo de tramitação estipulado

pelo próprio Executivo. A emenda de Marcílio acaba com isso, pois entende que todo e qualquer projeto que vai ao Congresso deve ser votado. Rejeição ou aprovação, mas sempre pelo voto. O Governo não quer abrir mão de seu privilégio e já fez sua contraproposta: vencido o primeiro prazo, a matéria entra em regime de urgência por um certo número de sessões (de seis a oito), após o que passaria inapelavelmente por decurso de prazo.

A comissão mista que examina a emenda também imaginou uma saída: vencido o prazo inicial a matéria entraria na pauta, obstruindo todo e qualquer projeto pendente de decisão. A pressão dos interessados nos outros projetos, que passariam a trazar só porque a matéria do Governo não teria sido votada, obrigaria os parlamentares a uma decisão. A proposta da comissão é, pelo menos, mais democrática, pois legitima a figura da pressão dos interessados sobre os congressistas, além de obrigá-los a votar sempre, contra ou a favor, coisa que hoje muita gente não faz.

A questão da inviolabilidade total também é importante. O Governo não quer tão total assim e propõe a possibilidade de processo no caso de crimes contra a honra. Diz que esses crimes estão juridicamente definidos e garante que não deixará passar a proposta da emenda, que é pela inviolabilidade total do mandato.

A negociação vai continuar e ainda é cedo para maiores prognósticos. De todo modo, esperam os otimistas que até o final do ano a famosa "abertura", que já atingiu segmentos variados e importantes da sociedade brasileira, chegue efetivamente ao Congresso Nacional, onde poderá ser realmente fundamental para os destinos do país.

Com esse pano de fundo, Oposição e Governo tinham começado a conversar, timidamente, em jantares ou almoços íntimos, cercados pelo maior segredo. Sabia-se pouco desses encontros, apenas que eles reuniam, pelo Governo, José Sarney, Célio Borja, Abi-Ackel, Aureliano Chaves e Golbery do Couto e Silva. Pela Oposição, Tancredo Neves, Paulo Brosard, Ulysses Guimarães, Rafael de Almeida Magalhães e Severo Gomes.

O mês de agosto, estranhamente tranquilo até sua última semana, terminaria sob esse suspense, não fossem as bombas, fatais, do Rio de Janeiro. A partir delas, e dos dramáticos discursos presidenciais que se seguiram, os contatos entre opositores e governistas saíram da sombra. Foram unânimes os comentários da Oposição a favor da posição assumida pelo Presidente da República.

Contra o terrorismo, fez-se a união nacional. Se ele for realmente derrotado, como o país inteiro espera, muitos obstáculos para o entendimento entre os políticos brasileiros terão sido superados. Os passos iniciais já foram dados, quebrando-se o encanto que colocava como impossível, qualquer negociação entre as partes.

As desconfianças vão permanecer de parte a parte, o que é perfeitamente natural em política. Prender terroristas não significa resolver os problemas econômicos da Nação. A Oposição sabe disso e vai continuar cobrando do Governo medidas concretas contra a inflação, a favor de preços baixos e melhores salários.

O que ficou claro neste final de agosto é que há gente disposta a entender-se, a negociar, de um lado e de outro. Tanto assim, que as conversas não ficaram confinadas apenas ao setor político. Há militares que também participaram de alguns encontros. A permanência e o aprimoramento das instituições democráticas igualmente os envolve e eles, por isso, devem trazer à mesa das negociações suas idéias a respeito do futuro do país. Mesmo que não tenham conseguido resolver os problemas nacionais, os militares — e seus assessores tecnocratas — ainda contam com muita força a seu favor. Pensar o contrário é ingenuidade.

## UNIPREV

MONTEPIO FUNDADO EM 13 DE AGOSTO DE 1965  
**HÁ 14 ANOS PROTEGENDO A**  
**FAMÍLIA BRASILEIRA.**



UNIÃO PREVIDENCIÁRIA  
 RUA DOS ANDRADAS, 1251 — 9º ANDAR  
 TELEFONES: 21-3625 — 21-5869  
 PORTO ALEGRE — RS

SEDE: PORTO ALEGRE



# Anestesia mortal

*Em Novo Hamburgo, mortes inexplicáveis após as cirurgias levantam suspeitas contra o dr. Andreoli*

Depois de três meses de investigação, a polícia de Novo Hamburgo — cidade de 130 mil habitantes, no vale do Rio dos Sinos a 45 quilômetros de Porto Alegre — conseguiu segurar o fio de uma meada que, se for puxado até o fim, levará ao esclarecimento da causa da morte da menina Grasiela Endres, ocorrida no dia 8 de março deste ano, no Hospital Regina. E que poderá levar também ao esclarecimento de outros cinco casos ocorridos nos dois hospitais da cidade em circunstâncias semelhantes: parada cardíaca durante ato cirúrgico, seguida de coma e morte. E, ainda, chamar a atenção sobre casos de morte ocorridos em hospitais e logo abafados por uma espécie de lei do silêncio propiciada pela existência do Código de Ética dos Médicos.

O levantamento dos fatos, divulgados principalmente pelo jornal *NH*, um dos três diários que circulam no vale — centro industrial do couro e do calçado — provocou a reação da categoria médica da cidade (140 médicos locais, cerca de 60 médicos que residem fora e seis anestesistas). Gradualmente os médicos foram retirando seus anúncios profissionais do jornal. Também a Associação Médica de Novo Hamburgo, através de seu presidente, Fernando Konarzewski, enviou circular sigilosa aos anestesistas, alertando sobre "graves problemas" que estariam ocorrendo no setor.

A partir da abertura do inquérito, determinado ao delegado Antônio Carlos de Oliveira pelo juiz Luiz Matias Flach, notou-se uma sensível melhora no atendimento aos pacientes hospitalizados, que passaram a receber mais atenção por parte dos médicos. Houve também uma natural retração entre os pacientes que, assustados com a revelação da ocorrência de seis casos de morte, atribuídos a problemas na área de responsabilidade do anestesista, preferiram protelar suas operações.

## BARREIRA DE SILÊNCIO

Grasiela Endres, de 11 anos, voltava da escola no dia 4 de março quando foi atropelada pelo Volkswagen placa BT-4043, dirigido por Pedro Álvares Guimarães, fraturando o fêmur da perna esquerda. A menina foi levada primeiro ao pronto-socorro Prontomed e depois ao Hospital Regina, onde ficou internada. O pai, Guido Endres, optou por uma cirurgia em vez de gessamento, tendo em vista que assim Grasiela voltaria mais depressa às aulas, que tinham começado justamente naquele dia.

A cirurgia, realizada no dia 6, transcorreu normal quase até o final. Egon Henning, o cirurgião, havia colocado uma haste intramedular no fêmur fraturado e já se preparava para suturar a incisão quando a menina começou a se mexer. De acordo com depoimentos tomados posteriormente pelo delegado, o anestesista Ivon de Macedo Andreoli não se encontrava na sala cirúrgica nesse momento, embora sua função fosse controlar os órgãos vitais da paciente.

Chamado às pressas, Andreoli aplicou mais uma quantidade de anestésico e a sutura já estava sendo finalizada quando constatou-se uma parada cardíaca em Grasiela. Mais uma vez o anestesista não estava na sala. Quando retornou — chamado pela circulante — passou a fazer massagem cardíaca na menina, que entrou em coma, morrendo dois dias depois, justamente no dia do aniversário do cirurgião Henning.

Na Circunscrição Regional de Trânsito (Ciretran) de Novo Hamburgo, onde o acidente de trânsito foi registrado, o delegado Antônio Carlos de Oliveira es-



Grasiela Endres: sua morte provocou o inquérito

tranhou o texto do atestado de óbito: "Acidente de trânsito: insuficiência cerebral consecutiva à parada cardíaca". O laudo de necrópsia realizado pelo Instituto Médico Legal, em Porto Alegre, só chegou a Novo Hamburgo quatro meses depois. Assim mesmo depois de muita insistência do delegado, que enviou três ofícios ao IML e fez até gestões pessoais. O laudo dizia que a morte de Grasiela tinha ocorrido por "complicação cirúrgica: colapso cárdio-respiratório decorrente de ato cirúrgico".

Sem elementos para determinar se tinha havido ou não um homicídio de trânsito, o delegado pensou em abrir inquérito para investigar o caso. E aí encontrou as primeiras dificuldades: uma espécie de barreira de silêncio em que as informações só apareciam com grande dificuldade. O diretor do Hospital Regina, Hélio Rist Dias, enviou uma lista incompleta dos profissionais que trataram de Grasiela e anunciou que a ficha médica da menina só poderia ser requisitada por autoridade judicial.

## SEIS CASOS

A requisição foi feita pelo juiz Flach, que remeteu ao delegado o relatório de 41 folhas que lhe havia chegado do hospital, determinando a abertura do inquérito. No relatório, além dos nomes dos profissionais que participaram do ato cirúrgico (Egon Henning, cirurgião; Luiz Ziegler de Jesus e Renato Luiz Michelin, auxiliares de cirurgia; Eugênia Noêmia Dreger, instrumentadora; Helma Henz, circulante; Ivon de Macedo Andreoli, anestesista; e Ledir Ocanha da Silveira, auxiliar de anestesista) constavam também os nomes dos médicos que atenderam a menina após a cirurgia (Alcides Brandalise Júnior, Carlos Alberto Lehnen, Gilvan Roberto Fontoura, Luiz Fernando Deferrari e João Batista Heck).

O inquérito foi aberto no dia 16 de julho, com o depoimento do anestesista Ivon de Macedo Andreoli, que durou três horas e foi encerrado com a seguinte declaração: "A verdadeira causa da morte de Grasiela foi um acidente paralelo ao tratamento e está fora de questão qual-



Andreoli: "Não houve negligência ou imperícia"

quer possibilidade de negligência, imperícia ou imprudência por parte dos profissionais que participaram do ato cirúrgico". Andreoli disse também que não se recordava de haver saído da sala durante a cirurgia.

No depoimento, o anestesista admitiu, entretanto, o que já se sabia através de comentários na cidade: já tivera diversos casos de parada cardíaca e em cinco deles os pacientes haviam morrido posteriormente. Na época admitiu também que a paciente Ercy Nádia Bauer, de 47 anos, internada há cinco meses, em estado de coma no Hospital Operário Darcy Vargas, havia sofrido parada cardíaca durante cirurgia em que ele tinha atuado como anestesista. Ercy Nádia faleceu um mês após o depoimento de Andreoli, aumentando para seis o número de casos fatais ocorridos durante sua carreira de 12 anos, em que, segundo afirma, atuou em mais de 16 mil anestésias.

Ao todo, o delegado Oliveira ouviu 17 depoimentos, incluindo o do pai de Grasiela, que lamentou que a categoria médica da cidade estivesse se escudando no Código de Ética para sonegar informações em vez de ajudá-lo a apontar o culpado pela morte da filha. O médico Gilvan Roberto Fontoura chegou a negar-se a responder 19 das cerca de 30 perguntas que lhe foram feitas.

Mesmo assim há um consenso entre eles: é necessária a presença do anestesista durante todo o ato cirúrgico porque ele é o responsável pelas funções vitais do paciente. Os depoimentos deixaram claro também que Andreoli se afastou da sala cirúrgica pelo menos por duas vezes. A instrumentadora Eugênia Noêmia Dreger afirmou que o anestesista se afastou duas vezes da sala e que o ato cirúrgico em si não concorreu para o óbito. E ainda: que a morte de Grasiela ocorreu em área de responsabilidade do anestesista.

## AÇÃO CIVIL

A circulante Helma Henz confirmou as afirmações de Eugênia e acrescentou que a assistente de Andreoli, Ledir Ocanha da Silveira, não se encontrava na sala quando ocorreu a parada cardíaca. Também o cirurgião Henning afirmou que Andreoli costuma ausentar-se durante as cirurgias e que outros anestesistas não fazem isso. E o médico Alcides Brandalise Júnior citou o caso de outra paciente, operada por ele e anestesiada por Andreoli, que faleceu após parada cardíaca.

Walmor Cervi, o advogado da família Endres, acha estranho que os médicos de Novo Hamburgo tenham, aparentemente, se revoltado contra a imprensa. Segundo Cervi, o corpo médico de Novo Hamburgo é constituído por pessoal de "alto gabarito" e a categoria deveria esforçar-se para evitar que a atuação de uns poucos viesse a desfazer essa boa imagem, em vez de partir para a defesa do grupo.

A defesa do grupo foi, provavelmente, a responsável pela demora na chegada do laudo de necrópsia, assinado pelo relator, médico Amílcar Baruc Rizzo Correa, que, por coincidência, é de Novo Hamburgo. Segundo o chefe da Seção de Clínica Médica Legal do IML, Gastão Egídio Schirmer, o dr. Amílcar deixou de requisitar o auto toxicológico, que poderia ter demonstrado a existência de substância tóxica no corpo de Grasiela.

Ao mesmo tempo em que o resultado do inquérito era levado ao juiz, a família de Ercy Nádia Bauer, a sexta vítima de parada cardíaca após anestesia do dr. Andreoli, mandava publicar no jornal *NH* um agradecimento e convite para culto. O texto não incluía o nome do anestesista, apenas agradecia aos médicos Lutero Renck, Gilvan Fontoura, João Batista Heck e Waldemar Lenz "pelo carinho e atenção dedicados (a Ercy Nádia) após a realização da cirurgia que a vitimou".

Agora o inquérito sobre a morte de Grasiela Endres será encaminhado ao promotor da Vara Criminal, dr. José Girelli, que deverá optar por proceder à denúncia de uma ou de mais pessoas envolvidas no caso, ou baixar o inquérito novamente à polícia para novas diligências. O próximo passo do advogado Walmor Cervi é entrar com ação civil contra os responsáveis pela morte de Grasiela. Se vencer a questão, a quantia será doada a uma instituição de caridade de Novo Hamburgo.

ADEMAR VARGAS DE FREITAS





José Eduardo Jara,  
morto pelo Covem

## Chile: morte e seqüestro de jornalistas

Está em franca atividade no Chile um novo grupo paramilitar, autodenominado Covem (Comando de Vingadores de Mártires), que possui uma característica que o diferencia dos demais agrupamentos congêneres que operam impunente no Cone Sul: sua especialidade é seqüestrar e matar jornalistas. Em dois meses, o Covem matou o estudante de Comunicação José Eduardo Jara e seqüestró vários jornalistas, entre os quais o respeitado Chefe de Redação da Rádio Chilena e diretor do Departamento de Opinião Pública do Arcebispo de Santiago, Guillermo Hormazabal. Os seqüestros foram cometidos em plena luz do dia, em locais movimentados e nas ruas centrais de Santiago.

José Eduardo Jara, de 28 anos, foi detido juntamente com sua companheira, Cecilia Alzamora, de 23 anos. Os dois foram barbaramente torturados e, depois, abandonados num vilarejo próximo à capital chilena. Segundo Cecilia, José Eduardo sofreu sérios ferimentos nos órgãos genitais. Ela conta:

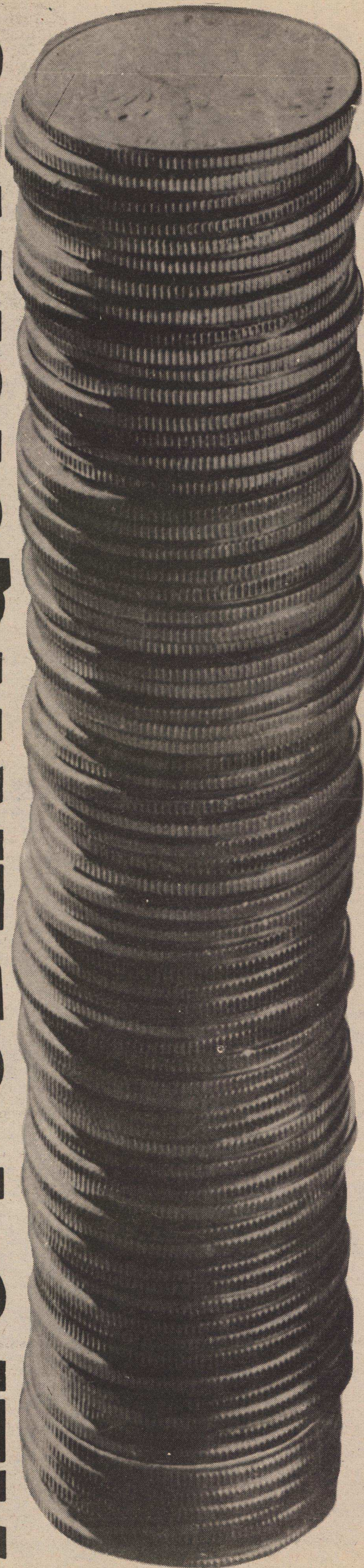
— Eles mandaram que eu deitasse no chão e contasse de 20 a zero. Pensei que iam nos fuzilar e Eduardo já estava totalmente fora de si. Quando conseguimos chegar ao povoado de La Reina, nenhum habitante quis nos socorrer, temendo represálias. Até que uma mulher chamou um carabineiro que nos levou a Santiago. Poucas horas depois, meu companheiro morreu.

O Covem surgiu após o assassinato do coronel Roger Vergara, diretor da Escola de Inteligência do Exército, por guerrilheiros, em 15 de julho. Segundo testemunhas, o grupo é formado por homens de bom aspecto e nível cultural, e utiliza métodos de interrogatórios semelhantes aos da Dina e do CNI (Centro Nacional de Inteligência). Em poucos dias foram seqüestrados mais de uma dezena de jornalistas e estudantes, sem que nada fosse esclarecido pela polícia.

Com exceção dos jornais *La Nación* e *La Tercera*, ligados ao governo do general Augusto Pinochet, a imprensa chilena condenou os atentados e exigiu a aplicação de medidas drásticas aos responsáveis. A revista semanal *Hoy*, por exemplo, lembrou que está em vigor a rigorosa Lei Anti-Terrorista, de 25 de abril de 1979, que prevê pena de morte aos que "organizam, pertencem, financiam, ajudam, incitam, induzem, etc. a criação e financiamento de milícias privadas, grupos de combate e outros".

MARINA WODTKE

# ALTO PODER AQUISITIVO



*Se o produto ou serviço que sua empresa vende é destinado ao público classe "A", utilize uma emissora que convive com a classe "A" nas 24 hs. do dia.*

**RADIO  
UNIVERSAL  
FM STEREO**

*Peça sem compromisso a presença de nosso contato pelos fones: 23.80.11 ou 23.07.53 e multiplique suas vendas na classe "A".*



# A primeira vítima foi o Barão

Por HÉLIO SILVA (\*)

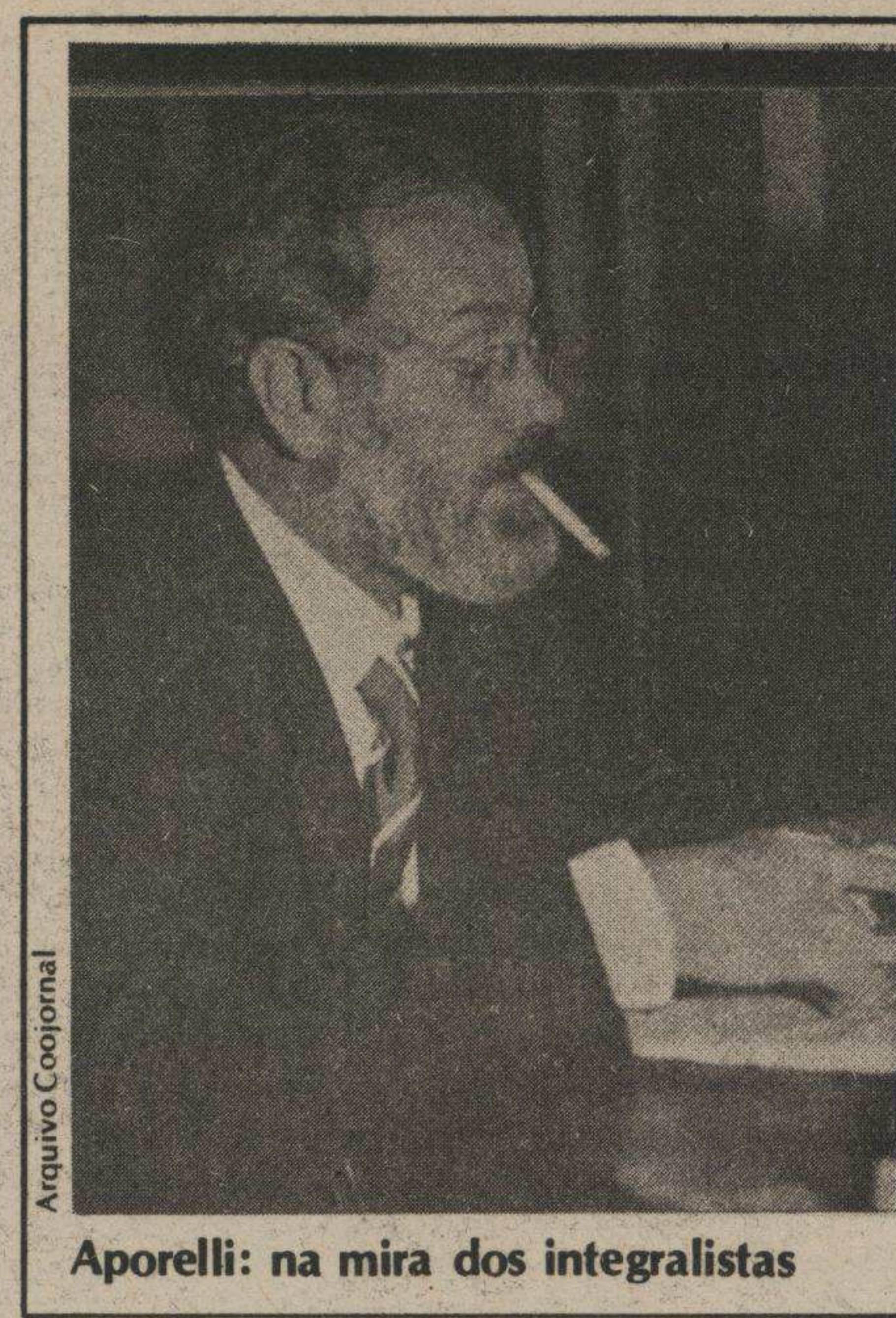
É necessário fazer uma distinção entre o ato terrorista e o ato violento do curso de uma ação revolucionária. Temos ao longo da história do Brasil atos de violência. Particularizando o período republicano, encontramos a época de Floriano como uma fase de reação violenta e choques sangrentos, execuções sumárias — caso do Barão do Cerro Azul — mas que não considero atos de terrorismo e, sim atos violentos resultantes da natureza da própria ação revolucionária.

Essas crises revolucionárias, primeiro com Floriano, depois com Prudente de Moraes o assassinato do ministro da Guerra, marechal Bittencourt, com Hermes da Fonseca a Revolta da Chibata, a revolta da Ilha das Cobras, o primeiro e o segundo 5 de Julho, a Coluna Prestes, a

luta da sucessão presidencial em 1930, o assassinato de João Pessoa, antes disso o assassinato do deputado Souza Filho são atos violentos. Mas nenhum deles, a meu ver, pode ser chamado de terrorismo.

O que caracteriza o terrorismo é exatamente um ou vários atos violentos, possivelmente de mortes, mas destinados a criar um clima de medo, um clima de terror. Isto é relativamente recente na história do Brasil. Encontramos o primeiro exemplo de um grupo que pratica um seqüestro, seguido de violência física com objetivo de atemorizar e de criar um ambiente de terror no atentado contra o jornalista e humorista Aparicio Torelli, o Aporelli, Barão de Itararé. Num jornal que ele dirigia, *A Manhã*, escreveu um artigo que foi considerado insultuoso por alguns oficiais da Marinha. Esse grupo, em que predominavam integralistas, seqüestrou Aporelli — um homem de pouca resistência física, quase hemiplégico, andando com dificuldade — levou-o para a Gruta da Imprensa, espancando esse homem, raspando sua cabeça, deixando-o de cuecas e levando sua roupa para exibir na redação de um vespertino.

Isso foi um ato de terrorismo. Acon-



Aporelli: na mira dos integralistas

teceu em 1938. Esse ato resultou impune. Criou-se uma mística de que o brio da Marinha tinha ofendido, o ministro da Marinha declarou que ele teria tomado parte desse incidente se fosse mais moço e esses homens não foram punidos. É também uma característica que acompanha muitas vezes o terrorismo — a impunidade dos seus autores, o que faz com que seus atos se multipliquem.

Depois disso, o que aconteceu foi que tivemos o primeiro ato de terrorismo político que eu conheço na história do Brasil. Ou seja, um grupo, um partido político, que organiza uma ação terrorista, traça os planos, arma seus componentes, organiza bandos e executa esse plano. Isso aconteceu em maio de 1938. A Ação Integralista Brasileira tinha colaborado com o golpe de 10 de novembro de 1937. Mas não capitalizou os lucros políticos, porque Vargas foi quem os capitalizou nessa operação, que foi, como provo num dos meus livros, traçada e determinada pelos chefes militares numa reunião no Ministério da Guerra, em 27 de setembro de 1937.

Então, o integralismo caiu na clandestinidade. Transformou-se numa associação literária, recreativa, mas per-

maneceu com sua estrutura para-militar e tomou parte de uma conspiração, juntamente com outras forças políticas anti-getulistas. Tocou ao integralismo uma ação particular. Ele então organizou grupos que têm a missão de seqüestrar, prender e matar se necessário várias personalidades. O *Globo* publicou uma fotografia na primeira página, mostrando que um atirador escolhido havia se postado numa árvore do Palácio Guanabara e atirado no gabinete de Getúlio Vargas, que só não foi morto porque se afastou da cadeira no momento.

## ATOS DE BARBARISMO

Outros grupos tinham como missão especial seqüestrar e matar o ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, o chefe de Polícia do Distrito Federal, Felinto Muller, o Chefe do Estado Maior, Goes Monteiro. Este plano figura no processo hoje arquivado no Arquivo Nacional e publicado no meu livro *1938 — Terrorismo em Campo Verde*. Se não houve mais mortes, foi porque o plano fracassou, dominado a tempo pela reação. O fato de o plano não ter sido vitorioso não lhe tira o caráter de primeiro plano político-terrorista executado no Brasil.

Depois disso, tivemos, como plano organizado, algumas expedições punitivas. Encontramos na história do Partido Comunista a execução de alguns comunistas. Temos o caso da Elza Fernandes, temos o caso do Tobias, que eram elementos comunistas que em dado momento foram considerados perigosos e foram eliminados, numa queima de arquivo, como se costuma dizer agora em relação aos que sabem demais. Não considero ato de terrorismo as torturas, as prisões, as violências da polícia, do Exército, das Forças Armadas, os assassinatos de Stuart Angel, Mário Alves, Rubens Paiva e de outros. Esses foram atos de barbarismo, mas não terrorismo.

O terrorismo visa não uma punição. Tanto que muitas vezes atinge uma pessoa que não tem nada com o caso. O terrorismo visa dar uma sensação de insegurança. Então, faz isso ou para abalar o governo ou para tornar uma situação grave e preconizar medidas enérgicas de endurecimento político. O terrorismo no Brasil tem essa característica, não é como o terrorismo basco ou italiano, que têm objetivos políticos limitados de independência e libertação. Os seqüestros de aviões que tivemos, visavam libertar determinados presos políticos. Não havia a preocupação de matar.

O que está havendo recentemente é uma escalada de atos terroristas que já somam 70. Portanto, é uma seqüência, o que pressupõe uma organização. Há um objetivo claro, que é o de amedrontar, para que ninguém proteste contra a violência. Isso é o que apavora. Apavora porque a seqüência desses atos visa criar o medo, o pavor.

Essa escalada foi possível por uma razão: pela impunidade. Por que essa impunidade? Não posso acreditar que não haja maneiras de se descobrirem esses criminosos. É difícil descobrir um criminoso primário. Mas o criminoso contumaz, aquele que repete o seu ato, evidentemente esse homem caracteriza sua ação de tal natureza que o policial pode descobri-lo.

Depois, temos polícias bem aparelhadas, que quando querem descobrir um atentado, descobrem. Sabemos que há serviços especiais de segurança nas Forças Armadas, habituados longamente a descobrir todas essas formas de atividades clandestinas. Temos o SNI, que tem um fichário fabuloso, onde todas as personalidades de destaque estão fichadas. Quando alguém é indicado para cargo público, pede-se a ficha do SNI.

## O CRIME DA TONELEROS

Acontece também que o Presidente da República foi chefe do SNI, é um expert no assunto, longamente familiarizado com esse método de pesquisa. Acredito, portanto, que eles têm a possibilidade de descobrir isso. Por que espero que se descubra isso? Para a nossa tranquilidade, para que possamos esperar que o Presidente da República possa governar e acabar o seu governo.

Lembro precedentes perigosos. Tivemos no Chile, no governo Allende, uma escalada parecida com esta. Em dado momento, há um motim que é dominado exatamente pelo general Pi-

(Continua)

# O gigante não se contenta com as rosas de Barbacena

Se o presidente João Figueiredo levar em conta a sugestão oferecida pelo seu líder no Senado, coronel Jarbas Passarinho — que deseja censurar os telefones e a correspondência e prender as pessoas sem o indispensável mandado judicial, à guisa de combate ao terrorismo —, terá entregue a rapadura bem antes da hora. Num raciocínio mais simples ainda, terá feito, a pretexto de reprimir as ações do terrorismo, exatamente o que o terrorismo deseja e propõe de público: a volta ao Estado ditatorial, às prisões ilegais, ao desrespeito nu e cru pelos direitos humanos, à tortura, aos seqüestros, aos desaparecimentos, enfim, a tudo aquilo que supostamente escapamos em função da doce revogação do Ato Institucional nº 5, espécie de Bíblia da turma que fez vestibular na revolução de março de 1964.

O terrorismo do qual se fala neste instante, o de direita, sabem muito bem que no Brasil a repressão aos atos de terror, quando se manifesta, deixa cair a sua pesada mão sobre a cabeça dos esquerdistas, dóceis protagonistas dessa comédia que nos levará certamente à tragédia se não aparecer alguém com suficiente visão política para repor a História nos trilhos do seu próprio processo, geralmente imune às providências desses liberais que o diabo, por dor de barriga, excreta às dúzias.

Assim é que, de uma hora para outra, a velha e fresca Barbacena, que até há pouco produzia e exportava belas rosas e bons políticos, passou a produzir também terroristas de esquerda que se aconselham com o adorável professor Manoel Co-negundes, mestre-escola do qual se conta que um certo dia, por milagre ainda não

superado, conseguiu driblar Jesus Cristo, Nossa Senhora, o Papa, a mãe do Papa, a extinta Arena, os Andradas e os Bias Fortes e ganhar uma eleição municipal para o MDB, que mesmo depois desse lance de glória foi devidamente assassinado sob a acusação de ter ido beber, no curso inferior, a água que escapara à sede do malvado é ávido lobo revolucionário.

Se necessário, essa encantadora história de Barbacena se repetirá no Rio Grande do Sul, em São Paulo, em Santa Catarina, onde for possível. É preciso mostrar com clareza e com constância que os esquerdistas é que têm a patente do terror e só eles, mesmo que a esquerda esteja vencida para a glória dos seus inimigos, são capazes de jogar bombas sobre inocentes como a Sra. Lyda Monteiro da Silva, vítima daquela explosão da OAB provocada por uma mão profissional e de nível superior.

O que se quer dizer com absoluta sinceridade é que até agora, a não ser os discursos com som e imagem dos surrados melodramas da América Latina militarizada, o presidente João Figueiredo e os seus gerentes não têm feito outra coisa senão seguir estritamente o caminho que a extrema direita lhes apontou: o fechamento da tenra abertura democrática, que já agora mais se parece com uma pobre costureirinha a tossir para se livrar de uma hemoptise que a tosse, afinal, só ajuda a jorrar.

## PARTIR PARA OUTRA?

Não pense o presidente João Figueiredo nem pense o seu preceptor, cuja visão intelectual claudica tanto quanto a física, que o gigante malvado vai conten-

tar-se com esse belo buquê de rosas dos jardins de Barbacena. O gigante, afinal, quer tripa, porque gigante que não exige tripa não é gigante, é pesadelo do qual a vítima escapa ao acordar. O gigante concreto é a direita, ou melhor, a extrema direita — porque direita o presidente João Figueiredo também é — e precisa ser enfrentado com vigor e determinação.

Do contrário, as coisas se encaminharão para uma planície cuja amplitude porá a nu todos os protagonistas do nosso imenso drama nacional. Não adiantará de nada cobrir uma parte, pois não haverá mãos suficientes para proteger toda a superfície desnuda. Uns avistarão os outros por inteiro e isto facilitará a pontaria de todos, pois numa guerra como essa não é comum o desperdício de disparos.

Francamente, não é o que o Presidente da República e o seu Ministro da Justiça desejam. E a Nação, que soma também os operários, os camponeses, as imensas massas marginalizadas da cidade — entre as quais não se encontra sequer um direitista — espera justamente pela preservação da paz, de uma paz democrática, na qual todos se sintam plenamente seguros e longe daquela planície onde a vida tem às vezes a duração de um silvo.

Se o presidente João Figueiredo acolher a sugestão (ou imposição?) da extrema direita exposta pelo senador Jarbas Passarinho, então não terá adiantado de nada a distensão lenta e gradual do ex-presidente Ernesto Geisel, nem a anistia, nem a abertura, nem as candidatas declarações de intenções.

A Nação terá de partir para outra.

ALUIZIO FLORES



nochet. Por causa disso, ele mereceu a confiança de Allende. Era apenas um movimento intempestivo, prematuro. E esse movimento ensejou a consolidação dos chefes revolucionários, que depois depuseram Allende. Negligenciando nesse primeiro alarme, Allende foi sacrificado. Tivemos recentemente na Bolívia uma denúncia da CIA de que se tramava uma revolução. Dessa vez, a CIA estava numa posição desfavorável, não era a revolução dela. A presidente da Bolívia não acreditou e convidou para chefe das Forças Armadas exatamente o seu primo, que depois de revólver em punho forçou sua renúncia.

Estamos vendo como é que agem. É dessa maneira. Evidentemente, o que se pretende agora é apavorar povo e governo até chegarmos à situação de precisarmos de "um governo forte, capaz de acabar com essa desordem". Mas a desordem é feita por eles.

Você me pergunta se há no Brasil exemplo de um movimento dessa natureza ter tido conseqüências mais amplas. Recordo, não um ato de terrorismo, mas um atentado que teve uma repercussão muito grave, que foi o atentado da Rua Toneleros em 1954. Nesse atentado, executado contra o jornalista Carlos Lacerda, o governo, no primeiro momento, tomou como ponto de honra a sua elucidação rápida. Além do inquérito policial, permitiu constituir — porque foi um ato do Presidente da República — aquele inquérito da república do Galeão. Além de permitir toda série de investigações, o presidente oficializou essas investigações e abriu os portões do Palácio do Catete quando se apurou que os executantes faziam parte da "guarda negra".

Se não fosse essa providência, se o Presidente da República tivesse se fechado, ou tivesse feito disso um segredo de Estado, talvez não se tivesse apurado nada sobre o crime da Rua Toneleros, que acabou custando a vida de Getúlio Vargas. Não desejo que a escalada de violência chegue a um clima tão triste e dramático como o de 1954. Espero que o presidente da República possa cumprir a sua palavra, que considero sincera, e

tenha a convicção de que ele é a maior vítima dos atentados.

Espero que se estabeleça a conexão que há entre os últimos episódios. Há um indício muito veemente que não pode ser desprezado: por que visaram Seabra Fagundes, presidente da OAB? Porque ele estava empenhado, com toda a responsabilidade do seu cargo, na apuração do Caso Dallari. Por que não se apura o caso Dallari? Tenho certeza de que por aí pode-se achar o fio da meada. Foram aqueles que não quiseram que o Caso Dallari prosseguisse que jogaram a bomba na OAB.

#### ARGENTINA, CHILE, BOLÍVIA

Todos nós nos sentimos hoje inseguros. Não sei se neste momento explode uma bomba-relógio debaixo da minha mesa. Cada um de nós está passando por situações ridículas ao receber uma carta, apalpando-a e até furando-a com um alfinete, para ver se sai um gás. Nenhum de nós pode mais abrir a porta para receber uma encomenda, porque pode ser um atentado terrorista. O País nunca viveu em sua história clima semelhante. Na tentativa feita pela Ação Integralista Brasileira, em 1938, viveu-se esse clima apenas por uma noite.

Admito que há vários grupos envolvidos nisso. Esses grupos têm uma coordenação, uma cúpula e uma caixa que financia isso. Não são ações individuais que não deixem rastro. O que põe a bomba é apenas um executante, a última peça de um aparelho. Acima dele, tem o que lhe entregou a bomba. Acima deste, o que fabricou, ou os que fabricaram a bomba. Tem os que forneceram elementos ou dinheiro, os que planejaram os atentados. É um sistema que pode ser captado através de uma ação policial severa.

Por enquanto, ainda não há clima para esses últimos atentados levarem o País ao fechamento político. Nem é necessário que haja. Na Itália, na Espanha e na Alemanha, os atentados não levaram à desestabilização. Lá, os terroristas são descobertos e vão para a cadeia. Mas na Argentina, no Chile e na Bolívia, foi este o caminho.

# O escrivão que não pode escrever

Sérgio José Toniolo se auto-intitula "o maior escritor das seções de cartas dos jornais e revistas do país". E por duas cartas que foram publicadas no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, está ameaçado de perder o emprego de escrivão da polícia civil gaúcha. A primeira carta, publicada em abril de 1976, referia-se ao tratamento dado pela polícia aos menores abandonados de Porto Alegre. Na carta, Toniolo reclama que os policiais perseguem estes menores e acabam deixando os verdadeiros criminosos agirem livremente.

A outra carta, publicada em janeiro de 1978, critica o serviço de guinchos do Detran porto-alegrense. Toniolo denuncia que os guinchamentos são feitos de acordo com interesses financeiros e que isso acontece porque o serviço de guinchos é particular.

As duas cartas foram consideradas desfavoráveis às autoridades policiais pelos superiores de Toniolo. Recebeu uma repreensão dos chefes pela primeira carta, e a segunda valeu-lhe uma sindicância administrativa, instaurada pouco depois da publicação.

No dia sete de março de 1978, ele foi internado no Hospital Espirita de Porto Alegre para tratamento psiquiátrico sem ao menos ser submetido a um exame prévio. Por ordem do diretor do Centro de Operações da Polícia Civil, Toniolo deveria ficar internado sob a guarda de policiais, mas a direção do hospital não permitiu que isso acontecesse, garantindo que nenhum paciente conseguiria fugir. Sérgio Toniolo afirma que foi internado à força, por policiais que o buscaram em casa. A polícia diz que o internamento foi solicitado pelo próprio pai do es-

crivão, José Toniolo, que não confirma e nem desmente.

Toniolo ficou internado 42 dias, até 17 de abril de 1978. Só no dia seguinte à sua saída é que recebeu licença de um mês para tratamento de saúde. Em dezembro de 1978, por determinação superior, Sérgio Toniolo submeteu-se a um novo exame psiquiátrico no Departamento de Perícia Médica da Secretaria da Saúde. Foi considerado normal pelo médico Gil-do Vissoky.

Antes desse exame pericial, em julho de 78, o delegado Sérgio de Oliveira Gusmão emitiu um parecer considerando Sérgio Toniolo um "elemento perigoso", representando uma ameaça à organização policial. Uma das acusações levantadas é a de emitir opiniões à imprensa sem consentimento superior, através das seções de cartas dos jornais. No fim do parecer, o delegado Gusmão sugeria a instauração de um inquérito administrativo contra Toniolo, visando seu afastamento da polícia.

No momento, Toniolo está sofrendo um processo administrativo na polícia, acusado de ter ofendido policiais que foram prendê-lo numa boate de Porto Alegre, onde teria agredido um delegado, Adão Caldieraro, e promovido desordens. Na época, abril de 1980, o próprio delegado Caldieraro saiu em defesa de Toniolo, afirmando que o escrivão não agredira ninguém dentro da boate. Segundo o delegado, ele apenas reagiu quando soube que seria levado à uma delegacia, atingindo Caldieraro com o pé, num gesto sem intenção.

ANTONIO ROGÉRIO

## Você precisa saber tudo sobre a economia do Rio Grande

### E descobrir por que a economia gaúcha está em busca de um novo modelo

Com o *Ano Econômico*, você descobrirá que é fácil ler e entender economia. Sem economês. O *Ano Econômico* analisa a economia gaúcha para você, mostrando o desempenho de seus 27 setores sem nenhum segredo

Você encontrará, ainda, as 100 maiores empresas as 50 maiores privadas o balanço das estatais os balanços por setores

#### Pedidos para

À  
Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda — CooJORNAL  
Rua Comendador Coruja, 372  
Fone: PABX (0512) 33.50.99 — Telex (051) 1605  
90000 Porto Alegre — RS

**ANO  
ECONÔMICO**

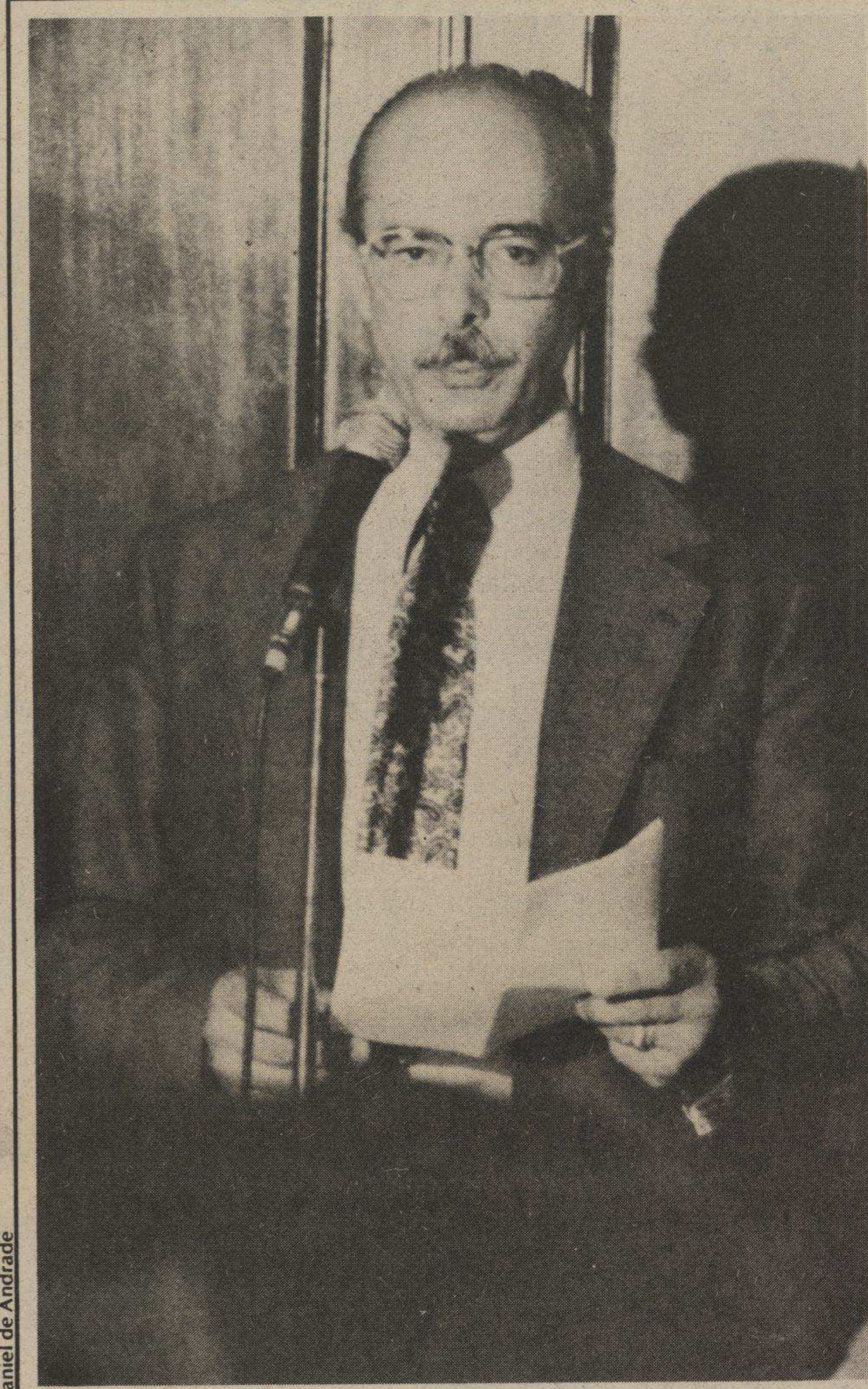
Remetam-me ..... exemplares do Ano Econômico, no valor unitário de Cr\$ 300,00 Estou anexando cheque  
nº ..... do Banco .....  
no valor de Cr\$ .....  
Nome ..... Fone .....  
Endereço .....  
Cidade ..... Bairro .....  
Estado ..... CEP .....  
A/C de ..... Cargo .....  
Data ..... Assinatura .....

Importante: para pedidos acima de  
20 exemplares, consulte nossa tabela  
especial



# De olho no ano dois mil

*Parece ficção: daqui a poucos anos leremos jornais projetados em maxitelas instaladas em nossas salas e poderemos escolher os melhores programas de TV do mundo inteiro com um simples apertar de botão*



Daniel de Andrade

**Claro: "Incorporar o quarto estrato"**

No ano que passou, dois bilhões e 50 milhões de exemplares de jornais foram lidos no Brasil. A televisão chega hoje a 55% da população. E o rádio é ouvido por 101 milhões de brasileiros. Com o desenvolvimento da sociedade brasileira, as perspectivas de crescimento do setor de comunicação social soam quase como um exercício de futurologia. Afinal, dentro de poucos anos um brasileiro, sentado comodamente numa poltrona de sua casa, poderá sintonizar uma emissora de TV japonesa ou espanhola, depois de ter lido os jornais diários de sua preferência projetados numa mesma maxitela instalada em sua sala. Assim, a comunicação social tem um potencial quase inesgotável, com evidentes benefícios também para os profissionais do ramo, inclusive homens de propaganda, como mostra neste trabalho o publicitário Milton Claro (\*), da Salles-Interamericana.

Todo problema de opinião pública no Brasil tem que ser analisado à luz das nossas dimensões geográficas e de mercado. No último mês de janeiro, nossa população superou a casa dos 119,7 milhões de habitantes.

A nação brasileira continua crescendo a altas taxas. Em 1979 foram realizados 853 mil casamentos e em 1978 nasceram vivos mais de 4,9 milhões de bebês.

As cidades crescem velozmente, com o índice de urbanização já superando os 64% e, no processo, criando megalópoles quase ingovernáveis como Rio e São Paulo.

As estatísticas mostram que o nosso mercado ativo está na ordem de 50 a 55 milhões de consumidores. A nossa força de trabalho, cruzando-se várias fontes, está nos 41 milhões e continua crescendo, apesar das dificuldades, a mais de um milhão de empregos por ano, o que significa que necessitamos criar cerca de quatro mil empregos novos por dia útil.

**"Temos 20 milhões de sub-brasileiros"**

Na força de trabalho, nos estudantes, nos eleitores inscritos, nos consumidores, as distorções regionais são grandes e influenciam decisivamente no panorama da opinião pública e das comunicações sociais. São Paulo, por exemplo, detém cerca de 23% de nosso eleitorado, mas concentra 39% de consumidores classes A e B, enquanto que o Rio de Janeiro tem 23% destes consumidores, o que leva 62% das faixas mais ativas de consumo a se distribuir em apenas duas unidades da Federação.

E note-se que a classe A (3% do

universo) contribui com 40% do Imposto de Renda e a classe B (18% do total) responde por 57% do Imposto de Renda arrecadado. As classes C (49%) e D (30%) contribuem com menos de 3%. E estamos falando de um país com menos de 20 milhões de contribuintes pessoas físicas. Isto significa que menos de 40% dos chamados consumidores ativos estão inscritos no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda.

As desigualdades precisam ser entendidas, já que em termos de mercado, consumidor não é apenas aquele que sobrevive. Ao contrário, o consumidor é aquele que participa do processo, estimulando a concorrência pelo seu trabalho e pelo seu consumo, que é consequência da aplicação das suas disponibilidades, e que lhe permite satisfazer as ambições de consumo e progresso e não apenas as necessidades primárias de sobrevivência.

É por isso que a economia brasileira, e nela o parque de Comunicação Social, tem uma missão importante, que é a de trabalhar para incorporar o quarto estrato, da população. São aqueles 20 milhões de pessoas que ainda não ingressaram na sociedade de consumo, faltando-lhes educação, alimentação, habitação, informação — tudo, enfim. São os sub-brasileiros, cuja libertação não pode ser atribuída apenas aos esforços ou às iniciativas do poder público, mas que, ao contrário, devem se constituir uma responsabilidade de toda a nação e, principalmente, dos que dispõem de qualquer parcela do poder, de liderança, de capacidade de investimento.

Na miséria, na fome, na opressão e na desesperança não há opinião pública. Ou o que chamamos de opinião pública, for-

ça saudável e construtiva, estimulando a criatividade, promovendo a evolução e cristalizando em um pensamento maior a soma dos pensamentos das comunidades, dos grupos, dos indivíduos. Esta opinião pública desaparece ou se transforma em simples lamento ou grito de angústia, onde a palavra de ordem deixa de ser progresso e evolução para ser apenas sobrevivência.

Somos 55 milhões de privilegiados consumidores e já caminhamos bastante, mas deveríamos ser pelo menos 60 milhões de trabalhadores e 30 milhões de contribuintes para ingressarmos definitivamente, ou pelo menos merecermos este ingresso, no seletivo grupo das nações desenvolvidas.

Se nossos números, como um Produto Nacional Bruto de 208,1 bilhões de dólares, já nos colocam entre as oito maiores economias do mundo, isto não deve nos tranquilizar. O mercado interno adquire anualmente 1,1 milhão de veículos novos, 1,2 milhão de rádios, 1,7 milhão de refrigeradores, 560 milhões de sabonetes, 115 bilhões de cigarros — e as cifras poderiam desfilar um panorama importante de conquistas, se a base fosse uma população menor, distribuída de forma equilibrada em uma área menos extensa.

**A força do rádio: 101 milhões de ouvintes**

O parque brasileiro de comunicação é, hoje, fortemente dominado pela chamada mídia eletrônica, o rádio e a televisão. Temos aproximadamente 997 estações de rádio operando no país, 90 emissoras de televisão, 317 jornais diários e cerca de 953 revistas que são os principais veículos de divulgação.

No rádio, as quase 1.000 emissoras transmitem para 28 milhões de receptores de todos os tipos e tamanhos, atingindo uma audiência potencial de 101 milhões de ouvintes, ou seja, 85% da população. As emissoras de ondas médias dominam o mercado — são quase 900 — mas é na FM que se registra o maior crescimento.

Hoje, são pouco mais de 100 estações, algumas inclusive com som estereofônico, e em menos de 10 anos vão superar em quantidade as emissoras de ondas médias, em uma revolução que custou a chegar ao Brasil.

A indústria brasileira de rádios está produzindo anualmente mais de 950 mil rádios de ondas médias, curtas e FM, e é grande a velocidade com que os rádios e auto-rádios de FM estão sendo solicitados pelo público, o que provoca mudanças sensíveis na indústria e no mercado. A força do rádio e do som dentro da comunicação social se amplia velozmente, através da massificação das transmissões radiofônicas.

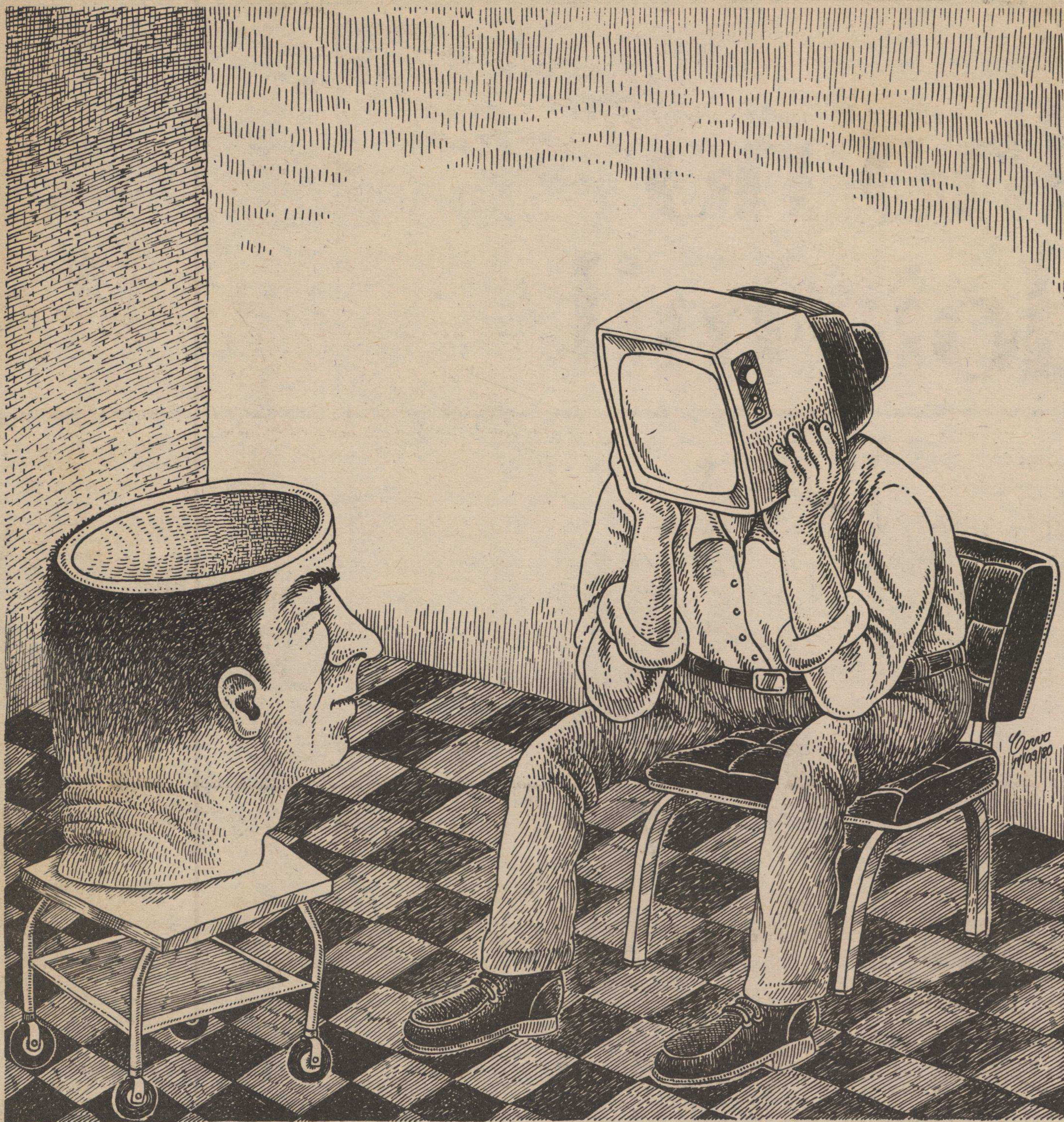
Mas a individualização do som, também, é crescente através dos gravadores portáteis, dos toca-discos e da chegada do CB — o *citizens band rádio* — a faixa cidadão, que somente agora está começando a ser uma realidade no Brasil. Nos Estados Unidos, no ano passado, foram vendidos 2,7 milhões de CBs, quando em 73 vendia-se somente um milhão, apenas para termos uma dimensão do potencial deste novo veículo.

**A TV, ágil, chega a 55% da população**

Temos, hoje, no Brasil, 90 emissoras de televisão, incluindo as educativas e culturais. Rio e São Paulo são os centros geradores da maior parte da programação que, em termos de audiência nacional, é dominada pela Rede Globo (36 emis-

(continua)





soras), com 60% da audiência, e pela Rede Bandeirantes (que iniciou o seu caminho de rede nacional há pouco mais de um ano).

Os dados de dezembro de 1979 asinam que 14,8 milhões de domicílios já estão na era da televisão. Conhecemos a existência de 19 milhões de aparelhos, dos quais cerca de quatro milhões já são a cores. A audiência máxima potencial da TV no Brasil está na casa de 66 milhões de espectadores, o que representa pouco mais de 55% de nossa população.

Os três grandes centros de receptores no Brasil são o Grande São Paulo, o Grande Rio e — surpreendente — o interior de São Paulo, a que os homens de propaganda chamam de SP-2, que em número de aparelhos é bem maior do que a Grande Porto Alegre ou o Grande Recife.

No interior de São Paulo somente a Rede Globo possui 75 retransmissoras, através de links, próprios ou de prefeituras.

As câmaras portáteis do tipo Eng (Electronic news gathering) estão levando a televisão de volta às ruas, sacudindo a poeira dos estúdios, transformando as novelas e shows e mudando de forma significativa a cara do nosso jornalismo.

A televisão deixa de ser aquela velha gorda e pesada e sai à rua com pequenas camionetas que são miniestúdios com transmissor de microondas, câmaras, microfones, vídeo-tape, tudo. E pode, desta forma, chegar à notícia na mesma hora que o repórter do jornal, o fotógrafo, a polícia, o bombeiro.

#### Vendo no Brasil a TV do Japão

A televisão, hoje, é uma realidade, apesar de seus custos elevadíssimos. E só a boa administração pode transformar uma emissora em atividade lucrativa. A história da Rede Excelsior, da TV Continental, da TV Jornal do Comércio e,

mais recentemente, da TV Rio, são exemplos bastante claros neste sentido. A TV Rio, por exemplo, quando estourou, tinha um passivo de mais de Cr\$ 70 milhões. E não esqueçamos que ela foi líder de audiência e de faturamento publicitário por muito tempo. Sendo assim, é preciso evoluir sempre porque parar significa regredir.

Nos Estados Unidos, onde funcionam 950 estações, sendo 711 comerciais, com uma cobertura de quase 100% dos domicílios, existem três grandes redes nacionais, a CBS, a NBC e a ABC. Esta última, que era até poucos anos atrás o *primo pobre* da guerra do vídeo, virou a mesa a partir das Olimpíadas de Montreal e, em 1979, assumiu a liderança. Isto prova que não existem monstros imbatíveis em televisão: o público muda com muita velocidade e quem não se mexe é simplesmente deixado para trás.

A individualização da televisão, também, está se tornando uma realidade. O advento dos vetes caseiros, e da televisão a cabo, hoje uma realidade nos Estados Unidos, faz com que o assinante deste serviço tenha condições de assistir a programações exclusivas livre, inclusive, das interrupções comerciais.

Mas é o desenvolvimento dos satélites e dos transmissores de microondas que está rapidamente internacionalizando a televisão. As transmissões intercontinentais, fato corriqueiro até no Brasil, dependem ainda dos controles das centrais de recepção e redistribuição. Na Europa, entretanto, a invasão das ondas de TV já é problema sério, levando à revisão de conceitos de programação, de censura, de informação e de publicidade comercial.

Em algumas cidades do Norte da Europa, por exemplo, é possível receber permanentemente transmissões da Bélgica, da Alemanha, da França e da Holanda, criando enormes dores de cabeça para os programadores, cada vez mais pressionados pelas exigências do

público. A TV americana também invade fortemente o Canadá e, simultaneamente, o território americano é invadido pela TV mexicana.

Na década que agora se inicia, será perfeitamente possível esperar que satélites estacionários permitam ao brasileiro, sem ajuda da Embratel, receber imagens em espanhol, da Argentina ou de Cuba, em inglês, dos Estados Unidos ou da Inglaterra, em francês, de Paris, e em japonês, de Tóquio. Tudo isso em cores e, certamente, com qualidade de som e imagem pelo menos igual ao melhor padrão adotado localmente.

Será a grande revolução da internacionalização do vídeo.

#### 2 bilhões de jornais em 79

No Brasil existem, hoje, cerca de 1 mil e 200 jornais, dos quais 317 são diários, 90 bissetimanais, 454 semanais e 230 quinzenais ou mensais. A tiragem total dos jornais brasileiros em 79 foi estimada em 2 bilhões e 50 milhões de exemplares, dos quais 1 bilhão e 800 milhões só em diários.

O nosso mercado de revistas possui, hoje, cerca de mil títulos que vão desde a revista de história em quadrinhos até as revistas de informação. O mercado total está estimado em cerca de 250 milhões de exemplares, o que representa a insignificante quantia de duas revistas per capita, se compararmos com os padrões internacionais.

Nossa revista de maior circulação é a revista do Círculo do Livro, que tem hoje 650 mil exemplares de tiragem. Das que aparecem em bancas, o *Tio Patinhas* continua líder com 400 mil, *Manchete* mantém-se semanalmente na casa dos 200 mil e a *Veja* já ultrapassa a casa dos 350 mil exemplares.

Na área dos jornais, a liderança nacional está com o *O Globo*, que aos domingos já alcança a tiragem dos 380 a

400 mil exemplares, seguido de perto pelo *O Estado de S. Paulo*, líder de muitos anos, com 350 mil, e pela *Folha de S. Paulo*, hoje com 310 mil exemplares aos domingos. É importante ressaltar, também, a importância do *Jornal do Brasil*, que hoje já vai aos 280 mil exemplares aos domingos.

Os números destes quatro jornais, os maiores e melhores do país, já têm escala internacional, apesar de não ser nem um sonho se compararmos com os 12 milhões de exemplares do *Ashy Shimbun*, japonês. E os jornais locais estão crescendo. O *Correio Brasiliense* e a *Zero Hora*, de Porto Alegre, são exemplos típicos deste fortalecimento.

#### TV em casa, jornal impresso na sala...

Andrew Heinskill, do *Time*, em palestra proferida em 78, afirmou que até o fim da década de 80 as indústrias de comunicação social, nos países desenvolvidos como o Japão e os Estados Unidos, serão maiores do que, por exemplo, a siderurgia e a indústria de automóveis.

O desenvolvimento tecnológico está fazendo o mundo menor pela força da comunicação — e a América Latina acompanha este encolhimento, numa verdadeira revolução que afetará todos os países em todos os continentes.

Vai ser uma revolução que dificilmente será contida por tratados ou negociações internacionais, que se arrastam já há algum tempo tentando disciplinar o futuro em uma área onde a tecnologia costuma avançar a velocidades pelo menos duas vezes maiores do que a da diplomacia.

Antes do fim do século nossas casas terão uma Sala de Mídia, com sistema de FM estéreo de oito canais, OM estéreo com quatro canais, e receptores de onda curta captando sem estática as notícias do outro lado do mundo. Uma enorme tela de parede — o vídeo de amanhã — será o centro da casa e receberá direto dezenas de canais internacionais, além de emissoras locais. O vídeo-cassete armazenará programas e filmes como hoje armazenamos discos e fitas. O jornal — ou um novo tipo de jornal — será impresso na sala de cada leitor ou terá suas páginas, seus anúncios, projetados na mesma maxitela. Teremos todos nós um telefone volante, uma espécie de bip de ida-e-volta, ao mesmo tempo em que o vídeo-fone entrará nas nossas casas e nossos escritórios. Tudo isso daqui a um século? Não. Daqui a 20 anos... ou menos.

Para lá estamos indo, velozmente. Os homens que nos comandarão na virada do século talvez já estejam hoje saindo de algumas das 1 milhão e 500 mil salas de aula da América Latina. Despedem-se do convívio diário de professores, de bancos escolares e, nos próximos anos, aprenderão as lições da vida, da economia, da política, da pátria, do mundo, substituindo os professores de ontem pelos comunicadores sociais e culturais de hoje e amanhã. O jornal, o rádio, a TV, o cinema, o teatro, juntamente com a casa, o escritório, o clube, a fábrica, a repartição pública, o quartel, a rua, a praça e a família serão os seus campos de aprendizado.

De educação ou de deseducação, de cultura ou de incultura. De democracia ou de totalitarismo. De evolução ou de obscurantismo.

(\*) Este texto traz os principais trechos de uma palestra proferida por Milton Claro no mês passado em Porto Alegre.







Entrevista: Sebastião Nery

# — A imprensa brasileira está cheia de biônicos

Sebastião Nery, baiano de 47 anos, 28 de jornalismo, é um dos repórteres políticos mais famosos do país. Ele é um repórter diferente, que se especializou em compilar e publicar histórias envolvendo as maiores personalidades políticas brasileiras, de Vargas a Figueiredo, de Juscelino a Castello Branco. Estas histórias ele reúne em livros de muito sucesso que saem a cada dois anos: o Folclore Político Brasileiro, que já está em seu terceiro volume (o quarto deverá sair até o final do ano).

Foi em 1974 que saiu o Folclore Político nº 1, com uma tiragem inicial de 50 mil exemplares. Foi um sucesso. Hoje, este primeiro volume já vendeu mais de 150 mil exemplares.

Nos últimos dois anos, Sebastião Nery foi o autor de pelo menos duas denúncias de peso da imprensa brasileira. A primeira, sobre a venda da Light ao governo, anunciada por ele com quase um mês de antecedência; e a segunda, sobre as notícias

mentirosas favoráveis à candidatura de Francelino Pereira ao governo de Minas Gerais, antes da escolha dos governadores, enxertadas na sinopse presidencial que o general Geisel recebia todas as manhãs, em Brasília. Até hoje há suspeitas de que esse expediente contribuiu muito para a indicação de Francelino.

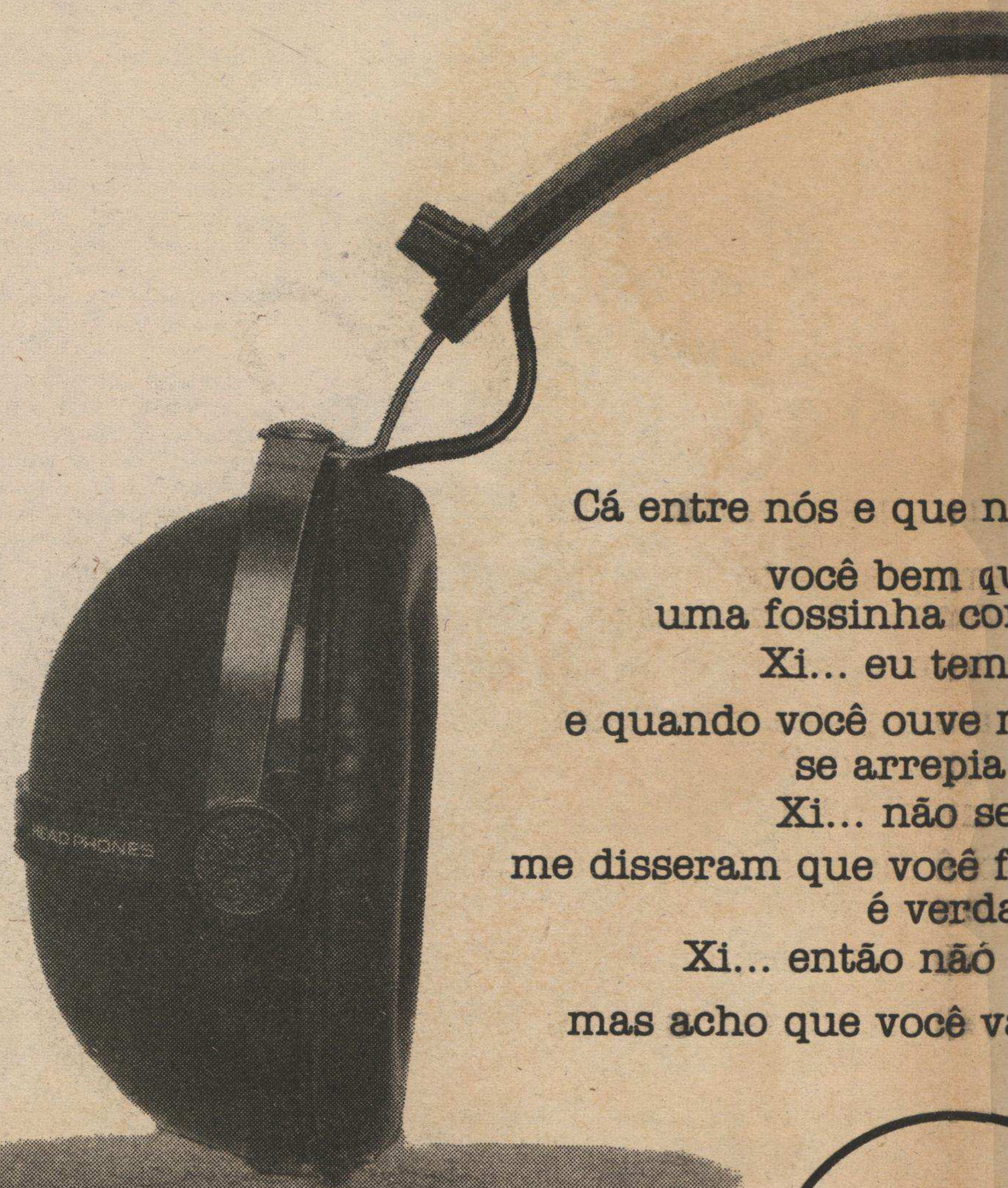
Deputado estadual na Bahia, preso, cassado e processado em 64, Nery pretende voltar à política. Engajou-se no PDT de Leonel Brizola e vai candidatar-se a deputado pelo Rio de Janeiro nas próximas eleições.

Nesta entrevista aos repórteres Manoel Canabarro e Rafael Guimarães, Sebastião Nery fala do Folclore Político, dos jornais, dos jornalistas e da televisão. E conta um segredo: Antonio Galloti, o homem que vendeu a Light para o governo, lhe disse uma vez que o ex-ministro Shigeaki Ueki levou dinheiro na transação.

O repórter que criou o "Folclore Político" fala da televisão, dos jornais e dos jornalistas. E conta em detalhes como foi o "negócio" da venda da Light



Daniel de Andrade



Cá entre nós e que n  
você bem qu  
uma fossinha co  
Xi... eu tem  
e quando você ouve n  
se arrepiã  
Xi... não se  
me disseram que você f  
é verda  
Xi... então não  
mas acho que você v

## BANDEIRANTES FM







— Como surgiu a idéia do Folclore Político?

— O Folclore Político nasceu porque um dia eu cheguei na *Tribuna da Imprensa*, onde eu brigava e discutia muito com o censor, e nesse dia o censor cortou toda a matéria que eu tinha escrito. Na hora que ele cortou eu disse que ia deixar o buraco mesmo. E ele disse que não podia sair o buraco. A matéria que ele cortou era sobre Brizola e Dom Hélder, e o censor me disse: "Olha, Nery, Brizola e Dom Hélder não pode nem a notícia da morte da mãe".

Aí eu sentei e escrevi um negócio chamado *Alkmiadas, sete histórias de um gênio da raça*, que eram histórias do José Maria Alkmin que eu escrevi pra gozar a ditadura. A primeira história: Alkmin advogado, um cliente pegou 30 anos de cadeia e disse: "Mas eu vou ficar preso 30 anos!". E o Alkmin respondeu: "Meu filho, não são trinta anos, se você se comportar bem são 15 anos. E na verdade não são 15 anos, porque os anos são feitos de dias e noites, e pra quem está dormindo não faz diferença, então são só sete anos e meio. E esses sete anos e meio você não vai cumprir tudo de uma vez: é dia a dia, dia a dia..." e eu botei ponto. E acrescentei: "Como a ditadura". E essa história passou.

No outro dia foi um sucesso, as pessoas telefonavam pro jornal me cumprimentando. Então eu usei o Folclore para dizer coisas que o censor não deixava passar. E toda a vez que cortavam matérias eu fui usando. Comecei a receber histórias do país inteiro, como recebo até hoje. As pessoas me dão histórias, tanto que eu publico duas histórias por dia: uma no *Contraponto* (*Folha de S. Paulo*), e outra na *Última Hora*. E se precisasse publicar três, publicava três.

## "O Folclore falava dos cassados mesmo com a censura"

— Depois do primeiro livro é que as pessoas começaram a mandar histórias pra você?

— Sim, começaram a escrever e me mandar. E eu não publico mais que é para não cansar, porque poderia publicar um livro todo ano, mas prefiro publicar de dois em dois anos.

— Mas as pessoas mandam as histórias e assinam o seu nome verdadeiro? Como é que funciona o esquema?

— As pessoas mandam, algumas assinam, outras não, mas eu sempre faço um pequeno teste, procuro confirmar as informações. Mas em geral, eu uso um pequeno gravador e viajo pelos estados, vou conversando com as pessoas e anotando as histórias.

— E qual é a reação dos políticos envolvidos nas histórias?

— É a mais variada possível. Em geral, os políticos fazem muita força para aparecer nas histórias...

— De uma maneira favorável, é claro...

— Sim, mas é claro que eu gosto mais de mim e do leitor. Então eu só publico a história quando a história é boa.

— E os políticos contam histórias falando de si próprios?

— Ah sim, e quando a história é boa eu publico, não tenho nenhum preconceito contra isso. Agora, muitas vezes me contam a história e eu jogo fora. Um dia destes eu recebi uma carta com 21 histórias e não publiquei nenhuma, não deu para aproveitar nada, as histórias não tinham molho, não eram engraçadas.

— O maior manancial do Folclore ainda é a política mineira, não?

— Sim, porque ter vivido oito anos lá me permitiu conhecer muita gente, e eu

viajo muito para Minas, ainda estou muito ligado aos mineiros. É a maior fonte das minhas histórias, depois vêm a Paraíba e o Rio Grande do Sul. Aqui, por exemplo, tem as histórias do Getúlio, do Jango, do Brizola, agora também tem muita coisa.

O Folclore foi uma experiência válida porque, por exemplo, na *Tribuna da Imprensa*, na época, havia uma proibição explícita: nome de cassado não podia sair. Se você quisesse dizer: Juscelino está no lugar tal, o sujeito não deixava. Mas eu contava uma história do Alkmin com Juscelino e passava. E eu passei esse tempo todo falando do Jango, do Brizola, do Arraes, dos cassados todos, porque as histórias passavam.

## "Nas eleições de 74, percorri o país inteiro em 32 dias"

— Além do jornalismo diário e do Folclore Político, você também foi bem sucedido nos livros. Por exemplo, o "16 Derrotas que abalaram o Brasil" foi um sucesso absoluto...

— Eu parti para os livros porque acho que, como jornalista político, você deve lançar mão de todos os instrumentos que estiverem ao seu alcance para aumentar a discussão e a participação das pessoas. Quando vieram as eleições de 1974, o editor da Francisco Alves me procurou e disse: "Nery, nós precisamos lançar um livro sobre as eleições em cima das eleições...". E aí eu fiz uma loucura. Peguei uma passagem de avião do Rio para o Acre e do Acre para o Rio Grande do Sul, estado por estado, e corri o país em 32 dias! As eleições recém tinham acabado e eu tinha mais ou menos o quadro da situação em cada estado. Então o que eu fiz foi o seguinte: eu saltava

(continua)

e ninguém nos ouça,  
n que curte  
com música né?  
semia isso...  
ve música brasileira  
pia todo?  
o sei não...  
é faz tudo com música,  
rdade?  
ão sei mesmo,  
é vai adorar a gente.



# O ponto alegre do seu rádio.

SIBONEY





Arquivo Coojornal

## “Heitor de Aquino, secretário de Figueiredo, é hoje o maior editor brasileiro”

numa cidade, procurava o dirigente da Arena e o dirigente do MDB, ia no Tribunal Regional Eleitoral e armava um esquema pessoal com um funcionário do Tribunal para que ele me mandasse o resultado das eleições, uma cópia xerox da ata do TRE, na hora em que saísse o resultado oficial.

Eu não podia esperar que todas as atas chegassem a Brasília, ia demorar muito, então em cada estado montei esse esquema. O resultado saía, o cara tirava uma cópia da ata e me mandava por avião para o Rio de Janeiro. E eu ficava em cima dos caras, telefonando a toda hora. E por isso é que furei até mesmo revistas, publicando o resultado das eleições em livro antes de todo mundo. O livro foi lançado em todo o Brasil, nas bancas de revistas, a um preço de Cr\$ 25,00, com uma tiragem de 50 mil exemplares. E como saiu em cima das eleições — as eleições foram em novembro de 74, o resultado saiu em fins de janeiro e o livro foi impresso no dia 1º de fevereiro —, teve uma repercussão excelente, vendeu tudo.

## “Petrônio me contou como foi a escolha dos governadores”

— O sucesso do livro deve-se principalmente às matérias em que você contava com detalhes, inclusive reproduzindo diálogos reservados, como foi a escolha dos sucessores dos governos estaduais. Como é que você conseguiu saber tantos detalhes sobre isso?

— A tese do livro era a seguinte: a Arena perdeu as eleições parlamentares por causa das eleições indiretas para governador. O processo indireto de escolha do candidato a governador dividiu e atribuiu demais a Arena. O objetivo do livro era, primeiro, contar como foi escolhido cada governador; segundo, contar como cada senador das oposições ganhou as eleições. Aí as pessoas perguntavam: “Mas como é que você sabe tanto como foi a escolha dos governadores?” Isso é um negócio que eu nunca contei. Acontece que eu me dava muito com Petrônio Portella — que foi o homem que coordenou todo o processo de sucessão

nos estados. Claro que eu não fui perguntar ao Petrônio como é que tinha sido o negócio. Mas eu fiz o seguinte: passei duas manhãs conversando com ele em Brasília. Eu dizia: “Petrônio, em Amazonas o negócio foi assim, assim e tal”. Aí ele escutava e dizia: “Não, isso não é verdade, não houve esse fato, houve esse”. E assim ele me corrigiu os detalhes de cada estado.

Então o livro tinha uma história exata, porque as minhas fontes eram os próprios escolhidos e os postos para trás. E quando chegava no fundamental, o Petrônio dizia: “Não, isso não foi assim, foi assado”. Então eu conto o famoso diálogo — que fez tanto sucesso na época — do Petrônio com o Delfim, onde ele disse que o Delfim não poderia ser governador de São Paulo. As pessoas perguntavam: “Como é que há um diálogo de Petrônio para Delfim e você reproduz? Você estava junto, estava com gravador?” Não, não estava. Petrônio me contou. Ele me contou depois que já estavam sacramentadas as escolhas, não iria prejudicar ninguém e ele me contou. Só que eu não ia e nem podia dizer que fora ele quem me contara.

## “Jornalista biônico é o que pensa com a cabeça no Planalto”

— Você falou em fontes e isso lembra um outro problema do jornalismo político de hoje, que são os militares. Depois de 1968, especialmente, todo o repórter ou colunista político que se preze tratou de arrumar suas fontes nos chamados meios militares. Como é a sua experiência nesse sentido?

— Bem, a minha experiência foi usá-los todos. Já que não podia citá-los, eu os usava. Eu conversava com os militares e usava o que eles diziam. Os políticos não queriam falar mas eu conversava com eles e usava o conteúdo das conversas para fazer matérias. E nesse ponto eu acho excelente a técnica do Castellinho (NR: Carlos Castello Branco, colunista político do *Jornal do Brasil*). Só que eu uso uma linguagem um pouco mais agressiva. Eu fiz uma opção — pode não ser a mais brilhante mas eu achava a mais certa — de fazer um jornalismo mais popular e acessível. Ou seja, usar sempre um ditado popular, abrindo as matérias sempre com uma pequena história, procurando usar uma linguagem mais viva. E tenho certeza de que isso deu resultado.

Agora, eu tenho três pontos básicos para fazer as matérias: primeiro, que o assunto tenha interesse popular ou nacional concreto, que não seja um negócio neutro; segundo, que seja uma coisa localizada, ou seja, “isto está acontecendo assim, em tal lugar, por isso”, e não um negócio vago; e, terceiro, apresentado com as palavras que o povo sabe e não as que eu quero que o povo saiba. E, também, nunca usar uma sigla sem traduzi-la, ou uma palavra estrangeira sem a correspondente em português do lado. E, principalmente, dar nome aos bois. Nada desse negócio de o governo e tal. Não, é o ministro Said Farhat e não o governo, o ministro Delfim Netto e não o governo.

Então, a grande experiência que eu tenho do jornalismo, principalmente depois de 64, é a de que você tem que fazer jornalismo dizendo o máximo, todas as coisas e todos os nomes com a maior clareza. E agora eu vou fazer uma crítica, sobretudo aos nossos coleguinhos de Brasília: eles estão bioncando a imprensa brasileira! Ora, o segredo desta ditadura foi bioncar a nação: é presidente biônico, governador biônico, senador biônico e tal, transformando o processo de escolha popular num processo biônico. E aí estão os nossos colegas *jornalistas biônicos*.

— O que você quer dizer com isso?

— Jornalista biônico é aquele que raciocina com o cérebro dentro do Palácio do Planalto. É um negócio terrível. Você abre os jornais e vê que eles só fazem é dar recado todos os dias. Um dia é recado do Golbery, outro dia é recado do Heitor de Aquino (NR: secretário particular do Presidente da República). Esse, aliás, na minha opinião, é hoje o maior editor da imprensa brasileira, e é um *editor biônico* porque não é jornalista.

Ele dá a receita, dá o tom.

Por exemplo, se você pegar os artigos dos nossos colegas de Brasília e trocar os nomes, ninguém vai notar a diferença! Todos escrevem as mesmas coisas, com as mesmas palavras, e com os mesmos elogios e os mesmos adjetivos. O Golbery é gênio, Heitor de Aquino é espertíssimo, o outro é não sei o quê, o Farhat é bonito e por aí vai. Mas o que eles não sabem é que estão gastando o nome em vão, porque as pessoas deixam de ler. É um blá-blá-blá diário em torno do óbvio! Ora, isso só afasta os leitores, é por isso que os jornais brasileiros não aumentam a tiragem, porque os jornais estão a cada dia piores, os caras escrevem e não escrevem. A imprensa brasileira está quase toda ela biônica! Isso é terrível, porque as matérias dos jornais dão a impressão de que o país está de uma forma quando na verdade está de outra.

Isso não é só contra os jornais e revistas, é a televisão também. Por exemplo, como é que você pode fazer para um povo como o brasileiro, cuja marca é a descontração, uma televisão parnasiana — não é nem parnasiana, é heráldica! Não há coisa mais heráldica do que o meu colega e amigo Cid Moreira. Ele é uma estátua falante!

— Por falar em televisão, você teve um programa de muito sucesso na TV Bandeirantes de São Paulo, há coisa de uns dois anos. Como foi essa experiência?

— O negócio da televisão começou de forma casual, também. Eu fui convidado a participar do programa Encontro com a Imprensa, da Bandeirantes, era uma entrevista com Darcy Ribeiro. Só que deu um desencontro, Darcy não apareceu na hora e o Evaldo Dantas Ferreira, que era diretor de jornalismo da Bandeirantes, disse o seguinte: “Só tem uma solução. Vocês entrevistam o Nery”. Fazia pouco tempo que eu tinha feito aquela matéria sobre a fraude na sinopse

presidencial envolvendo o Francelino Pereira, então os jornalistas presentes começariam uma entrevista comigo sobre isso e a gente conversaria durante uma hora e meia. Muito bem, fizemos o programa e voltei para o Rio. Dias depois que o programa foi ao ar, eu conheci o Cuga, que era diretor da Bandeirantes, num jantar em São Paulo. E ele me convidou para fazer um programa, disse que a direção da tevê tinha gostado muito da entrevista. E eu topei.

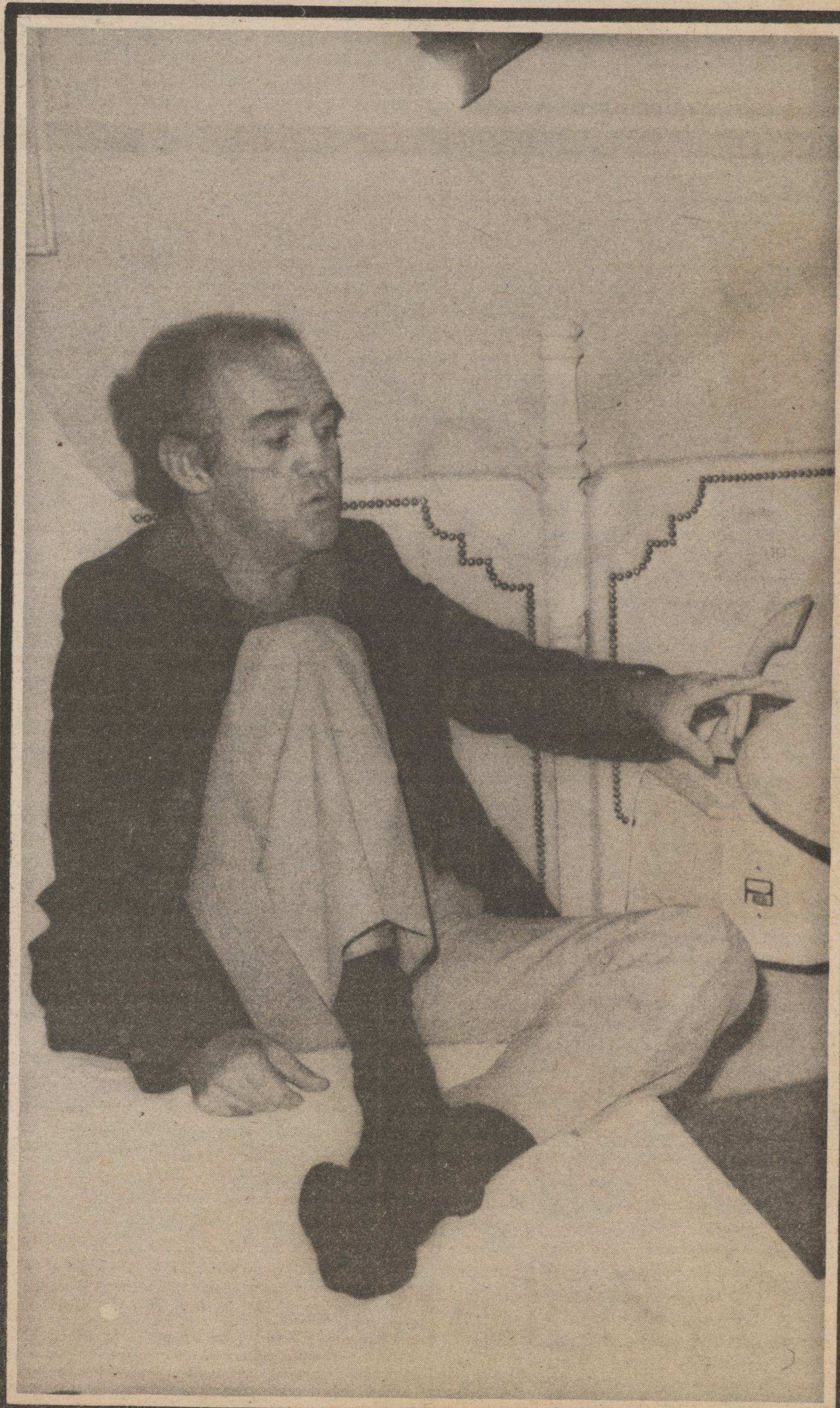
## Recado do governo: “Cuidado com o Nery, ele diz coisas”

— O seu programa era um comentário político, não?

— Sim, chamava-se *Sinopse*. Começou com cinco minutos e quando terminou já estava em 15 minutos diários.

— Como foi o lbope?

— Eu levei um mês e meio para sair dos 2% de lbope, mas quando saiu foi uma loucura. Pulou para três, cinco, dez, até que chegou na última semana com 32% em São Paulo e 29% no Rio de Janeiro. Eu lembro que quando o programa atingiu os 15% de lbope, nós fizemos uma janta para comemorar e eu disse para o Evaldo que estava com receio de que o governo começasse a pressionar. Porque enquanto está em dois, três pontos, tudo bem. Mas quando passa de 10 eu achava que o governo iria pressionar. E o Evaldo até falou: “É, te segura e tal, mas até agora não houve reclamação”. Mas foi batata: uma semana depois começou a chegar recado de Brasília: “Olha, cuidado com o Nery, ele está dizendo coisas”.



Daniel de Andrade



— E qual era o segredo do programa?  
— Eu começava e terminava o programa sempre com uma historinha. E ficava em cima dos jornais. Dizia: "O jornal *O Estado de S. Paulo* publicou hoje uma notícia dizendo que o Petrônio Portella etc. Não é verdade. Telefonei hoje de tarde para o Petrônio e ele me disse isso, isso e isso". Não tinha nada de ministro e essas coisas, era Petrônio mesmo. E assim o programa foi subindo. Eu contava uma historinha e falava uma linguagem bem descontraída.

## "Saí da TV porque eles queriam um canal em Brasília"

— Até que aconteceu o episódio da Light...

Bem, o episódio da Light foi que ajudou a me derrubar da televisão. Eu disse que o governo ia comprar a Light, disse que o governo ia desmentir, o governo realmente desmentiu, mas como eu tinha absoluta certeza, eu voltava na televisão e dizia: "O governo desmentiu hoje que vai comprar a Light. Mas não é verdade. O governo vai comprar a Light". E o governo disse que a notícia era mentirosa, eu retruquei dizendo que não era, anunciei até o dia em que a compra da Light seria conhecida publicamente: 29 de dezembro. Isso era uns quinze dias antes. E o governo tanto desmentiu que no dia 17 eu me desesperei e disse na tevê: "Faço um acordo com vocês. Se no dia 30 o governo não tiver comprado a Light, no dia 1º este programa sai do ar porque eu peço demissão", e fiz um charme total.

Só que eu sabia que o negócio já estava assinado. Eu tinha um amigo que era muito importante no poder e ele havia me dito: "Olha, o negócio é assim, já foi assinado, eu fui contra e tal mas não pude fazer nada, já está tudo certo, o governo vai anunciar dia 29". E realmente anunciou dia 29 de dezembro de 1978.

— E por que você diz que esse episódio ajudou a derrubar o programa?

— Porque mais ou menos nessa época os diretores da Bandeirantes estavam gerenciando para obter um canal em Brasília. Afinal, a Globo tinha, a Tupi tinha, o governo tinha, e havia a concessão para um quarto canal que a Bandeirantes queria. E quando os diretores da tevê chegaram em Brasília, falando com um cara do governo sobre o canal, o cara disse: "Ah, vocês querem um canal aqui para o Nery nos gozar todas as noites dentro da nossa própria casa, né?". Ai os diretores da Bandeirantes se deram conta de que não ganhariam o canal enquanto eu estivesse lá e vieram conversar comigo. Tudo bem, não há nenhuma mágoa minha contra a Bandeirantes. Eu perdi o programa, eles perderam o Ibope e quem acabou ganhando o canal foi a Rede Capital...

## "Se conto o resto da conversa, Galloti briga comigo"

— Mas você continuou em cima do negócio da Light. Há um artigo seu de grande repercussão, publicado na *Tribuna da Imprensa*, sobre um papo do Antonio Galloti, o homem que vendeu a Light para o governo, com amigos no restaurante Antonio's, do Rio de Janeiro...

— Eu me lembro que era dia três de janeiro. Tinha acabado de haver a compra da Light, eu tinha feito a denúncia toda, e estava jantando no Antonio's com uma amiga, era mais ou menos uma hora da manhã, e numa outra mesa estavam o Otto Lara Resende (diretor da TV Globo), o Mauro Salles e mais uma turma. Era uma mesa ao lado da minha. De repente chega o Galloti, vinha de um jantar, estava meio tocado e houve então todo o episódio que eu descrevi neste artigo na *Tribuna* (\*). Claro, você tem que ser jornalista o tempo todo. Quando ele chegou eu pensei comigo "vai sair notícia daqui", e puxei caneta e papel. Arrumei umas garrafas de vinho na frente e antes dele sentar na mesa ao lado eu já estava com



Arquivo Coojornal

## "Galloti me disse que o Ueki levou dinheiro na transação da Light"

o bloco na mesa escondido atrás das garrafas. Eu sabia que o Galloti era um cara expansivo e não se falava em outra coisa a não ser na venda da Light. Era impossível que o assunto não surgisse ali. Então eu comecei a pegar o diálogo todo, até o ponto em que o Otto viu e disse que eu estava anotando.

Aí o Galloti sai de lá e vem para a minha mesa — e é aí que eu termino o artigo: "É uma pena, eu conversei muito com ele, mas a conversa passou a ser confidencial porque quem está na minha mesa está na minha casa". Era assim que terminava o artigo da *Tribuna*: "É uma pena porque a minha conversa com ele foi bem melhor do que com os outros". E é verdade, porque ele deixou claro que tinha comprado o Ueki (NR: Shigeaki Ueki, ministro das Minas e Energia na época da compra da Light). Eu entendi claro que ele tinha dado dinheiro para o Ueki ou que o Ueki tinha ganho dinheiro no negócio.

— Olha que nós estamos gravando... nós também temos o nosso bloquinho...

— Não, tudo bem, eu acho que você pode botar. Na conversa com o Galloti ele deixou claro para mim que Ueki tinha levado dinheiro. E não só o Ueki, que a Light gastou muito dinheiro para fazer a transação. Porque o Galloti disse na mesa que ganhou 39 milhões com o negócio, ele até chorou de emoção. Aliás, essa história toda sai agora no meu próximo livro, que se chama *Pais e Padrastos da Pátria*.

— Qual foi a reação dele depois que você publicou a matéria?

— Esse é um negócio difícil. Você manter um nível de independência, como eu sempre procurei manter, de uma certa agressividade no jornalismo, e um bom relacionamento com as pessoas. Claro que você trunca muito, você trunca amizades, há pessoas que passam a ficar distantes, outros entendem e não ficam zangados. Eu sei que o Galloti ficou irritado com esse negócio da Light, mas ele confirmou tudo em conversa com amigos, ele reconheceu que eu fui fiel ao que ele me disse. Ele ficou irritado, mas se eu conto a segunda parte da conversa, aí era para ele brigar.

(\*) Antonio Galloti, advogado catarinense, vice-presidente do grupo canadense Brascan Limited — proprietário da Light —, chegou no restaurante, sentou com os amigos e contou detalhes ocorridos durante os vários meses de negociação que antecederam a compra da Light pelo governo. Disse que tinha ganho Cr\$ 39 milhões de comissão (pouco mais de 10% sobre o valor total da transação, que foi da ordem de Cr\$ 380 milhões), e chorou emocionado, exclamando: "Foi o maior negócio da minha vida".

# Doze histórias do Folclore Político

Os amigos de José Maria Alkmin, raposa política mineira, resolveram testar sua fama de pão-duro. Arranjaram uma freira, mandaram procurá-lo.

A freira chegou, pediu um auxílio para o orfanato. Ele percebeu a brincadeira, tirou o talão de cheques, preencheu, a freira saiu. Atrás dela, os amigos dele, surpresos. Dia seguinte, no banco, a freira não pôde receber. O cheque estava sem assinatura. A freira voltou ao gabinete:

— Desculpe, irmã, mas como cristão, devo obedecer ao Evangelho. Quando pratico atos de caridade, mantenho-me sempre em absoluto anonimato.

...

O eleitor chegou aflito:

— Doutor Alkmin, meu filho nasceu, eu estava desprevenido, não tenho dinheiro para pagar o hospital.

— Meu caro, se você, que sabia há nove meses, estava desprevenido, calcule eu que só soube agora.

...

Silvio de Abreu, deputado federal de Minas, quando delegado de Juiz de Fora transferiu a zona boêmia do centro da cidade para um bairro distante. Anos depois, candidatou-se a prefeito. Um vereador adversário foi fazer comício lá:

— Vocês, que moram aqui neste bairro, não podem votar em Silvio de Abreu para prefeito. Ele era delegado, há muitos anos atrás, o tirou a zona boêmia do centro da cidade, onde ficam as estações ferroviária e rodoviária, os hotéis e as casas comerciais, e obrigou todo mundo a se mudar para cá, atrapalhando a vida de muita gente. Eu posso falar porque naquele tempo já era vereador e vi tudo. Se vocês pensam que estou mentindo, perguntem a suas mães, que foram putas da zona velha.

Saiu debaixo de pau.

...

Castello Branco presidente, mandou Luis Viana Filho, chefe da Casa Civil, escrever um discurso. Luis Viana estava ocupado, mandou Navarro de Brito, subchefe. Castello leu, releu, não gostou:

— Luis, este não é o nosso estilo.

...

O presidente Costa e Silva chegou a São Paulo, deu entrevista coletiva. Milton Parron, da Rádio Panamericana, depois de algumas perguntas, saudou o presidente:

— A jovem Pan deseja a V. Exª feliz estada em São Paulo e uma boa viagem.  
— Meu filho, quem é essa jovem?

...

Pinheiro Machado, senador pelo Rio Grande do Sul, sai do Senado numa tarde de crise política. Nas ruas, o povo. (Eram aqueles tempos). O motorista ficou preocupado:

— Como é que eu devo dirigir, senador?

— Nem tão ligeiro que pareça covardia, nem tão devagar que dê idéia de provocação.

...

Luis Pereira, pintor de paredes em Pernambuco, dormiu com 200 votos e acordou deputado federal. Era suplente de Francisco Julião, cassado. Chegou a Brasília de roupa nova e coração novinho. O jornalista Murilo Melo Filho jogou a primeira lata de tinta no silêncio daquela provinciana fachada política:

— Deputado, como vai a situação?  
— As perspectivas são piores do que as características.

...

Crisanto Moreira da Rocha, deputado cearense, estava no interior em campanha para a Câmara Federal. Uma noite, morrendo de fome, parou numa venda de beira de estrada, pediu seis ovos fritos. Veio a conta: seiscentos mil réis.

— Como está caro. Ovos aqui são difíceis de encontrar?

— Não, doutor. Ovo é fácil. O difícil de encontrar aqui é um deputado federal.

...

Em 1930, havia um hino cantado em todo o país: "João Pessoa, João Pessoa, bravo filho do sertão". O paraibano comprou um gramofone e reuniu os amigos para ouvirem um hino de João Pessoa.

O gramofone começou a tocar:  
— "João Pessoa, João Pessoa".  
Depois empacou. Ficou tocando só assim:

— "Bravo filho, bravo filho, bravo filho..."

O paraibano chamou a mulher:  
— Leva as meninas lá para dentro, que ele está querendo dizer um palavrão.

...

Fernando Costa, interventor de São Paulo, visitou Minas para curar as feridas da Revolução Constitucionalista de 32, que muito separou paulistas e mineiros. Milton Amado, jornalista, escritor, secretário da Imprensa Oficial, vingou-se. A manchete da primeira página saiu assim:

— Hoje, em Minas, o governador Fernando Tosta.

Benedito Valadares, governador de Minas, pediu desculpas, ele sorriu:

— Ora, Benedito, ainda bem. B era pior.

...

Juscelino ia passar o governo a Jânio no dia seguinte. A turma da intriga jogou o boato:

— Jânio vai fazer um discurso violento, atacando o presidente frente a frente. Ele não deve ir à transmissão.

Os boatos cresceram, a pressão aumentou, ele reuniu um grupo de auxiliares e amigos no Palácio Alvorada. Alkmin chega preocupado:

— Juscelino, estou seguramente informado de que o Jânio vai fazer mesmo um discurso agressivo contra você, na sua frente.

— Pois eu vou passar o cargo ao presidente que o povo elegeu. Há muitos anos, neste País, só o marechal Dutra passou o governo. Vou passar também. Quero dar uma demonstração ao mundo de que a democracia funciona no Brasil.

— E se ele fizer um discurso agressivo?

— Dou-lhe uma bofetada na cara e o derrubo no meio do salão. Vai ser o maior escândalo da história da República. Não houve discurso nem bofetada.

...

Em 37, Getúlio nomeou o baiano Daltrio Filho para interventor no Rio Grande do Sul. Flores da Cunha ficou indignado, veio ao Rio:

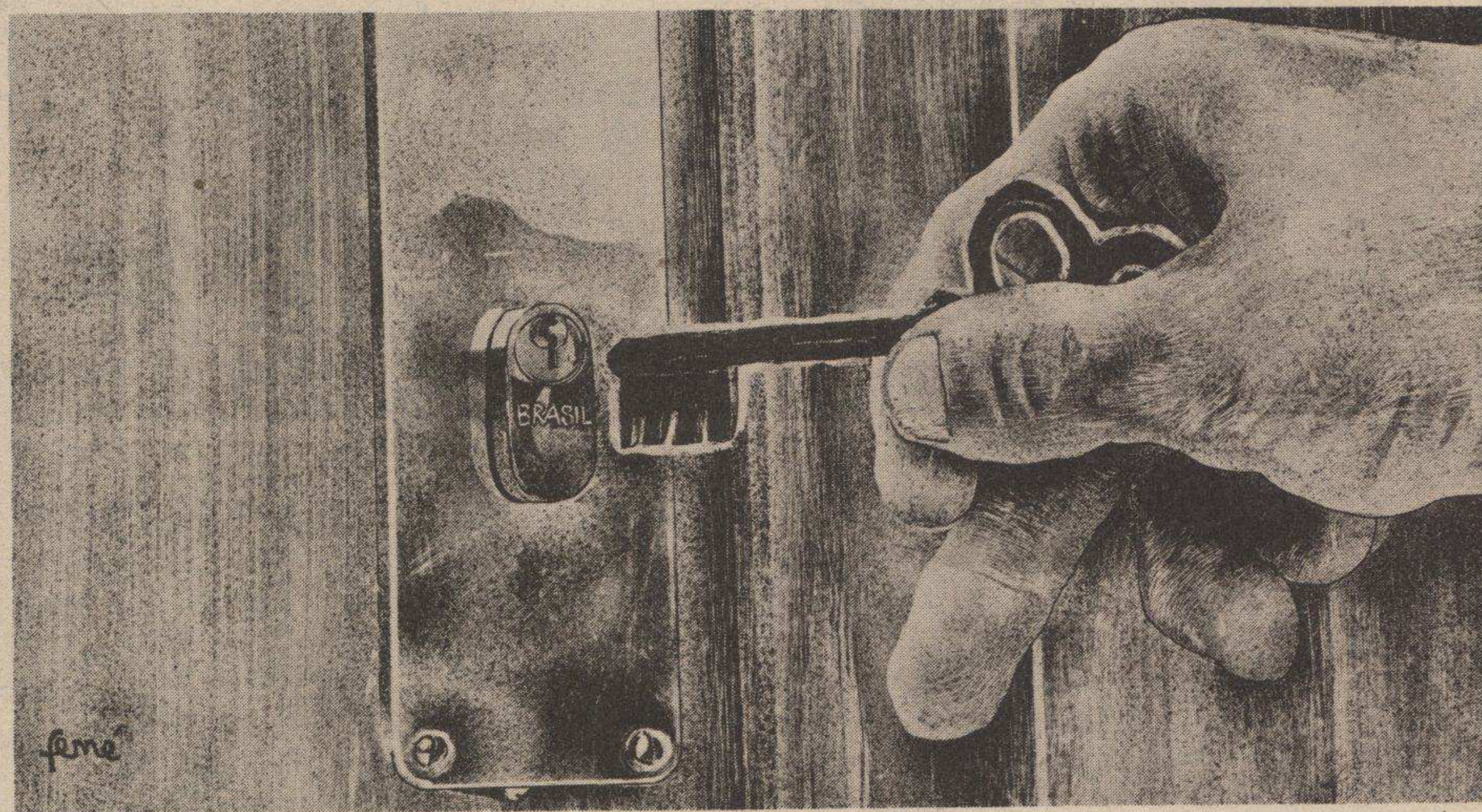
— Que fizeste, Getúlio? Tu és um renegado.

— Ora, Flores, se um gaúcho pode governar o Brasil, por que um baiano não pode governar o Rio Grande?

(Extraído do Folclore Político nº 1)



## Um ano de anistia



# VALEU A PENA VOLTAR?

*Pobres, inadaptados, repelidos pelos vizinhos, com dificuldades para viver e trabalhar, os anistiados ainda não se sentem em casa depois de um ano de Brasil. Vivem uma espécie de quarentena, e muitos enfrentam vetos políticos nos locais onde procuram emprego*

Por LICÍNIO AZEVEDO

— Pensam que temos chifres e língua de fogo — diz esta nordestina do interior do Maranhão, 53 anos e cinco filhos. — Tem gente que nos olha com respeito mas algumas pessoas ficam desconfiadas e comentam: “É a família do Lucena, o terrorista que assaltava bancos e matava pais de família”. Para eles somos as viúvas dos terroristas. Mesmo lá em Cuba às vezes chegavam jornalistas daqui e ficavam olhando pra gente, admirados: “Mas você é a viúva do Fulano?”

Damaris Lucena se entusiasma e se emociona quando fala dos 10 anos em Cuba e dos cinco meses de Brasil:

— Moço, escreve no jornal de vocês que temos família, que gostamos de dançar, de ouvir música, de piquenique, de festa, que nossas crianças gostam de brinquedos e minhas filhas tinham 32 bonecas em Cuba. Põe aí que adoro balé e somos como qualquer outra família brasileira. Tanto que eu e Isaura juntamos nossa solidão de viúvas e agora vivemos juntas, como irmãs.

A “irmã” dela é Isaura Silva Coqueiro, 39 anos, viúva do operário de obras

Aderval Alves Coqueiro. Ele foi o primeiro banido a regressar ao Brasil e o mataram no Rio, em fevereiro de 1971. Isaura voltou há um ano, depois de oito de exílio. O único emprego que conseguiu em São Paulo foi de cozinheira num escritório, a Cr\$ 6 mil por mês. Compartilha as emoções de Damaris e há um mês as duas dividem a mesma casa, num bairro afastado do centro da cidade. Três quartos para nove pessoas: dois filhos de Isaura e cinco de Damaris. Além de Isaura, só uma filha dela e um de Damaris conseguiram emprego.

**A vizinha pergunta:  
“Por que você não  
volta para a África?”**

Um ano depois da anistia e alguns meses depois da volta da maioria dos

exilados, grande parte deles vive uma espécie de quarentena. Nela têm que procurar se integrar no país que encontram após uma década, enfrentar um mercado de trabalho em crise e vetos políticos quando procuram emprego. Um ou outro acha que tem o telefone censurado.

Rafael de Falco, exilado nove anos, terminou o curso de Engenharia em Havana. Nos primeiros meses de Brasil enviou 50 currículos para empresas e recebeu resposta só de duas. Moacir Vilela, com curso de Arquitetura concluído no Chile e anos de experiência profissional na Argentina, estava trabalhando há quatro meses na Coordenadoria do Bem Estar Social, em São Paulo, quando foi vetado pelo major encarregado da triagem ideológica dos contratados pelo município. Outro exilado que esteve cinco anos na Marinha de Guerra, antes de 64, perdeu a única oportunidade de emprego porque não conseguia tirar um certificado militar. Sílvia Pontes deixou de procurar trabalho como secretária bilingüe por causa da

carteira profissional. Os funcionários das agências de emprego pegavam o documento e perguntavam:

— Mas se você tem experiência por que a carteira está em branco?

— Estive fora do Brasil — respondia Sílvia, que se formou em Serviço Social na França.

— Complicações com o Deops? — queria saber o funcionário.

— Sim.

— Infelizmente, acho que ninguém vai querer uma secretária que teve problemas políticos — encerrava a conversa o empregado da agência.

Maria Aparecida Horta ficou seis anos fora, voltou em maio do ano passado e acha que o principal é reciclar a cabeça. Diz que aqui é preciso uma certa reserva diante das pessoas e ela tinha se desacostumado: “É necessário saber com quem se fala”.

Dos 130 banidos só oito foram julgados. Dulce Maia estava entre estes e acabou absolvida em quase todos os processos. Foi condenada a três anos



como militante, e ficou 11 exilada. Voltou há um ano com distúrbios renais causados pela tortura e resolveu mergulhar em São Paulo. A primeira necessidade foi viver só. Mais ou menos como outra exilada, que prefere o anonimato da sua casa e que com um ano de Brasil gosta mais de receber visitas do que de sair. Diz que assim sente que tem uma casa estável e que não vive mais provisoriamente em lugares onde acordava de manhã, no meio dos filhos, e não sabia nem onde tinha uma calcinha limpa para vestir depois do banho.

A preocupação de Dulce foi reconstruir a vida aqui imediatamente, sem levar em consideração o tempo fora, nem a paranóia dos familiares. Queria dramatizar a própria maneira como saiu do Brasil.

— **Algemada e banida, sem opção, no meio de muitas armas e com nossos torturadores dentro do avião. E o mais terrível foi ver alguém ser torturado na minha frente.**

Ela está com 40 anos e diz que voltou a ser peixe na água em São Paulo. Já foi até assaltada na rua e outro dia levou uma surra de uma vizinha por causa de uma discussão sobre uma conta de telefone errada. Entre outras coisas, ouviu da agressora:

— Por que você não volta pro meio dos negros da África? (no exílio, Dulce esteve cinco anos na Guiné-Bissau).

Apesar de conhecer gente que ainda sente medo de andar na rua, ela afirma que está tranqüila. Trabalha na Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos, com um bom número de outros exilados, e está empenhada na criação de um centro de informação e documentação sobre os movimentos de libertação africanos.

A reciclagem de Maria Aparecida Horta começou no aeroporto de Lima, escala entre Cuba e Brasil, quando viu crianças trabalhando como carregadores de malas e mendigos pelas ruas.

— **Sabia que tudo isso existia mas depois de tantos anos a gente desacostuma — explica. — E pior que ver estas coisas foi descobrir o jeito humilde da dona da pensão onde fiquei em Lima. Ela não olhava nos olhos e em Cuba era maravilhoso andar pelas ruas sem ver mendigos ou crianças abandonadas e eu já estava habituada a seis anos de dignidade cubana: eles olham nos olhos da gente.**

Logo nos primeiros dias em São Paulo a irmã dela disse: "Vou te levar no Eldorado, o mundo maravilhoso das compras". Ela foi, viu aquela imensidão de prateleiras com objetos de todos os gêneros, comprou meia-dúzia de maria-mole, apesar dos protestos da irmã — mas como? só isso? — e pediu para sair de lá.

— **Não agüentei. Achei agressão, me deu raiva: há países com tantas dificuldades pra fazer as coisas e aqui existem vinte marcas de papel higiênico para uma minoria.**

Maria Aparecida ainda não se sente reciclada e quando perguntam a razão, acende um cigarro e responde, com um ar levemente angustiado:

— **Alguns dos meus amigos estão mortos, com outros já não há interesses comuns. Tenho os amigos que fiz na volta.**

## "O Brasil mudou. Hoje todos falam de crédito e inflação"

Antes do exílio ela deu aulas sete anos em escolas públicas. Foi exonerada e agora, com 34 anos, deve recomeçar tudo. Fez concurso e dá aulas à noite, como uma novata, sem adicionais e cuidando para não ficar visada. Antes de sair do Brasil pagava o aluguel de um apartamento com um terço dos vencimentos. Com os Cr\$ 14 mil que está ganhando precisa morar na casa da família. Dava aulas de português em Cuba e ganha 220 pesos mensais. Pagava 20 pesos de casa e gastava outros 20 com alimentação.

Há uns dias entrou na sala de aula da sua nova escola e encontrou uma suástica

no quadro-negro. Perguntou quem era o autor, como quem não quer nada.

— Fui eu — respondeu um aluno de uns 15 anos.

— E o que é isso? — ela quis saber.  
— O símbolo de um negócio legal que fizeram lá na Alemanha — respondeu o aluno.

Apesar de tudo, Maria Aparecida diz que o exílio está começando a ficar distante. Mas que é sempre um ponto de referência.

Para Silvia Pontes a principal dificuldade para se reintegrar é a maneira como abandonou o país. Estava na clandestinidade e com prisão preventiva decretada. Saiu em 1973 e viveu sete anos provisórios até a anistia. Voltou com um filho de quatro anos (o pai é exilado argentino) e uma grande insegurança sobre o tipo de vida que levaria aqui: o emprego, a casa, a escola para a criança.

— **Cheguei sem perspectivas do que fazer e como fazer, não sabia como me inserir. No começo fiquei confusa mas depois escolhi o PMDB para atuar e mesmo assim estou recém tentando começar.**

Ela achou São Paulo meio triste porque tudo lhe lembrava velhas histórias e situações críticas. Com o tempo começa a se acalmar.

— **Quando a gente saiu, as pessoas podiam até ver certas coisas mas não ousavam comentar. Agora já falam e foi esta novidade que me ajudou a agüentar o tranco da reintegração. Mas não estou completamente à vontade.**

Com 33 anos e um trabalho de assistente social em São Caetano, Cr\$ 15 mil por mês, ela sente dificuldades em reatar relações com companheiros que permaneceram no Brasil.

— A gente desenvolve por caminhos diferentes. Quem viveu na França, por exemplo, participou da discussão do marxismo na Europa, volta influenciado pelo pensamento político dos partidos da esquerda europeia. Os companheiros que ficaram no Brasil participaram de processos completamente diferentes e no início temos dificuldades em falar a mesma linguagem. Não é fácil a gente saber o que fazer aqui, nem as pessoas sabem como contar conosco e em quê. A primeira conversa com os companheiros que estiveram presos só pode começar pelo passado: o que aconteceu e como. Nisso o relacionamento é natural, se conta tudo até hoje. E o presente fica em suspenso.

Já para o ex-presidente da União Nacional de Estudantes, Luís Travassos, exilado 11 anos em Cuba, Chile e Alemanha Federal, o diálogo fundamental com os ex-companheiros foi em função do presente.

— **Esperava dificuldades no reencontro — diz ele. — Mas os traços comuns da nossa linguagem foram preponderantes. Os problemas que vivemos hoje são os mesmos que motivaram a gente a participar politicamente há muito tempo.**

Travassos voltou do exílio com 35 anos, casado e com dois filhos. Agora fala alemão e tem curso de Economia feito em Berlim. Veio com poucos planos, sabia apenas que queria fazer política de base e que o mais imediato era procurar trabalho. Nos últimos tempos fora, teve muita informação do Brasil, esperava encontrar o país mudado pelo desenvolvimento econômico e pelos 14 anos de ditadura militar.

— **Sempre há uma diferença grande entre a expectativa teórica e a realidade,**

**que é mais dura — admite. — A forma como a mentalidade capitalista e a competitividade entre as pessoas se acentuaram me chocou. Até o vocabulário do brasileiro é diferente, agora todo mundo entende de crédito bancário, fala de inflação.**

Ele acha que teve sorte em conseguir logo um emprego numa indústria privada de mecânica pesada, enquanto muitos exilados com a mesma qualificação continuam desempregados. O dono da empresa é um norueguês naturalizado brasileiro e tem uma mentalidade social-democrata da Escandinávia. É um sujeito que acredita que pode formar um técnico para a empresa dele em um ano mas que em cinco não forma um empregado com uma visão geral do mundo.

## Rafael não consegue tirar atestado de bons antecedentes

Travassos divide os exilados em dois grandes grupos. Acha que os que voltaram de Cuba viveram completamente a experiência da construção do socialismo e têm uma bagagem de maior profundidade ideológica.

— **Já quem veio da Europa viu o monstro por dentro, teve possibilidade de contato com movimentos operários muito mais desenvolvidos que se debatem com os problemas centrais do capitalismo.**

Ele também não se considera reintegrado. Voltou em outubro do ano passado, ainda tem uma participação política limitada no PT. E há coisas que pesam, como o suicídio de uma companheira em Berlim, causado pelas marcas deixadas pela tortura.

Os que voltaram para São Paulo reagem das formas mais variadas diante da cidade. José Maria Rabelo perdeu até o mau humor que tinha na França. Numa manhã saiu da casa onde estava hospedado, para comprar pão numa padaria na esquina do Minhocão, e exclamou:

— **Como o Darcy Ribeiro é exagerado! O Minhocão até que não é tão feio assim!**

Rafael de Falco já foi assaltado e roubado três vezes desde que chegou a São Paulo, mas assim mesmo acha que a cidade humanizou-se um pouco:

— **Há 10 anos as pessoas andavam mais depressa e eram mais neuróticas. Algumas parcelas da população estão mais preocupadas com a qualidade de vida.**

Nas primeiras semanas a menina Tânia Carla, de cinco anos, parava na rua e olhava sem compreender para as crianças que via pedindo esmolas. Parou na frente de uma mulher deitada com os filhos na calçada da rodoviária e não quis mais andar.

— **Eles não têm casa, pai? — perguntou, sem tirar os olhos de cima deles e de um jeito que deixava todo mundo meio sem graça.**

Os pais, Rafael e Arlete Bendazoli, tiveram de encontrar uma maneira de explicar o significado daquela cena que ela desconhecia em Cuba. Mas Tânia Carla ainda não se acostumou, apesar de já ter esquecido o espanhol nos dez meses que está aqui.

Bendazoli terminou o curso de Engenharia em Cuba e Arlete especializou-se em Biologia Marinha. Ele foi presidente do DCE da Universidade de São Paulo, tem 34 anos e aparenta mais, como uma grande parte dos exilados. Arlete, com a mesma idade, é uma exceção: aparenta menos. Longe de casa descobriram que os laços de família e as amizades pesam muito e isso aumentou a ansiedade na viagem para cá. Voltaram querendo se integrar. O impacto que eles receberam na chegada foi quase o mesmo da filha, apesar de conhecerem tudo isso:

— **Quem vem da Europa e vê a miséria tem explicação: o subdesenvolvimento — diz Bendazoli. — Mas nós viemos de Cuba, que não é um país desenvolvido, tem as mesmas dificuldades que o Brasil, e resolveu estes problemas com poucos recursos, enquanto aqui estamos regredindo. O exterior abriu horizontes para a gente. A realidade socialista nos mostrou que é possível**

Damaris (abaixo, à esquerda) mora junto com Isaura (abaixo, à direita) e mais sete filhos numa casa de três quartos na periferia de São Paulo





acabar com a miséria, desenvolver a educação e a saúde. Também nos educou, agora sabemos que o ser humano não precisa de tanta bobagem para ter uma vida digna. Precisa bem menos do que a classe média brasileira tem à sua disposição.

Depois de uma batalha dura, Bendazoli arranhou emprego e Arlete começou a dar aulas de biologia há poucas semanas. Os diplomas de Cuba são reconhecidos sem problemas devido a acordos internacionais. Mesmo assim, ele não conseguiu registro no Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura e já tentou tirar atestado de bons antecedentes duas vezes, sem êxito, apesar de anistiado.

Ambos consideram a volta ao Brasil como mais um dos vários rompimentos dentro de suas vidas. Acostumaram-se a mudanças e o retorno não trouxe grandes problemas de adaptação.

## "Eu não tinha grandes ilusões e isso ajudou"

— O maior de todos os rompimentos foi a saída violenta — diz Arlete. — O resto é fácil comparado com isso. O difícil é saber que existem pessoas, e que podemos encontrá-las aqui na rua, que te davam o Evangelho segundo São João pra te distraíres entre uma sessão de tortura e outra.

— Pessoas como um capitão que num momento de desabafo disse que eu era mais feliz do que ele porque não precisava torturar ninguém para subir na hierarquia militar — completa Bendazoli com a maneira pausada de falar de quem mede cada palavra.

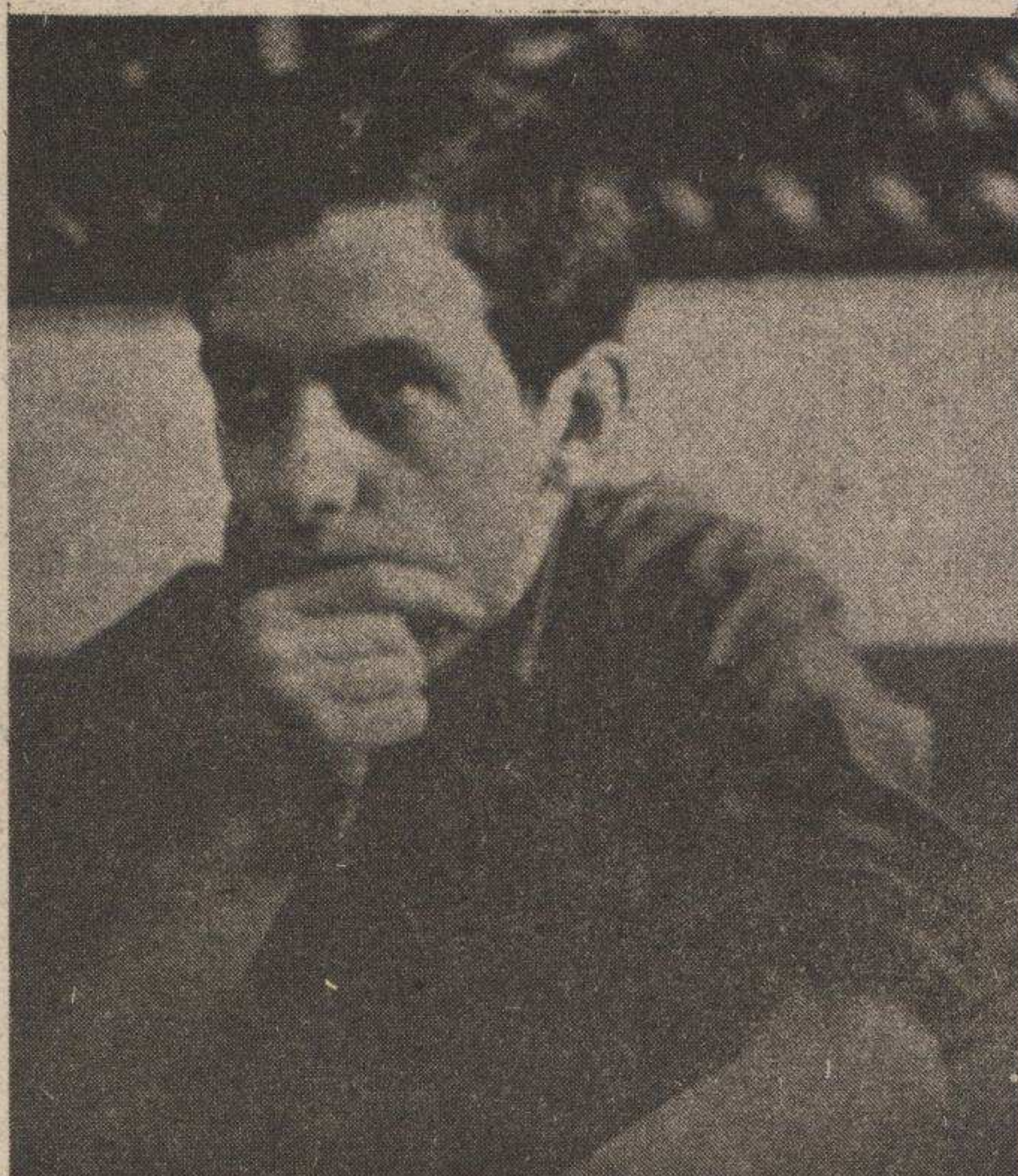
José Dirceu, ex-presidente da União Estadual de Estudantes de São Paulo, é um dos poucos que se consideram quase reintegrados. Dá aulas num curso pré-universitário, trabalha na Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos e atua no PT.

— Estou aqui há oito meses e me esforço para participar. Ganho de Cr\$ 12 a 18 mil por mês, moro em casa de amigos e ando de ônibus o dia inteiro. Os eventuais problemas de saúde resolvo na base da solidariedade, porque não daria para pagar um médico.

Ele tem 34 anos e planos de terminar o curso de Direito ou fazer Economia. Saiu com 23 anos, ficou a maior parte do tempo em Cuba (leia entrevista na página 26), mas não continuou os estudos, ao contrário da maioria dos que foram para lá. Está escrevendo um livro sobre os acontecimentos de 65 a 69, prisão e banimento. O grande choque no Brasil, para ele, foi constatar que a dependência externa do país e os privilégios da minoria aumentaram.

— Eu não tinha grandes ilusões e isso ajudou. Sabia das limitações da anistia e que a democracia relativa mantinha todo o estado policial que começou em 68. Pouca coisa mudou: os militares continuam como guarda pretoriana dos interesses econômicos, a política do Governo para o trabalhador é a de sempre e o papel da abertura é evitar que a crise leve à luta política e social. A grande novidade para mim foi a participação dos trabalhadores na política, a criação do PT. Também vi o crescimento da oposição civil e dos movimentos de periferia. O movimento estudantil retomou sua luta mas suas reivindicações são as mesmas de 69 porque a universidade não mudou, só aumentou seus problemas.

A Comissão Nacional de Exilados, do Movimento Brasileiro pela Anistia, não conseguiu juntar os números necessários para saber quantos voltaram, quantos continuam fora e quantos não foram incluídos na anistia. O pessoal da Comissão ficou conhecido nos aeroportos brasileiros pelo número de vezes que foi esperar chegadas de aviões entre agosto do ano passado e janeiro deste ano. Zilá Abramo, uma dessas pessoas, conta que iam ao Congonhas com cartazes de boas-vindas aos exilados. Freqüentadores comuns do aeroporto que já tinham se familiarizado com a presença do grupo perguntavam: "Então, quem vem hoje?"



Arquivo Coojornal

Travassos (acima) não se considera reintegrado. Rabelo (acima, à direita) perdeu o mau humor depois que voltou, e Zé Dirceu (ao lado) esforça-se para participar, mas adverte: "Eu não tinha ilusões com o Brasil"



Foto Samuel Tavares

Uma das idéias da Comissão era criar uma bolsa de empregos para os exilados, buscar e divulgar oportunidades. Não conseguiu organizar mas sempre procura atender algumas necessidades deles: assistência médica, dinheiro em casos especiais, às vezes indicação de empregos e principalmente documentação.

— O formulário da USP para reconhecimento dos diplomas estrangeiros dos exilados é policial — denuncia Zilá Abramo. — Exige informações que não têm nada a ver com o documento: datas, roteiro fora do Brasil, passaporte.

## Ariston não pode fazer política nem ir a bares

Há dois meses um grupo de 50 moradores de São Paulo organizou uma *vaquinha* pra apoiar exilados que conheciam e que tinham dificuldades econômicas na chegada e até problema para conseguir fiador para alugar casa. Cada um entra com um mínimo de Cr\$ 300,00 por mês mas teve gente que já deu Cr\$ 5 mil. O dinheiro está sendo usado para a instalação de três famílias operárias que vieram de Cuba.

Isaura Coqueiro e Damaris Lucena só conseguiram alugar a casa onde moram juntas com apoio da *vaquinha*. "Estamos vivendo de solidariedade", diz Damaris. A casa foi quase toda mobiliada pelos parentes das duas, o essencial e com austeridade: tem fogão, geladeira e mesa com cadeiras na cozinha, tevê portátil, sofá e duas poltronas na sala. Há camas, mas alguns colchões ainda ficam no chão.

O trabalho na casa é coletivo. Cada um lava e passa sua própria roupa, até a menor de 11 anos.

— Aqui não se discute, não se fala mal pelas costas — explica Damaris. — Se diz pela frente: você não lavou a sua roupa ou não deu descargo no banheiro.

Damaris está brigando para receber a aposentadoria do marido e reaver a casa da família. Os problemas que ela e Isaura enfrentam incluem conseguir Cr\$ 3 mil exigidos pelo cônsul suíço em São Paulo pra reconhecer a assinatura do cônsul em Cuba.

O filho mais velho de Damaris, Aris-

ton Lucena, foi condenado a pena de morte com 18 anos. Ficou preso nove anos e agora está em liberdade condicional. Por 12 anos não pode se envolver em política ou entrar num bar. Outros três filhos dela assistiram à morte do pai, em 1970. Adilson Lucena tinha nove anos e a última imagem que tem do pai é dele sem camisa, já morto e levando tiros, encostado no tanque, ao lado da porta da cozinha.

O mecânico aposentado Antônio Raimundo Lucena, de 48 anos, estava na clandestinidade com a família e dormia sem camisa. Às três da tarde sua mulher foi abrir a janela que dava para o quintal e viu dois homens. A tarde era chuvosa, uma sexta-feira de fevereiro. Havia carros da polícia em volta da casa de quarto e cozinha, uma chacinha a três quilômetros de Atibaia, no interior de São Paulo. Ela fechou a janela e gritou para o marido.

— Lucena ficou apavorado e eu também — lembra Damaris. — Vi outros dois policiais espiando pela janela do quarto e saí na porta.

— Cadê seu marido? — um deles perguntou.

— Táí — respondi.

— Queremos falar com ele — disse o homem.

Fiquei sem saber o que fazer. Fui para dentro e meu marido saiu na porta.

— Vá botar sua camisa pra ir junto — ouvi a polícia dizer a ele.

— Ele sabia que ia ser morto na tortura. Tinha certeza. Então aconteceu tudo muito rápido. Lucena pegou o fuzil Fal sem nenhuma conversa. Saiu pela cozinha e caiu quase na porta, derrubou dois antes de cair. Foram tantos tiros e eu corria de um lado pra outro dentro de casa com a menina de três anos no colo. Me botaram numa cadeira com três polícias em volta. Me encostavam o Fal, uma metralhadora e um revólver e diziam: "Mata, mata logo". Queriam saber onde estava Lamarca. E como eu ia saber! Eles gritavam e eu ficava com a cabeça abaixada, olhando para minha filha no meu colo.

Damaris ficou presa 23 dias e foi solta no seqüestro do cônsul do Japão, com 42 pontos no corpo por causa da tortura. Nesses dias até a irmã dela, a empregada doméstica Jovelina Oliveira, de 58 anos, foi presa e torturada. As crianças foram para o Juizado de Menores. Adilson tinha assistido à morte do pai escondido de baixo da cama. Nas três semanas de juizado teve de ouvir uma bronca diária

da diretora: "Quieto menino, você é filho de um terrorista".

Isaura soube da morte do marido pelo rádio, pensava que ele estivesse na Argélia. Guarda o recorte da página policial do jornal *O Dia*, do Rio, de 7 e 8 de fevereiro de 1971. O título da matéria, uma nota na parte de cima da página, é: "Terrorista banido regressa e morre". A legenda das duas fotos, uma de frente e outra de perfil, diz: "Aderval Alves Coqueiro, o *Coqueiro*, subversivo morto na Rua Cosme Velho". Dez linhas explicam que ele fora trocado pelo embaixador holandês Von Holleben, em 15 de junho de 70, e o título da matéria logo abaixo é: "Ancião apaixonado mata mocinha e tenta suicídio".

Meses depois Isaura pegou as duas filhas, uma com 11, outra com seis anos, e saiu para o exílio. Antes enterrou o marido no cemitério de Inhaúma, no Rio. Na volta foi procurar o túmulo e não encontrou. O que pagou em 1970 garantia o espaço no cemitério só por cinco anos e ela ficou oito fora.

## No curso indagam se Sueli treinou guerrilha em Cuba

Em Cuba ela e Damaris tinham uma pensão de 190 pesos, embora não trabalhassem. Não pagavam casa, a única despesa eram três pesos para a eletricidade. No início, Isaura trabalhou numa fábrica de cuecas mas depois os problemas de saúde a impediram de continuar. Damaris e todas as crianças foram para a escola.

— Lá fui conhecer o Brasil — conta Damaris. — Estudei literatura brasileira, conheci os nomes dos nossos rios, que não sabia porque aqui era analfabeta. Quando menina a coisa que mais queria na vida era estudar. Não queria nem sapato, nem vestido, só queria estudar e foi o que menos consegui. Em Cuba realizei o sonho de 42 anos: ser estudante. Ia pro colégio com meus filhos, discutia com os alunos sobre a Revolução Francesa e outros bichos. Quando faziam alguma pesquisa e perguntavam a profissão eu respondia: estudante. Tinha orgulho de aprender álgebra, matemática. Que coisa linda é saber raiz quadrada!

Damaris estudou até quase o fim do secundário e queria fazer Jornalismo. Então parou tudo para voltar e sabe: que aqui dificilmente vai continuar os estudos e que é impossível conseguir emprego aos 53 anos. Quase todos os filhos dela e de Isaura também pararam de estudar.

— Disse para a criança *tirar o cavalo da chuva*, no Brasil precisam de dinheiro pra estudar — explica Damaris.

Por tudo isso a filha mais moça de Isaura, Célia, de 16 anos, veio chorando no avião para o Brasil, dizia que queria ficar. A mais velha, Sueli, 19 anos, estudou uns meses no cursinho Equipe e teve que sair porque os Cr\$ 7 mil que ganha com o emprego de secretária em São Bernardo não chegam para pagar o curso.

Damaris chegou a São Paulo tendo que perguntar para as irmãs o que eram Cr\$ 100,00. As vezes ia à feira fazer compras com uma nota de Cr\$ 50,00 pensando que era dinheiro. Ela acha que os brasileiros conheceram o peso de uma ditadura militar e se politizaram, estão mais organizados. Diz que está procurando não se envolver nos movimentos de periferia, sua área, porque pensa que é capaz de atrapalhar por ter vindo de Cuba. As pessoas podem se deixar levar pela propaganda anticubana e ela prefere deixar o tempo passar. Damaris não pensa em casar outra vez.

— Quando vi matarem meu marido daquele jeito, falei: não caso mais. Sou mulher de luta, imagine se caso com um homem que não é assim. Prefiro lutar com meu povo.

Os filhos dela e de Isaura têm que enfrentar outros inconvenientes no contato com jovens da idade deles. No Equipe perguntavam para Sueli se ela tinha treinado guerrilha em Cuba. Ela respondia que não, mas contava que fez balé por três anos, três horas por dia. Adilson já foi obrigado a explicar várias vezes que em Cuba tem restaurante e religião e que o povo de lá se veste como a gente.



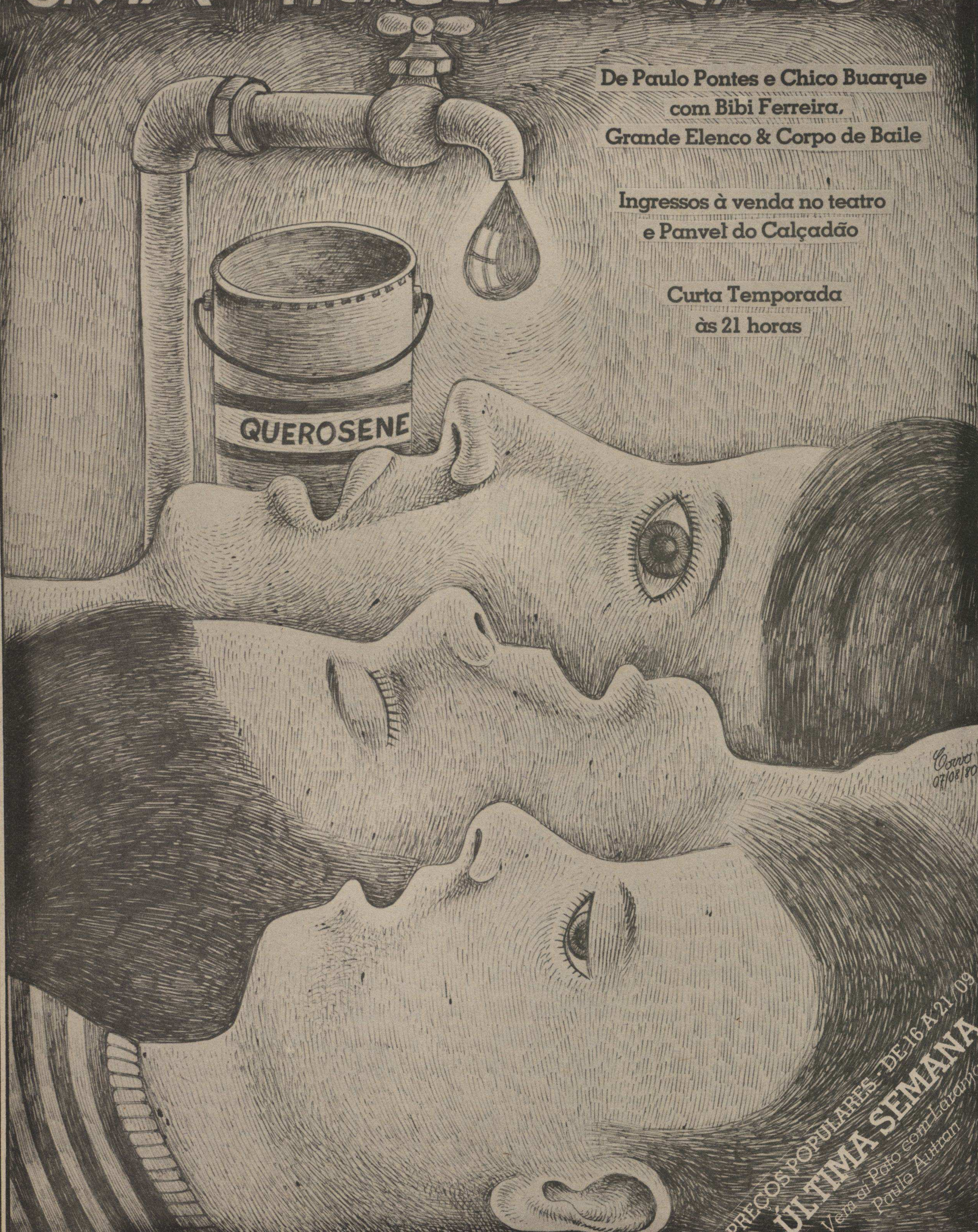
# GOTA D'ÁGUA

“UMA TRAGÉDIA CARIOCA”

De Paulo Pontes e Chico Buarque  
com Bibi Ferreira,  
Grande Elenco & Corpo de Baile

Ingressos à venda no teatro  
e Panvel do Calçadão

Curta Temporada  
às 21 horas



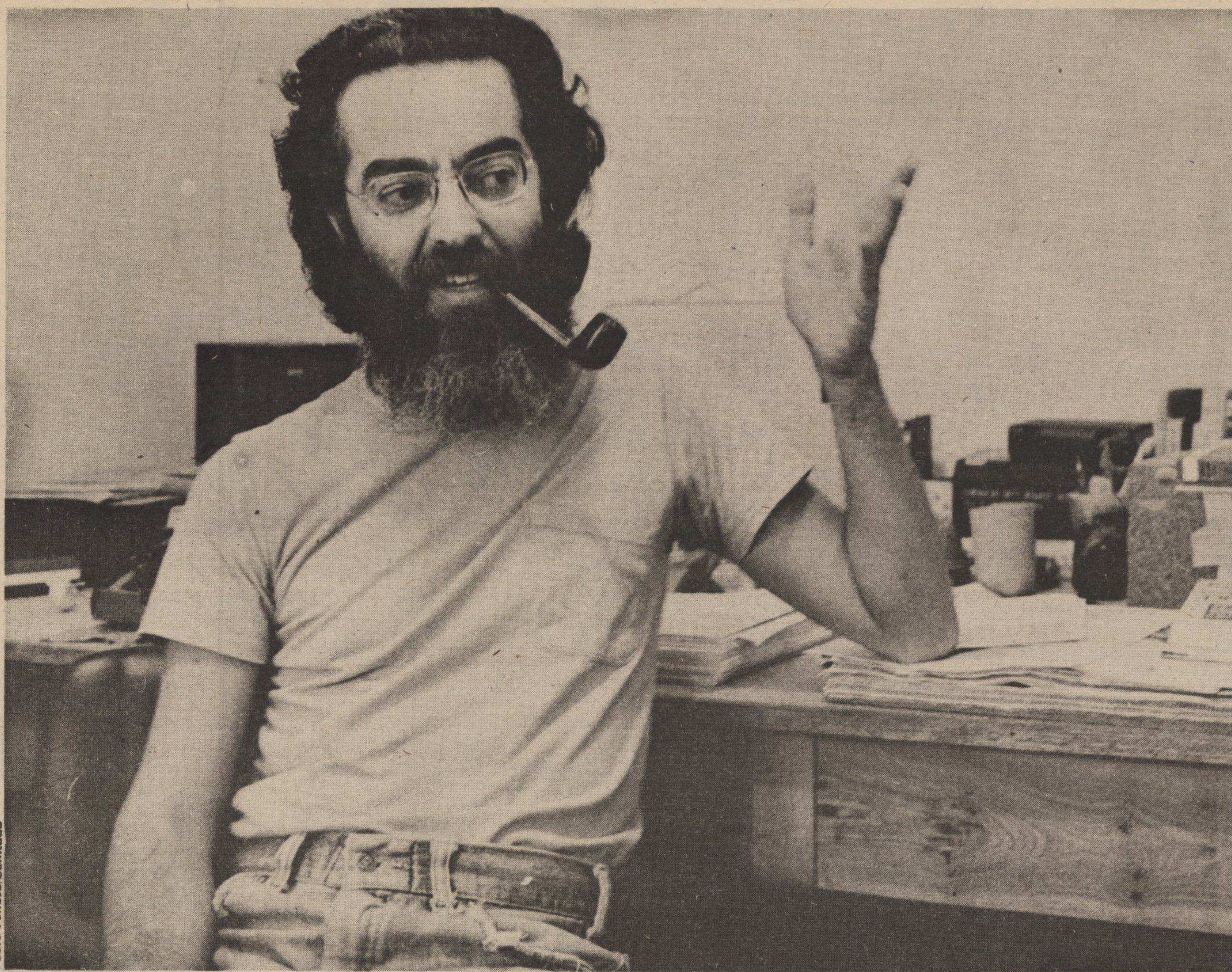
Correio  
07/08/80

PREÇOS POPULARES - DE 16 A 21,09  
**ÚLTIMA SEMANA**  
Vem ao Pato com Laramã  
Paulo Autran

TEATRO LEOPOLDINA







Paulo Velloso/Comitudo

Chiavenato: escrevendo 10 horas por dia

# O Brasil racista

Por Geraldo Hasse

**Julio José Chiavenato, autor de dois best-sellers — “Genocídio Americano” e “Guerra do Chaco” — lança mais um livro. Desta vez, ele fala sobre o racismo no Brasil, e conclui: Gilberto Freyre é um discípulo do nazismo**

Julio Chiavenato, aquele jornalista do interior paulista que se tornou *best-seller* de livros de história, está lançando em setembro o seu quarto livro: *O Negro no Brasil - da Senzala à Guerra do Paraguai*. O livro, que fala sobre o racismo no país, tem 220 páginas e sai no mesmo tom dos anteriores: polêmico, apaixonado, contrariando a história oficial.

Este novo trabalho de Chiavenato — do qual publicamos um trecho, a seguir — nasceu quando ele ainda pesquisava sobre a Guerra do Paraguai, tema de seu primeiro livro (*Genocídio Americano*, atualmente na 12ª edição). Chiavenato constatou que o exército brasileiro era constituído por uma maioria absoluta de negros, embora a história oficial passe por cima desse detalhe. É que os fazendeiros brancos tinham a faculdade legal

de enviar escravos para a guerra, substituindo filhos convocados. Segundo uma lei imperial, os fazendeiros faziam jus a condecorações e prêmios oficiais, caso mandassem para a guerra um bom número de escravos.

Pesquisando esses fatos, Chiavenato acaba desvendando os truques empregados pelas classes dominantes para estabelecer o *branqueamento da raça brasileira*. Segundo o autor, a cultura brasileira está completamente impregnada pelo racismo, nascido do anti-semitismo. Para provar sua tese, Chiavenato cita trechos de Nina Rodrigues, Joaquim Nabuco, Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre, Silvio Romero e outros intelectuais que, conscientemente ou não, destilaram alguma espécie de racismo disfarçado ou revelam preconceitos assimilados há várias gerações. Para Chiavenato, o intelectual brasileiro que levou mais longe e mais fundo o racismo foi Gilberto Freyre, precisamente em sua obra-prima, *Casa Grande & Senzala*.

Lançado também pela Brasiliense, sua editora desde o início o novo livro de Chiavenato vai criar caso não apenas porque mostra a chacina sofrida pelos negros na guerra do Paraguai (um fato escondido pela história oficial), mas porque pega no pé de alguns monstros sagrados, com destaque especial para o chamado mestre de Apipucos.

Mas a esta altura a maior surpresa em torno de Chiavenato não é um novo livro. A surpresa é que, morando ainda em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, está realizando uma façanha que pouquíssimos intelectuais conseguem, mesmo morando na capital: viver exclusivamente de livros.

É verdade que ele produz muito mais do que a média dos intelectuais brasileiros. *Genocídio Americano*, seu primeiro livro, saiu em abril de 1979 e já vendeu 55 mil exemplares. O segundo, *Guerra do Chaco*, lançado em setembro do ano passado, está entrando na quarta edição. O terceiro, *Stroessner: Retrato de Uma Ditadura*, que saiu em abril passado,

está partindo para a 3ª edição. Ao todo, ele já vendeu cerca de 80 mil exemplares de seus três livros, o que vem lhe permitindo viver comodamente, sem necessidade de um emprego que lhe garanta a sobrevivência.

Acusado de “produzir livros em série”, Chiavenato trabalha em casa regularmente uma média de 10 horas por dia, dividido em três turnos que começam às oito da manhã, à uma da tarde e às oito da noite, com intervalos para refeições, leitura de jornais e caminhadas. Às vezes viaja para dar palestras, ou para fazer pesquisas, mas não é difícil encontrá-lo em casa. Atualmente está escrevendo um novo livro, a sair em abril do próximo ano, sobre a Bolívia.

— Estou com a minha vida programada até meados do ano que vem — conta Chiavenato, que talvez nunca mais precise voltar à vida desorganizada de jornalista, pois tem esperanças de que seus livros também vendam no exterior. Em 1981, *Genocídio Americano* vai sair em espanhol, lançado pela Siglo XXI, do México.

Um dos problemas de Chiavenato no momento é saber como enfrentar as acusações de que “está fazendo livros em série”. Na verdade, ele só tem uma explicação: trabalha muito e disciplinadamente. Mas acha que por trás dessas acusações de produção seriada de livros subsistem dois aspectos importantes. Primeiro, uma certa inveja pelo fato de ele, um jornalista do interior, ser o *best-seller* que todos sonham ser na capital; segundo, uma certa resistência da cultura oficial e estabilizada contra o repórter audacioso que, sem seguir os métodos tradicionais de contar a história, está desmascarando alguns mitos muito caros ao orgulho nacional ou aos interesses dominantes do Brasil e na América Latina. Mais repórter do que historiador, porém com o dom da polêmica, este é o grande mérito de Chiavenato: ele investiga o outro lado da história. O texto que publicamos a seguir — que integra seu novo livro — é um exemplo disso.

## O paternalismo negrófilo de Gilberto Freyre

Gilberto Freyre é um autor típico para demonstrar a infiltração do anti-semitismo como traço cultural inseparável de certos ideólogos *a posteriori* da escravidão. O primeiro a defender os negros com maior acuidade humana, transformou esta defesa em um paternalismo negrófilo que, depurado dos seus derramamentos sensuais e literários, mostra o negro como um homem que precisa ser protegido: inferior. É o racismo paternal que por ser *bom*, não pode afirmar que seu filho é inferior. A inferioridade do negro paternalizado — o cerne encoberto da ideologia de Gilberto Freyre, envernizada de luxúria e sensualidade pela raça africana, nele algo mais a ser desfrutado que respeitado como manifestação cultural de um povo — tem seu contraponto na inferioridade do judeu. O anti-semitismo é o veículo ideológico para Gilberto Freyre manifestar seus preconceitos raciais; o paternalismo aos negros, o resultado do *lado bom* do seu pensamento — exatamente como ele via um *lado bom* na escravidão senhorial, a *doçura nas relações de senhores com escravos domésticos*, que ele afirma em *Casa Grande & Senzala*.

É importante destacar seus preconceitos, porque ele teve muito mais influência que outros anti-semitas, como Roberto Simonsen, por exemplo. Simonsen, na sua *História Econômica do Brasil*, cita e concorda com Freyre, lastimando-se por ser Duarte Coelho um agricultor e não um judeu — isto é, um comerciante... Ele cita *Casa Grande & Senzala* onde Freyre afirma que “para os portugueses o ideal teria sido não uma colônia de plantação mas outra Índia com que israelitamente comerciassem especiarias e pedras preciosas; ou um México ou Peru donde pudessem extrair ouro e prata. Ideal semita”.

É um exemplo clássico de como o preconceito, no caso o anti-semitismo, penetra na cultura e vai se transmitindo de autor para autor, até criar uma barreira que impede um melhor entendimento sobre o desenvolvimento do processo político e econômico da nossa história. Nada é supérfluo quando se trata de desmistificar os enganos que, por coincidência ou não, acabam identificando-se com a ideologia das classes dominantes, para explicar a sociedade desviando-se dos seus próprios fundamentos.

Só em um livro de Gilberto Freyre, o seu clássico *Casa Grande & Senzala*, existe perto de uma centena de citações anti-semitas, algumas claras, outras encapuçadas em um julgamento neutro. Entre outros pronunciamentos preconceituosos contra os judeus, Freyre justifica o escravismo dos padres jesuítas como um possível parentesco judaico. “Os padres teriam se deixado escorregar para as delícias do escravagismo ao mesmo tempo que para os prazeres do comércio. Não fossem eles bons portugueses e talvez até bons semitas, cuja tradicional tendência para a mercância não se modificara sob a roupeta de jesuíta nem com os votos de pobreza seráfica.” Freyre chega até mesmo a justificar o Santo Ofício como necessário para pôr fim aos alegados abusos dos judeus, que para ele progrediram economicamente não por questões históricas ou pelo trabalho, mas pela falta de escrúpulos que — segundo o autor de *Casa Grande & Senzala* — seriam inerentes aos cristãos católicos:

“Em Portugal, as ordens religiosas desempenharam importante função criadora não só na reorganização econômica do território reconquistado aos mouros como na organização política das populações heterogêneas. Deram-lhes nexos político através da disciplina canônica. A nação constituiu-se religiosamente, sem



prejuízo das duas grandes dissidências que, por tolerância política da maioria, conservaram-se à sombra dos guerreiros mata-mouros: os judeus e os mouriscos. Essas relações de tolerância política permaneceram até que os segregados, ou pela superioridade do seu gênio mercantil e industrial, ou pela circunstância de serem um tanto estranhos ao meio e por conseguinte mais sem escrúpulos do que os outros, tornaram-se detentores das grandes fortunas peninsulares. Foi quando a maioria se apercebeu de que sua tolerância estava sendo abusada. Pelo menos pelos judeus."

É o velho anti-semitismo clássico, muito bem elaborado literariamente e que traz em si além da ideologia do anti-semitismo o mascaramento das suas intenções:

"Para conter os ódios que se levantaram quentes, fervendo, contra a minoria israelita, é que se organizou o Tribunal do Santo Ofício, reunindo à função de examinar as consciências o poder de examinar a frio e metodicamente os bens acumulados por mãos de herege. Os judeus haviam se tornado antipáticos menos pela sua abominação religiosa do que pela falta completa de delicadeza de sentimento, tratando-se de questões de dinheiro com os cristãos. Suas fortunas acumularam-se principalmente pela usura, proibida pela Igreja aos cristãos, ou pelo exercício, na administração pública, nas grandes casas fidalgas e mesmo nas corporações católicas, de cargos que convinhavam aos interesses dos cristãos latifundiários fossem exercidos por indivíduos desembaraçados de escrúpulos católico-romanos e das leis da Igreja."

**A** posteriori Gilberto Freyre é o melhor ideólogo do anti-semitismo, quase quinhentos anos depois do Santo Ofício português, que os próprios padres da Inquisição. O estereótipo do judeu pelo anti-semitismo de Gilberto Freyre encontra todas as formas clássicas do preconceito que foi exarcebado no nazismo. *Casa Grande & Senzala* é o mais lido livro sobre a escravidão brasileira; renegá-lo simplesmente — como tem sido feito há alguns anos — não basta: é preciso estigmatizá-lo e depurá-lo — porque também não se pode negar cegamente o seu valor — dos vícios e preconceitos raciais. E não por acaso o anti-semitismo de Freyre ocupa largo espaço em uma obra sobre a escravidão do negro e deturpa os fatos históricos para justificar a repressão da Coroa portuguesa contra os judeus. Continua Freyre em outro capítulo do seu livro:

"Em essência, o problema do judeu em Portugal foi sempre um problema econômico criado pela presença irritante de uma poderosa máquina de sucção operando sobre a maioria do povo, em proveito não só da minoria israelita como dos grandes interesses plutocráticos."

O judeu parasita, a serviço de reis e grandes senhores, contra o povo, alimenta o estereótipo que faz do judaísmo um excelente bode expiatório. Gilberto Freyre — a exemplo de delinquentes científicos que encontraram razões biológicas para a inferioridade dos negros — vai apelar para nebulosos princípios científicos para explicar biologicamente estes homens "de mãos em garra":

"Técnicos da usura, tais se tornaram os judeus em quase toda parte por um processo de especialização quase biológica que lhes parece ter aguçado o perfil no de ave de rapina, a mímica em constantes gestos de aquisição e de posse, as mãos em garra incapazes de semear e de criar. Capazes só de amearhar."

Não é demais lembrar que a primeira edição de *Casa Grande & Senzala* apareceu em 1933, no auge ideológico do nazismo, quando os estereótipos aplicados ao judeu pelos facistas alemães certamente se sentiriam diminuídos diante das explosões de Gilberto Freyre. Não é por acaso, portanto, que para consubstanciar seu anti-semitismo Freyre vá buscar o apoio de Chamberlain. E com Chamberlain à mão, culpa os judeus pela escravidão que os portugueses praticaram:

## "Gilberto Freyre vai estabelecendo culpas a torto e a direito aos judeus, livrando os portugueses de responsabilidades pelas mazelas lusitanas"

"Chamberlain salienta que os judeus desde o começo do período visigótico souberam impor-se entre os povos peninsulares como negociantes de escravos e credores de dinheiro. De modo que para o pendor português para viver de escravos parece ter concorrido o sefardim. Inimigo do trabalho manual, o judeu desde os remotos tempos inclinou-se à escravidão."

A imprecisão da análise, que chega a ser grotesca, bastaria para jogar os conceitos de Gilberto Freyre no lixo: mas não é possível — ele é o intelectual que mais influenciou a cultura mediana brasileira (e muitos luminares também) sobre o entendimento da escravidão. Por isso, em que pese a afirmação repetitiva, é preciso destacar seus enganos para ajudar a quebrar a barreira que se formou para o acesso mais objetivo aos fatos históricos. O estereótipo de Gilberto Freyre aplicado ao judeu vai das hipotéticas culpas que lhes lançam, atingindo o ridículo de sua figura humana, bem ao gosto do anti-semitismo mais virulento:

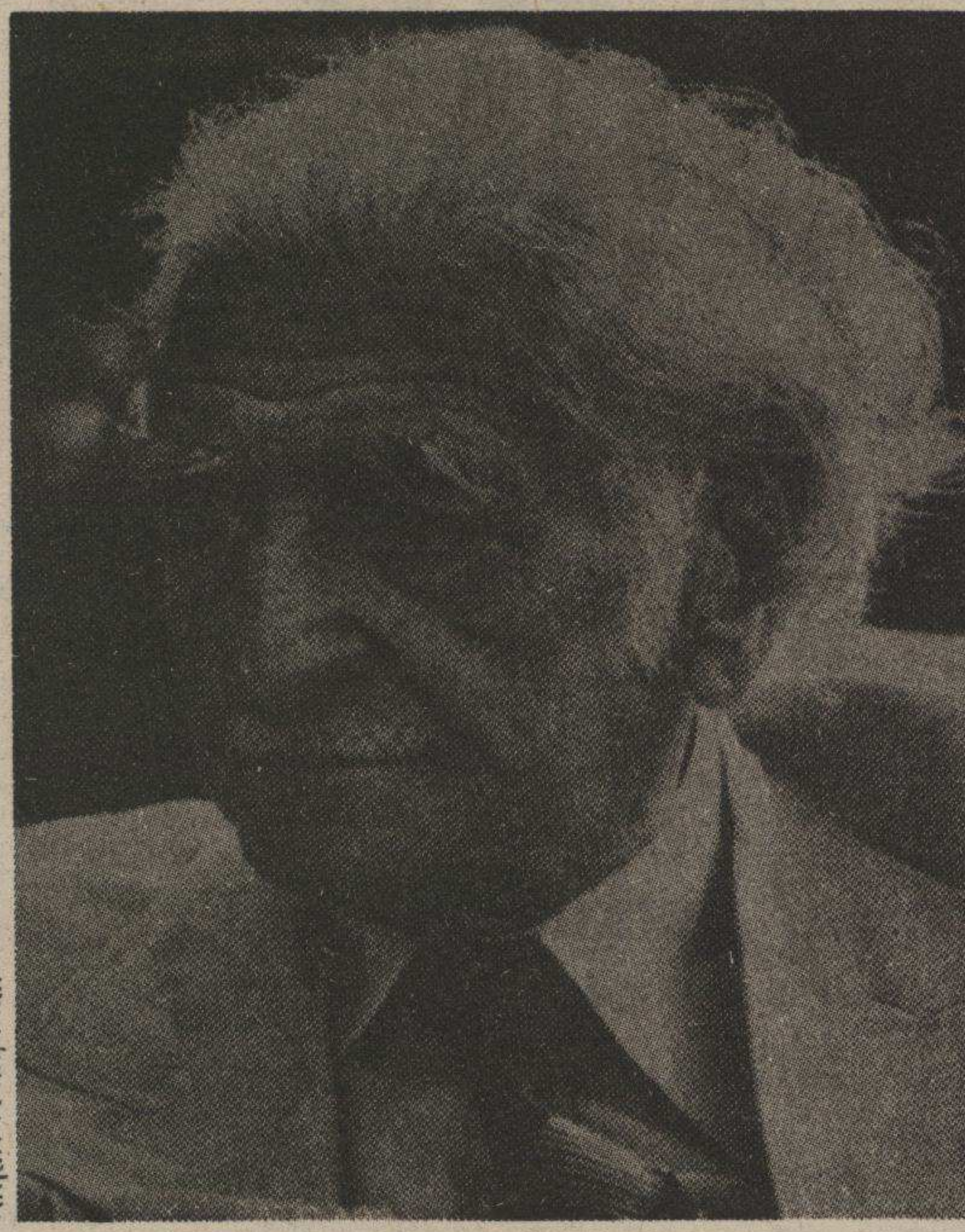
"Em 1589 fora à Mesa de Consciência e Ordem, por consulta del Rei, o problema dos cristãos-novos estarem fazendo também monopólio dos ofícios de médico e boticário; bem assim do reino estar se enchendo de bacharéis. (...) Pode-se atribuir à influência israelita muito do mercantilismo no caráter e nas tendências do português; mas também é justo que lhe atribuamos o excesso oposto: o bacharelismo. O legalismo. O misticismo jurídico. O próprio anel no dedo, com rubi e esmeralda, do bacharel ou do doutor brasileiro, parece-nos reminiscência oriental, de sabor israelita. Outra reminiscência israelita: a mania dos óculos e do pince-nez usados também como sinal de sabedoria ou de requinte intelectual e científico."

Freyre afirma ainda: "E a mania de sermos todos doutores em Portugal, e sobretudo no Brasil — até os guarda-livros bacharéis em comércio, os agrônomos, os engenheiros, os veterinários — não será outra reminiscência sefardínica?"

Tudo é culpa dos judeus: a exploração, a escravidão e até o ridículo português. Nada escapa das "mãos em garras" dos judeus, com seu "perfil de ave de rapina". E a incultura portuguesa, naturalmente é causada pelo excesso de bacharelismo e pelos pince-nez dos judeus, na visão de Gilberto Freyre:

"De tal modo se empenharam os cristãos-novos em alastrar de seus filhos doutores e bacharéis as cátedras e a magistratura que a Mesa de Consciência e Ordem, em fins do século XVII, decidiu limitar o bacharelismo em Portugal, sugerindo ao rei restringir para dois o número de filhos que pudesse enviar para a Universidade de Coimbra uma pessoa nobre, a um, o pai mecânico, e fazendo depender de licença de Sua Majestade a inscrição de cristãos-novos."

**D**e tal forma deturpam-se os fatos que se justifica uma discriminação contra os judeus com a própria lei



Arquivo Central

que os afasta da Universidade. Por que os judeus queriam ir à Universidade? A explicação de Freyre é simples:

"Compreende-se que os cristãos-novos, vindos da usura, do comércio de escravos e da agiotagem, encontrassem nos títulos universitários de bacharel, de mestre e de doutor a nota de prestígio social que correspondesse às suas tendências e ideais sefardínicos."

De certa forma os judeus estavam limpando seu sangue quando assaltavam as escolas. Gilberto Freyre vai estabelecendo culpas a torto e a direito aos judeus, livrando os portugueses de qualquer responsabilidade pelas mazelas lusitanas. Se os portugueses não gostam de trabalhar e odeiam as atividades manuais, a culpa é dos judeus, parasitas que contaminaram a raça lusitana dessas moléstias típicas dos inferiores. E Gilberto Freyre faz um interessante cotejamento para explicar Portugal: de um lado, o bem, os padres católicos; de outro, o mal, os interesses israelitas. Quando o bem católico se torna mal, a culpa é da contaminação dos judeus. Explica-se tudo singelamente, até o imperialismo:

"Os frades não foram em Portugal as simples montanhas de carne, asfixiantes e estereis, em que alguns se deliciam em caricaturá-los. Na formação agrária do tempo dos afonsinos foram eles o elemento mais criador e mais ativo. Eles e os reis. Ao lado da tradição moura, foi a influência dos frades, grandes agricultores, a força que em Portugal mais contrariou a dos judeus. Se mais tarde o parasitismo invadiu até os conventos é que nem a formidável energia dos monges pode remar contra a maré. Contra o Oceano Atlântico — diga-se literalmente. Tanto mais que no sentido do grande Oceano, e das aventuras ultramarinas de imperialismo e de comércio, remavam os fortes interesses israelitas, tradicionalmente marítimos e antiagrários."

A decadência da agricultura portuguesa, quando se abandona o cultivo da terra e parte-se para as conquistas, com más conseqüências na alimentação do povo, até isso Gilberto Freyre atribui aos judeus e também aos mouros. Sempre o parasitismo judeu explicando as dificuldades dos portugueses. O parasitismo judeu só não explica a letargia dos portugueses em se livrarem destes terríveis sanguessugas israelitas. De resto serve para tudo. Chega ao fantástico o cuidado de Gilberto Freyre em descobrir judeus simplesmente em quem usa óculos ou é bacharel. Falando sobre a colonização de Goa:

"Seriam também, em grande número, judeus disfarçados, ou homens de origem hebréia os advogados que, desde o século XVI, começaram a emigrar do reino para as colônias com os seus óculos, as suas chicanas e o seu parasitismo." Estes chicanistas são judeus disfarçados, na conclusão de Freyre, porque os contemporâneos diziam que eles usavam óculos e eram bacharéis "de utilidade muito equivocada".

A linguagem literária de Freyre também permeia-se de traços anti-semitas. As maldades das suas sinhá-moças são des-

critas como "toda uma série de judiarias". Os sinhozinhos gostavam de "matar passarinho e de judiar com moleque". Nas brincadeiras infantis "é de imaginar quanto se judiava então com os crias e com as meninas"; o visconde de Taunay, citado por Freyre, confessa "que gostava de fazer suas judiazinhas com os moleques". E não há brasileiro, diz Freyre, mesmo depois da abolição que não tenha "gosto de judiar com negro". Tudo parece bobagem; mas não é.

Em uma das últimas notas anti-semitas dos seus dois volumes de *Casa Grande & Senzala*, Freyre defende-se dos seus excessos, dizendo que não se deve considerar "(...) certos grupos, como o israelita, sagrados, ou invariavelmente caluniados, no que se refere ao seu comportamento, como minoria étnica, ou antes, religiosa ou cultural, entre outros grupos, só para não parecermos 'anti-semitas' ou 'racistas'." O cuidado de não parecer anti-semita aliás não existe em Gilberto Freyre: seria até um absurdo depois de tantas afirmações racistas justificar-se contra a ousadia desses judeus pretenderem-se caluniados ou sagrados — parece ser essa a direção da justificativa de Freyre, que no caso não tem o mínimo interesse ou importância.

O que é importante é que apenas em *Casa Grande & Senzala* existe muito mais anti-semitismo do que está destacado aqui. O que é importante é que este livro é o clássico brasileiro mais lido sobre a escravidão e que, apesar do seu desprestígio nos meios culturais mais sérios, é o que mais influenciou a cultura mediana brasileira e alguns expoentes da nossa historiografia. Praticamente é o único livro sobre a escravidão que atingiu várias gerações, desde o seu lançamento em 1933. E não é por acaso que o anti-semitismo de Gilberto Freyre vem acompanhado de uma posição paternalista em relação aos negros, lesando o leitor de uma interpretação mais objetiva sobre a realidade social brasileira.

**A** importância de *Casa Grande & Senzala* na formação de muitos dos mais importantes intelectuais brasileiros do seu tempo — e uma influência que chega até os nossos dias: um discípulo de Freyre está no Ministério da Educação, Eduardo Portela — pode ser destacada em um livro-homenagem de 1962, comemorando os vinte e cinco anos de lançamento do clássico do mestre de Apicucos. Em um livro de 576 páginas, desfilam opiniões laudatórias e agradecidas pela contribuição à cultura de cada um e do Brasil em geral, de intelectuais como Jorge Amado, Osman Lins, Carlos Drummond de Andrade, Antonio Callado, Antonio Candido, Astrojildo Pereira (o único que timidamente ousa, com muito respeito filial, discordar do Mestre), Eduardo Portela, José Honório Rodrigues e outros. São sessenta e nove artigos, enfeitados ainda com elogios nas orelhas que vão desde Guimarães Rosa a Assis Chateaubriand, coroando-se na última página com enaltecimentos de Samuel Putnam, F. Braudel, Waldo Frank, A.J. Armstrong, Aldous Huxley, John dos Passos, etc... Não se pode ignorar tudo isso; como não é possível ignorar a contribuição de Gilberto Freyre ao estudo do problema do negro, por mais equivocados que se encontrem em sua obra. Uma leitura de *Gilberto Freyre, Sua Ciência, Sua Filosofia, Sua Arte* demonstra como apesar do desprestígio atual de *Casa Grande & Senzala* é este o livro que "mais fez amigos e influenciou pessoas" no Brasil.

Não menos importante é que *Casa Grande & Senzala* formou algumas gerações de professores e intelectuais que transmitiram seus preconceitos, ajudando a levantar a sólida barreira do racismo e das distorções históricas que contribuem para a permanência de uma ideologia das classes dominantes — mesmo a posteriori — que dificulta a interpretação da nossa evolução política e econômica. De certa forma estes autores identificados com as ideologias predominantes a cada época — e particularmente Gilberto Freyre em relação ao escravismo — não escreveram a história da escravidão: passam a ser parte da história escrita sobre a escravidão.



# Entre a calça Lee e o Poder Popular

Entrevista a Geraldo Hasse e Jorge Escosteguy

*Zé Dirceu, o líder estudantil de 1968 que morou 10 anos em Cuba, fala sobre a ilha de Fidel Castro*



Tatiana e Zé Dirceu: "A construção do socialismo é muito difícil"

Entre os exilados que voltaram para o Brasil em 1979, depois da anistia, está José Dirceu de Oliveira e Silva, o Zé Dirceu, líder estudantil brasileiro em 1968. Ele saiu do país em setembro de 1969, junto com outros 14 presos trocados pelo embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick. Foi um dos poucos exilados que permaneceram na América Latina. Seu exílio foi passado quase todo em Cuba, onde ele trabalhou em vários setores, desde agricultura até cinema. Durante algum tempo, esteve no Panamá, Costa Rica e Peru. Voltou para o Brasil em dezembro de 1979 e desde

então vive em São Paulo. Reiniciou seu curso de Direito, interrompido no terceiro ano, em agosto. Até o final do ano, talvez conclua um livro sobre o movimento estudantil brasileiro para a editora Codecri. Embora não estivesse a fim de aparecer na imprensa, Zé Dirceu concordou em falar ao Coojornal sobre a ilha de Fidel Castro, onde morou quase dez anos. Participou da entrevista a jornalista mexicana Tatiana Coll, que trabalhou durante seis anos (1973/1979) no jornal *Juventud Rebelde*, órgão oficial da Juventude Comunista de Cuba.

— Como vocês explicam a saída de cubanos de Cuba, que começou com aquela confusão na embaixada do Peru em Havana?

TATIANA — Fidel Castro falou disso um mês antes, no 3º Congresso das Mulheres, realizado em Havana no dia 8 de março. Ele advertiu que a embaixada peruana estava estimulando a saída ilegal dos cubanos. Os primeiros que entraram na embaixada eram delinquentes. O embaixador peruano na época botou os caras pra fora porque existe um acordo de que, se é um delinquente que força a entrada na embaixada, não será dado o asilo, pois não existem razões políticas para isso. Esse embaixador foi trocado pelo Governo peruano. O novo embaixador recontou os caras e foram esses mesmos que forçaram a entrada, matando o guarda que tinha lá.

— Qual a atitude do Governo de Havana em relação à saída dos cubanos do país?

TATIANA — Quem quiser sair do país, pode sair. O problema não foi criado pelo Governo cubano, mas pelos países que não querem dar visto de entrada para os cubanos. Basta dizer que na embaixada do Peru existe um livro onde são registrados diariamente os nomes das pessoas que dão entrada nos papéis, solicitando visto de entrada no Peru. São pessoas que já têm todos os papéis cubanos, visto de saída, etc., e saem pelas embaixadas pedindo para morar no Peru, na Venezuela, no México e nos Estados Unidos. Alguns já estão na fila há dois, três, cinco, dez anos. O problema é que esses países não querem deixar entrar os cubanos. Assim, toda essa confusão tem fundo político. Se esses países, com toda aquela humanidade, quisessem receber os cubanos, não deixariam formar aquelas filas. Na embaixada do México, dava pra gente ver diariamente vinte ou trinta cubanos que iam lá verificar o livro se não havia chegado o visto de entrada.

— O Governo cubano não tem interesse em bloquear a saída desse pessoal?

ZÉ DIRCEU — Não. Em Cuba eles dizem que a construção do socialismo é voluntária e livre. Quem não quer, pode sair de Cuba. Esse problema tem que ser analisado de outros pontos de vista. Primeiro, o problema de migração é algo gravíssimo no mundo inteiro, hoje. Caso brasileiro, por exemplo: são centenas de milhares de brasileiros que emigram anualmente para o Paraguai, pra Bolívia, pra Colômbia. Mas tudo clandestino, ilegal, sem documento. Só se consegue documentos através de tráfico de influência, corrupção. Ou então porque, em determinado momento, o país aceita, como o Paraguai. Mas nenhum país latino-americano aceita migrantes assim, no mais. A Colômbia e a Venezuela têm um litígio diplomático seríssimo por causa dos colombianos que trabalham na Venezuela. Todo ano, são expulsos da Venezuela milhares de colombianos. O México e os Estados Unidos também têm problemas seríssimos por causa dos mexicanos que entram clandestinamente no território norte-americano para trabalhar nas colheitas.

TATIANA — Há seis milhões de mexicanos que, todos os anos, entram ilegalmente nos Estados Unidos para trabalhar nas colheitas e depois voltam.

ZÉ DIRCEU — O Brasil não está dando visto para os 100 mil argentinos que vieram para cá. Assim, acontece com os países latino-americanos, que não aceitam migrantes porque não têm emprego nem para sua própria população.

— Mas o problema cubano não é de migração econômica.

ZÉ DIRCEU — Tudo bem, mas ele tem que ser colocado dentro dessa perspectiva. São milhares de cubanos que querem sair de Cuba. Nenhum país latino-americano que tenha representação diplomática em Havana, principalmente

Peru, Venezuela e México, que mais se envolveram nessa questão, deu ou dá visto de entrada para esses cubanos, que têm autorização cubana para sair do país. Por que esses países não dão o visto pacificamente, normalmente, e de uma hora para outra as pessoas começam a invadir a embaixada do Peru e da Venezuela e eles começam a dar visto?

— Você quer dizer que foi tudo combinado para promover um escândalo?

ZÉ DIRCEU — É claro que por trás disso tem uma questão política. Havana é considerada a cidade mais segura do mundo para embaixadores. A maioria dos embaixadores em Nova York, Paris, Londres vive sendo assaltada e as embaixadas vivem tendo problemas com delinquência. Em Havana o Governo cubano protege as embaixadas, bota guardas lá. O próprio Fidel fez um discurso dizendo que hoje existe uma crise de imunidades diplomáticas no mundo. Ele diz que alojar e asilar delinquentes é estimular o terrorismo contra a segurança e a imunidade de todas as embaixadas em Havana.

**"O socialismo não é a grande panacéia"**

— A definição de delinquente em Cuba é a mesma que nós usamos no Brasil?

TATIANA — As raízes de fundo não são as mesmas. Em termos gerais, você pode analisar a delinquência aqui como parte de um grave problema econômico, de carência, de promiscuidade, desemprego, etc. Em Cuba, tem uma parte que é uma chaga que se arrasta desde o pas-

sado. Tem casos de pessoas que não trabalhavam e ainda hoje não querem saber de trabalhar, são delinquentes mesmo.

— São marginais do socialismo.

TATIANA — É mais ou menos isso. Mas tem também outro tipo de delinquência que já é produto de uma situação real de Cuba. Por exemplo, tem o pessoal que explora o mercado negro, burlando o racionamento que existe no país. Há administradores, funcionários de locais que desviam produtos, fazem corrupção. É o delito econômico uma das coisas mais perseguidas em Cuba.

ZÉ DIRCEU — Mas vamos voltar àquela questão dos migrantes. Lembremos que em Cuba foram libertados 3 mil e 500 presos políticos entre 1976 e 1978. Eles não conseguiram visto para ir para país nenhum. Os Estados Unidos fizeram propaganda, outros países também, mas ninguém recebeu visto. Os Estados Unidos só receberam aqueles que podiam render propaganda contra Cuba. É o caso daquele cidadão, Hubert Matos. Além disso, de 1978 pra cá, houve em Cuba uma mobilização interna para acabar com a delinquência, a corrupção, os delitos econômicos. Então, milhares de pessoas que estavam fora do alcance dos tribunais revolucionários passaram a ser processados, procurados pela Justiça.

TATIANA — Tem o funcionamento do Poder Popular, que é uma vigilância do povo. O Poder Popular é um aparelho estruturado para administrar diretamente as coisas. Um exemplo elementar: aquele cara que compra numa lojinha, sabendo que o administrador desvia produtos para o mercado negro agora, tem um instrumento muito concreto para denunciar a irregularidade e reprimir esses corruptos. Eu acho que boa parte desses refugiados cubanos é produto dessa mobilização interna contra a corrupção.

ZÉ DIRCEU — Terceira coisa que precisa ficar clara: existe uma luta ideológica violenta, diária, total, que os Estados Unidos travam contra Cuba. Não podemos ignorar que uma sociedade capitalista como a americana tem uma superioridade material em relação à economia cubana. A sociedade de consumo é vendida diariamente através dos meios de comunicação que atingem Cuba. Ela chega através dos 100 mil cubanos que vivem nos Estados Unidos e passaram a visitar Cuba agora — a chamada comunidade cubana de Miami. Esse pessoal deixou Cuba em 1959, 1960, tinha qualificação profissional, tinha recursos, e volta dos Estados Unidos para visitar os parentes exibindo um nível de vida muito alto. Isso exerce em Cuba uma influência negativa, mostrando que a sociedade de consumo é uma coisa maravilhosa.

TATIANA — Tem que se dizer também que o socialismo não é a grande panacéia. Quer dizer, ele não proporciona ao povo inteiro uma vida burguesa, não é? Construir o socialismo é bem difícil. Cuba é um país subdesenvolvido que não tem recursos, nenhuma fonte de energia, sem matérias-primas. Durante os últimos vinte anos, por isso mesmo, Cuba não conseguiu ter um desenvolvimento muito grande. O campo de satisfações concretas no socialismo é mais no sentido da consciência. Os caras muito individualistas e com aquela necessidade de obter satisfações materiais, esses não conseguem viver no socialismo. Pra gente como nós, que vem da classe média, o socialismo impõe restrições ao individualismo. Por exemplo, o negócio da calça Lee virou uma coisa fantástica para os jovens dos países socialistas. Parece assim o símbolo maior da realização pessoal.

— Numa sociedade de consumo, a gente considera normal que um menino fique doido por uma calça Lee. Mas numa sociedade socialista, onde esse menino cresceu dentro de um contexto completamente diferente, por que ele dá importância para isso?

TATIANA — Você seria excessivamente idealista se pensasse que 100% da população está de acordo. O regime socialista tem oposição. É essa oposição surge do conflito entre a individualidade e o coletivo. Eu tinha um menino vizinho em Cuba que achava absolutamente normal ter saúde gratuita. Quando eu dizia pra ele que no México, pra levar uma criança ao médico, você paga mil cruzeiros pela consulta, ele dizia que eu estava mentindo. Ele não sabe que antes da revolução, Cuba não tinha nenhum barco





Manifestação anticastrista em Nova Iorque...



... em favor das viagens dos refugiados cubanos

e hoje tem a maior frota pesqueira da América Latina. Pra ele, essa infraestrutura é uma coisa normal, o *blue jeans* é a novidade. Esse pessoal, que é uma minoria sem dúvida, diz: "Cago montes pra frota pesqueira cubana. Eu quero meu *blue jeans*".

## "Aos EUA interessa manter o problema dos refugiados em Cuba"

— Mas esse tipo de anseio aparece nas pessoas jovens, que não conheceram a Cuba capitalista, ou nos caras de meia idade que têm saudade daqueles tempos?

ZÉ DIRCEU — A maioria desse pessoal que saiu ou quer sair tem mais de 30 anos, gente que tinha 10 anos quando houve a revolução.

TATIANA — Os jovens que hoje têm 18 ou 20 anos, esses conheceram todo o período crítico de implantação do socialismo, passaram necessidades, viveram o bloqueio econômico norte-americano, a contra-guerrilha, as invasões dos *marines*. Esses jovens estão mais conscientes das dificuldades do socialismo. Mas mesmo neles aparece o conflito entre a consciência individual e a consciência coletiva.

— Voltando à questão da embaixada do Peru, vocês acham que tudo isso foi armado e fomentado pelos Estados Unidos com fins de propaganda contra Cuba. Expliquem melhor, porque isso não está muito claro.

TATIANA — Eu citei o discurso de Fidel no Congresso de Mulheres, um mês antes. Bom, Fidel disse que se os Estados Unidos iriam incentivar aquela confusão nas embaixadas, o Governo cubano abriria um porto para permitir a saída efetiva dos cubanos, como aconteceu em 1965. Naquela época, os Estados Unidos estavam montando um aparato de propaganda para demonstrar que Cuba não deixava ninguém sair, que não existia liberdade de movimentação e tudo mais. Diante disso, o Governo cubano fez um chamado aos familiares que estavam em Miami pra mandarem barcos pra buscar esses cubanos que queriam sair, mas não tinham dinheiro pra passagem nem o visto de entrada de qualquer país. Os barcos chegavam ao porto de Camarioca e levavam os cubanos pra Miami, criando um problema para o Governo dos Estados Unidos. Em pouco tempo, o Governo americano proibiu as tais *flotilhas da liberdade*. Isso aconteceu em 1965 e voltou a acontecer agora em 1980, quando o Governo cubano fez a mesma coisa. Primeiro, Fidel mandou tirar os guardas das embaixadas e houve aquelas invasões. Depois, Cuba abriu um porto livre (Mariel) para a saída dos cubanos, vieram os barcos de Miami e começaram a levar os cubanos para os Estados Unidos. Novamente o Governo americano proibiu a coisa, pois o que interessa é manter o problema no território cubano e não no território americano.

ZÉ DIRCEU — O que a gente precisa ver é por que os Estados Unidos, o Peru e a Venezuela montaram esse teatro. Temos que lembrar que na Nicarágua está havendo uma luta política pelo poder,

que em El Salvador está avançando um processo revolucionário que ameaça a estabilidade do imperialismo e das ditaduras dos países vizinhos da América Central. Mais ainda, Fidel Castro é o presidente do Movimento dos Países Não-Alinhados, cuja sexta conferência foi realizada em Cuba no ano passado. É um movimento que está crescendo e tem prestígio. Depois, em função da vitória sandinista na Nicarágua, se estabeleceu na América Latina, num determinado nível, entre alguns países uma política comum antiimperialista.

Não se permitiu por exemplo a intervenção norte-americana na Nicarágua e se apoiou a derrubada da ditadura de Somoza. Um outro ponto é o seguinte: os Estados Unidos passaram a utilizar esse conflito com Cuba como instrumento de pressão para negociar internacionalmente uma série de questões com a União Soviética. Na verdade, esse é o objetivo final dos americanos.

— Mas não existem outros fatores, internos ou não, contribuindo para criar esse clima de crise em Cuba?

ZÉ DIRCEU — Bom, Cuba sofre uma crise econômica. É um país sem matérias-primas, sem metais não ferrosos, sem carvão, sem petróleo. Tampouco possui energia hidrelétrica, pois não tem rios. Toda a energia cubana é termelétrica, gerada pela queima de petróleo. Além disso, Cuba depende de máquinas e equipamentos dos países capitalistas. Finalmente, toda a produção de tabaco do país foi perdida porque bateu uma praga nas lavouras. Então, essa crise econômica se refletiu na vida interna do país, que precisa fazer opções de inves-

timentos, isto é, precisa selecionar os setores onde vai aplicar os recursos que são escassos. Em consequência, o nível de vida, que vinha subindo, sofreu uma paralisação. Isso gerou um descontentamento que, combinado a esses outros fatores — a abertura ao turismo vindo dos Estados Unidos, o bombardeio da sociedade de consumo, o combate aos delitos econômicos internos e mais a provocação política dirigida pelos Estados Unidos —, dá uma base para explicar. Mas eu, pessoalmente, também acho que a instalação e o funcionamento do Poder Popular, nos últimos anos, gerou uma luta ideológica interna que não havia. Na prática, o Poder Popular iniciou uma luta contra uma série de desvios que existiam no país, a começar pelos delitos econômicos. Os setores sociais que embora minoritários estavam convivendo com a Revolução, diante da crise econômica e da luta ideológica interna, ficaram a fim de sair do país.

## "Houve uma luta interna forte nos primeiros 10 anos"

— Que setores sociais são esses?

ZÉ DIRCEU — Isso é uma coisa complexa. Não dá para caracterizar em termos de classe, de idade ou de época. Mas, são setores minoritários, inexpressivos. Eu acho que podem existir 100 mil cubanos que não apóiam a Revolução hoje. Esses setores se marginalizaram. Eles vivem rondando hotéis de estrangeiros, ficam fazendo bicos, pequenos delitos. Querem ir embora de Cuba mas nenhum país os aceita.

TATIANA — Tem outra coisa que todo mundo esquece. Um cara pra viajar para o exterior precisa ter dinheiro pra pagar a passagem e se instalar no outro país. Evidentemente, o Governo cubano não vai pagar a passagem dos que não têm dinheiro para abandonar o país.

ZÉ DIRCEU — Eu acho que no meio dessa multidão que deseja abandonar Cuba existe muito funcionário, muito administrador que está sendo processado e não tem perspectiva de ascensão social, em termos burgueses. A Revolução não tem condições de proporcionar essa ascensão a uma minoria. Eu acho que houve em Cuba um momento em que se criou um certo impasse: muita gente começou a ter privilégios. Isso começou a ser derrotado à medida que o Poder Popular passou a exercer o seu papel.

— Expliquem o que é e como funciona o Poder Popular.

TATIANA — Acho que antes é preciso lembrar algumas coisas. Até o ano de 1970, por sua conformação político-ideológica, a Revolução Cubana desenvolveu uma luta muito forte contra o imperialismo que obrigou o Estado a se fechar, a se transformar num Estado que pode tomar decisões rápidas, executivas, com um aparelho que responde imediatamente. Também houve uma luta ideológica fortíssima nos primeiros dez anos da Revolução, pois o Movimento 26 de Julho, que tomou o poder em 1959, tinha uma composição muito heterogênea. A direção era de gente de classe média. O resto eram camponeses. Havia uma ala anticomunista bastante forte. Caras como Hubert Matos, que não aceitavam o comunismo. Teve gente que desceu da Sierra Maestra com o grau de comandante e, três anos depois, voltou pra serra pra fazer antiguerrilha. Aos poucos, a ala direita do Movimento 26 de julho foi derrotada.

Essa é uma característica fundamental da Revolução Cubana. Ao contrário de outras revoluções, em Cuba o partido só foi estruturado depois da tomada do poder. Isso durou uns dez anos, que foram muito difíceis porque havia o bloqueio econômico e as invasões dos Estados Unidos. Nesse período, a Revolução Cubana adquiriu uma personalidade própria, apesar de depender economicamente da União Soviética. Houve aí o que eles chamam de desvios idealistas: o centralismo, a não adaptação do sistema econômico já provado na União Soviética, o burocratismo.

No princípio, eles começaram a combater o burocratismo de uma forma romântica. O pessoal entrava nos es-



critérios, pegava os arquivos, os armários e a papelada, jogava na rua e botava fogo. Depois eles chegaram à conclusão de que a única forma de combater o burocratismo é descentralizar e dar responsabilidade às bases. Acho que eles tomaram consciência disso a partir de 1970, quando houve aquele famoso esforço para conseguir a safra de dez milhões de toneladas de açúcar. O povo cortou a cana, mas houve falhas no processo industrial, no planejamento econômico, no transporte, as usinas quebravam, não havia peças, o trabalho estava desorganizado e houve a crise de toda a estrutura que não estava preparada para a safra.

Uma coisa muito boa e que manteve a união do povo cubano é que os líderes, principalmente Fidel, nunca tiveram medo de falar que isso ou aquilo estava errado. Em 1970, com o fracasso da safra, Fidel pôs o seu cargo à disposição.

## O Partido resolvia tudo: desquites, problemas com filhos...

— Pra fazer média ou era sincero?

TATIANA — Acho que era sincero. Ele assumiu a culpa dos erros e disse que, se estava prejudicando o processo revolucionário, tinha que ser substituído por outra pessoa. Logicamente, todo mundo falou que não era nada disso.

— Mas quando é que começou a funcionar o Poder Popular?

TATIANA — Em 1970, eles separaram o Partido e o Estado. Foi a primeira coisa. Nos núcleos de base, os caras que tinham cargo no Partido ficaram proibidos de exercer cargos administrativos. O Partido ficou com a missão de vigilância e fiscalização dos aparelhos econômicos, administrativos. Por outro lado, foi institucionalizado todo o sistema de Poder. O Conselho de Ministros se torna executor das decisões da Assembléia Nacional, formada pelos deputados (são 481). Abaixo da Assembléia Nacional, existem duas instâncias inferiores. As Assembléias Provinciais com um total de um mil 115 representantes, um para cada 10 mil habitantes. E as Assembléias Municipais, que têm 10 mil 725 membros, um para cada mil habitantes. Finalmente, na base, existem as circunscrições que são formadas pelos moradores de quarteirões que se reúnem periodicamente e que têm um delegado para executar suas decisões, levar queixas para as Assembléias Municipais.

— Mas esse sistema funciona efetivamente na prática?

TATIANA — Funciona. Ou melhor, está começando a funcionar. O primeiro problema do Poder Popular foi realmente tomar o poder, que estava na mão do Partido e do Governo Revolucionário. Anteriormente, qualquer problema desembocava no Partido. As pessoas iam lá saber se podiam se desquitar, saber como resolver o problema de um filho, etc. Era tudo no Partido. Foi uma luta tremenda para passar o poder do Partido para o Poder Popular. A administração das coisas em Cuba ficou muito tempo nas mãos dos quadros velhos, formados na época do praticismo. Os caras saíram da luta armada e foram dirigir fábricas sem entender nada do assunto. Eles fizeram do jeito deles. Agora esses *práticos* estão sendo substituídos pelo pessoal mais jovem que foi estudar nos países socialistas, mas isso não acontece naturalmente porque os velhos têm força política, têm liderança.

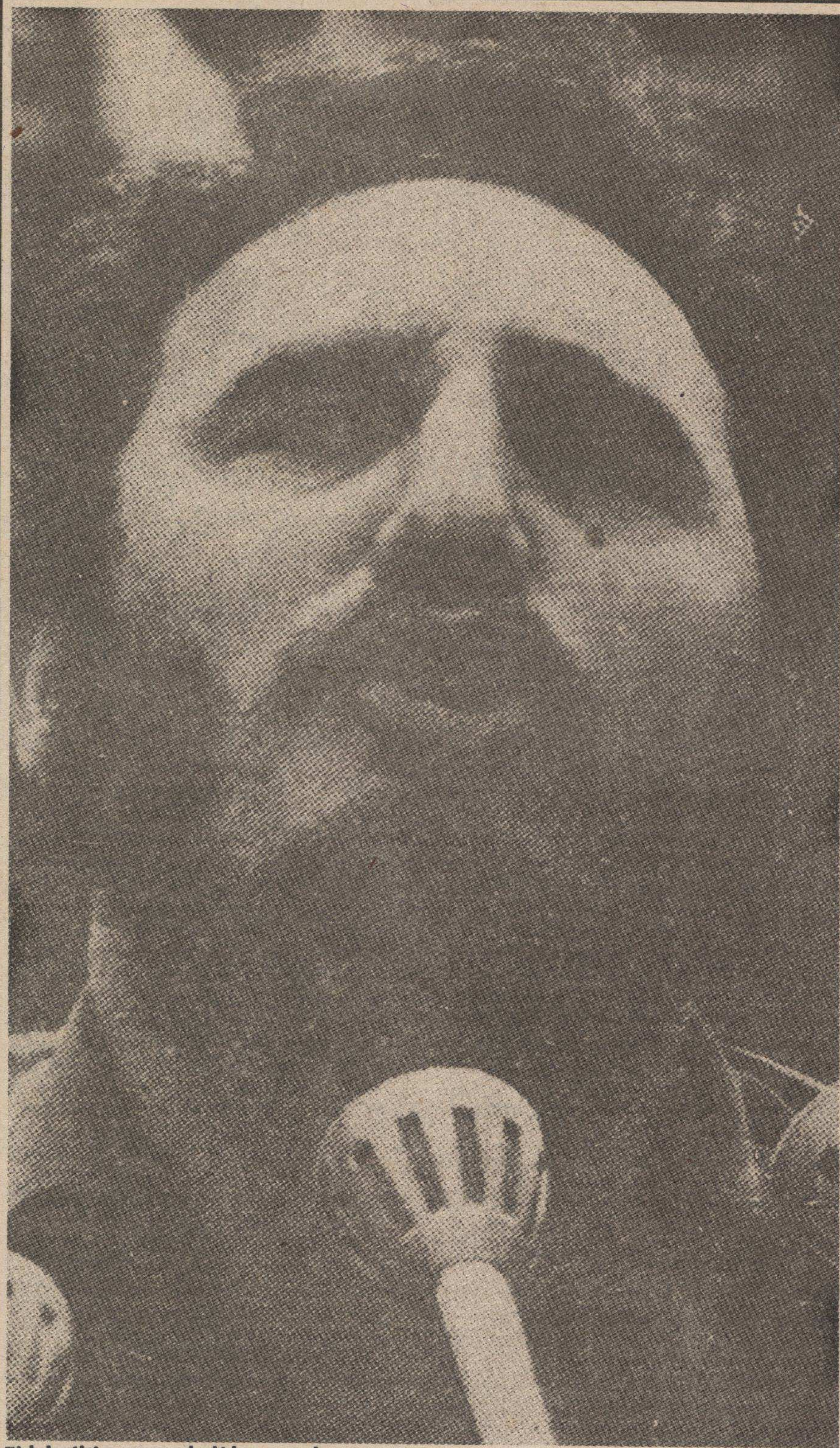
— O problema é que os velhos não querem ceder o lugar?

ZÉ DIRCEU — Claro que não querem.

— Existe algum tipo de vantagem em ocupar um cargo?

ZÉ DIRCEU — A vantagem é o exercício do poder, da direção.

TATIANA — Fidel Castro falou uma vez: "A Revolução Cubana não come os seus próprios filhos". Acho que era uma referência ao stalinismo, mas a verdade é que a Revolução Cubana tem esse paternalismo. Se você analisa do ponto de vista estritamente econômico, é um erro. Mas, se você analisa do ponto de vista humano, é muito compreensível que o cara não seja tirado do cargo de uma hora para outra.



Fidel: último grande líder popular

## "Havana tinha vinte cassinos e 20 mil prostitutas"

— O que acontece com esses *práticos* substituídos?

TATIANA — Eles voltam a ser trabalhadores normais ou são mandados para uma escola pra estudar e se readaptar.

ZÉ DIRCEU — Alguns vão trabalhar em obras, outros vão pro campo, mas tudo depende da formação do cara. Há o caso do ex-ministro da Educação, que *entrou* o ensino em Cuba. Ele foi tirado do Governo e o mandaram dirigir o programa de melhoramento genético da agricultura cubana, pois é disso que ele entende. Mas, dependendo do envolvimento do cara, ele pode ser processado e preso. Podem não fazer isso com um cara que foi ministro, mas com alguns fazem. Mas o importante é que a Revolução Cubana não pode jogar de lado os seus quadros técnicos qualificados. A Revolução foi feita num país atrasado, de base agrícola, com uma agroindústria açucareira de exportação, sem indústria pesada ou média, apenas com uma indústria leve na área de bebidas e tabaco. Cuba importava dos Estados Unidos legumes, sapatos, roupas, perfumes, móveis. Lá não havia comércio atacadista, que funcionava nos Estados Unidos. O

país dependia muito do turismo, era um bordel dos americanos. Havia 20 cassinos, 20 mil prostitutas numa cidade de um milhão de habitantes, a Máfia tinha um império lá, controlando hotéis, o jogo, concessões de serviços públicos, empreiteiras.

Quando ocorreu a Revolução, houve o bloqueio econômico, as invasões e sabotagens. Atentados, queima de navais, destruição de fábricas. O pessoal qualificado foi embora pra Miami. Durante dez anos, a Revolução investiu em habitação, educação, saúde e alimentação do povo, além da infra-estrutura econômica. O consumo foi restringido ao máximo. Pior, a Revolução teve que investir em segurança, mantendo 400 mil homens armados.

TATIANA — Outra coisa que consome recursos em Cuba é o envio de técnicos e soldados para outros países. Agora há pouco, Cuba enviou 20 mil homens para Angola.

— Como a população cubana encara o apoio internacional de Cuba a outros países? Isto é, Cuba não resolveu seus problemas internos e manda gente qualificada para Angola.

ZÉ DIRCEU — O problema é que a Revolução Cubana não tem alternativa se não houver revolução em outros países da América Latina, África e Ásia. Se ficar isolada, Cuba é inviável. A Revolução Cubana sobreviveu somente pelo apoio dos outros países socialistas e pela existência de uma luta antiimperialista na América Latina. Por mais que haja nuances, o processo revolucionário tem avançado no mundo e na América Latina, tanto que acabou o bloqueio econômico a

Cuba. Os cubanos sabem que seu país depende dos outros países socialistas e que Cuba tem que ajudar a revolução em outros lugares. Sabe quantos cubanos se inscreveram para ir para Angola? Trezentos mil, numa população de 10 milhões de pessoas. Seria a mesma coisa que três milhões de brasileiros se inscreverem para lutar e trabalhar em outros países. Quer dizer, o cubano se identifica totalmente com a luta antiimperialista travada nos outros países. Um troço importante lá é que a Revolução Cubana resgatou o nacionalismo. O cubano tem consciência do que foi o saque praticado pelos impérios coloniais no Terceiro Mundo e do que vem ocorrendo nos últimos 100 anos no mundo.

— Entre as pessoas que pretendem trocar Cuba por Miami, não existem aqueles que apoiaram a Revolução, não concordam com a evolução das coisas e não podem influir?

ZÉ DIRCEU — Isso é muito relativo em Cuba. Se tem um país onde exista democracia, que eu conheça, esse país é Cuba. Você anda em Cuba uma semana e logo percebe que o cubano não tem papa na língua. Ele critica, ataca, fala o que pensa pra qualquer administrador, pra qualquer guarda. Isso no meio do povo. Outra coisa são as estruturas internas. Agora eu acho que existem condições para criar uma luta de idéias dentro de um órgão qualquer, como um jornal, mas há três anos atrás não existiam essas condições. Antes havia um sistema interno pra reprimir as discordâncias. Diziam que o discordante era um cara problemático, etc. Mas isso era um jogo feito pelas pessoas que dirigiam e controlavam os organismos e não admitiam a luta contra a direção. O Poder Popular está desmontando isso. Aliás, eu acho que a única maneira de viabilizar a economia cubana é descentralizar mesmo, entregando realmente o poder para o povo. Porque, num país sem recursos, a burocracia não encontra soluções técnicas. Pode haver pessoas que discordam do esquema de funcionamento do Poder Popular, mas eu acho que elas não representam mais do que 1% do total.

— Vamos falar do Poder Popular. Como é que ele se organiza e atua?

TATIANA — O Poder Popular começa pela base. Cada grupo de mil habitantes, reunido naquilo que chamam de circunscrição, elege um delegado ou representante. Dentro da circunscrição, existem vários quarteirões. Cada delegado possui quatro ou cinco pessoas que trabalham para o Poder Popular.

## "Uma parte da população não participa"

— O Poder Popular não é uma nova estrutura burocrática que reúne os mesmos vícios e distorções de outras estruturas burocráticas?

TATIANA — Não, porque ele funciona de baixo para cima. Os habitantes de cada circunscrição ficam de olho no funcionamento de tudo o que existe em seus quarteirões — escola, farmácia, padaria, fábrica, cinema, qualquer coisa. Se os moradores não estão satisfeitos com qualquer coisa — a qualidade do pão fornecido pela sua padaria, por exemplo —, eles denunciam ao delegado em suas reuniões. O delegado pega a denúncia e leva para a Assembléia Municipal, que é a instância superior. A Assembléia Municipal tem que tomar uma providência, que pode ser a destituição do diretor da padaria. Como as reuniões das circunscrições são realizadas de três em três meses, o delegado sempre junta um monte de denúncias e reclamações que precisam ser levadas à Assembléia Municipal.

Nos três meses entre uma reunião e outra, o delegado tem que informar a sua base sobre o que tem sido feito em relação a cada problema denunciado. Se a Assembléia da Circunscrição não fica satisfeita com as providências tomadas pelo delegado, ela derruba o cara e elege outro, porque o mandato do delegado é revogável a qualquer tempo. Aliás, a Assembléia da Circunscrição é a única que pode trocar o delegado. Esse esquema, a





Manifestações de rua: só uma pequena parte não participa

Avanti Stein

meu ver, garante que não vai haver manipulação nem burocratismo.

— Desde quando funciona o Poder Popular?

TATIANA — Ele foi implantado experimentalmente numa província em 1974 e, no ano seguinte, em caráter definitivo, em todo o país.

— Essas manifestações de rua realizadas depois dos episódios da embaixada do Peru foram organizadas pelo Poder Popular?

TATIANA — Não. As manifestações de rua são geralmente organizadas por órgãos de massa, como o CDR — Comitê de Defesa da Revolução. O CDR tem 4,8 milhões de membros com mais de 14 anos de idade. Na União de Pioneiros de Cuba, formada por crianças, há 2 milhões. Uma parte da população de 10 milhões não participa das coisas, fica afastada, mesmo que seja a favor do socialismo.

— Mas não existe pressão para que todo mundo participe?

TATIANA — Há uma pressão social generalizada. Por exemplo, em Cuba há muita festa de rua. Eles fecham o quarteirão, trazem a música, compram toda a cerveja do bairro, juntam as cadeiras e fazem uma festa enorme. Se o cara não vai à festa, ele não sofre repressão, mas não consegue se integrar, não é?

ZÉ DIRCEU — O cara que quer viver individualmente numa sociedade socialista, vive marginalizado. Como é que o cara vai viver individualmente se toda a sociedade está organizada de maneira coletiva?

## “Hoje, fora Fidel, não há nenhum outro líder popular”

— Como é que o Poder Popular pode alterar o ritmo das coisas se os quarteirões se reúnem apenas uma vez a cada três meses?

TATIANA — Essa reunião trimestral é a reunião geral, mas há comissões e grupos que ficam trabalhando e se reunindo toda semana ou todo mês. Mas só de três em três meses um quarteirão avalia se tal coisa foi consertada ou se tal providência foi tomada.

ZÉ DIRCEU — Como se trata de reuniões para dirigir o país, eu acho que essa periodicidade é boa. Agora, eu acho que vai ter de existir sempre uma luta política para evitar que o Poder Popular seja transformado numa correia de transmissão da administração e de setores do Partido. O Poder Popular vai ter que

ganhar essa briga, como já ganhou a briga para trocar os ministros e mudar a política econômica. Antes, o Governo cubano dizia textualmente: “Nós somos governo revolucionário, temos poder executivo, legislativo e judiciário”. Quer dizer, uma ditadura. Agora, a direção do país está nas mãos do Poder Popular.

— Mas até que ponto a Revolução Cubana ainda depende do carisma pessoal de Fidel Castro?

ZÉ DIRCEU — Bom, em Cuba existe um Partido Comunista com uma experiência razoável, tem o CDR, tem organizações de massa como a Federação das Mulheres, existe uma administração que mantém o país em funcionamento. E tem ainda as Forças Armadas. Mas a importância de Fidel Castro é fundamental. Como em qualquer revolução no mundo, o processo político cubano depende de uma liderança política encarnada pelo Fidel. Não existe no mundo nenhuma revolução, mesmo de caráter burguês, que não tenha dependido do peso de uma liderança pessoal. Isso é uma característica do estágio atual da humanidade: o peso do indivíduo dentro de um processo político ainda é importante. Fidel muito mais, porque ele encarnou não apenas a legitimidade da Revolução, como o caráter nacional do povo cubano, que resgatou a independência, a soberania e a cultura cubana.

— Mas no curso da Revolução cubana não surgiram outros líderes capazes de substituir Fidel Castro?

TATIANA — Havia dois outros líderes importantes, Che Guevara e Camilo Cienfuegos, mas ambos morreram. Guevara era um sujeito meio complicado, mas tinha liderança. Cienfuegos parava num botequim pra conversar e a coisa logo atraía uma multidão. Hoje, fora Fidel, não tem nenhum líder popular em Cuba. Acho que Fidel só poderá ser substituído por um grupo.

ZÉ DIRCEU — Existem alguns caras conhecidos nacionalmente em Cuba. São líderes, mas nenhum projeta a força de Fidel. Esses líderes novos têm 30, 35 anos. Todos estão se formando, na escola do Fidel, tentando fazer aquele diálogo direto. Há também os chefes guerrilheiros que têm prestígio em suas regiões. Um outro tipo de liderança é representada ultimamente pelos militares, generais e coronéis, que lutaram pela revolução em outros países.

— E quando Fidel Castro morrer, o que acontece em Cuba?

ZÉ DIRCEU — Provalmente não acontecerá nada, isto é, a Revolução vai continuar, porque os cubanos mantêm os princípios revolucionários, apesar dos erros que cometeram e cometem. Mas o desaparecimento de Fidel Castro pode mudar a qualidade da direção da Revolução.

## “Feijão com arroz e novelas de rádio”

Audálio Santas, jornalista há mais de 20 anos, ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo e atualmente deputado federal pelo PMDB paulista, integrou a comitiva de parlamentares brasileiros que, em julho passado, visitou Cuba oficialmente pela primeira vez, desde 1964. Ele fez parte do pequeno grupo de deputados que entrevistou-se durante quatro horas com Fidel Castro, numa reunião que estendeu-se até às quatro horas da manhã.

Neste depoimento exclusivo para o Coojornal, Audálio fala de Cuba, de Fidel e do povo cubano:

Do ponto de vista político, eu acho que esta viagem foi da maior importância por ser a primeira vez que um grupo de parlamentares brasileiros, desde 1964, vai conhecer um país que aparece no noticiário internacional como uma espécie de campo de concentração, e você verifica que não há nada que indique que aquele país é um campo de concentração. Você encontra um povo muito parecido com o brasileiro, seja na sua formação racial, seja até em certos hábitos, comendo seu feijão com arroz, ouvindo ainda hoje suas novelinhas de rádio.

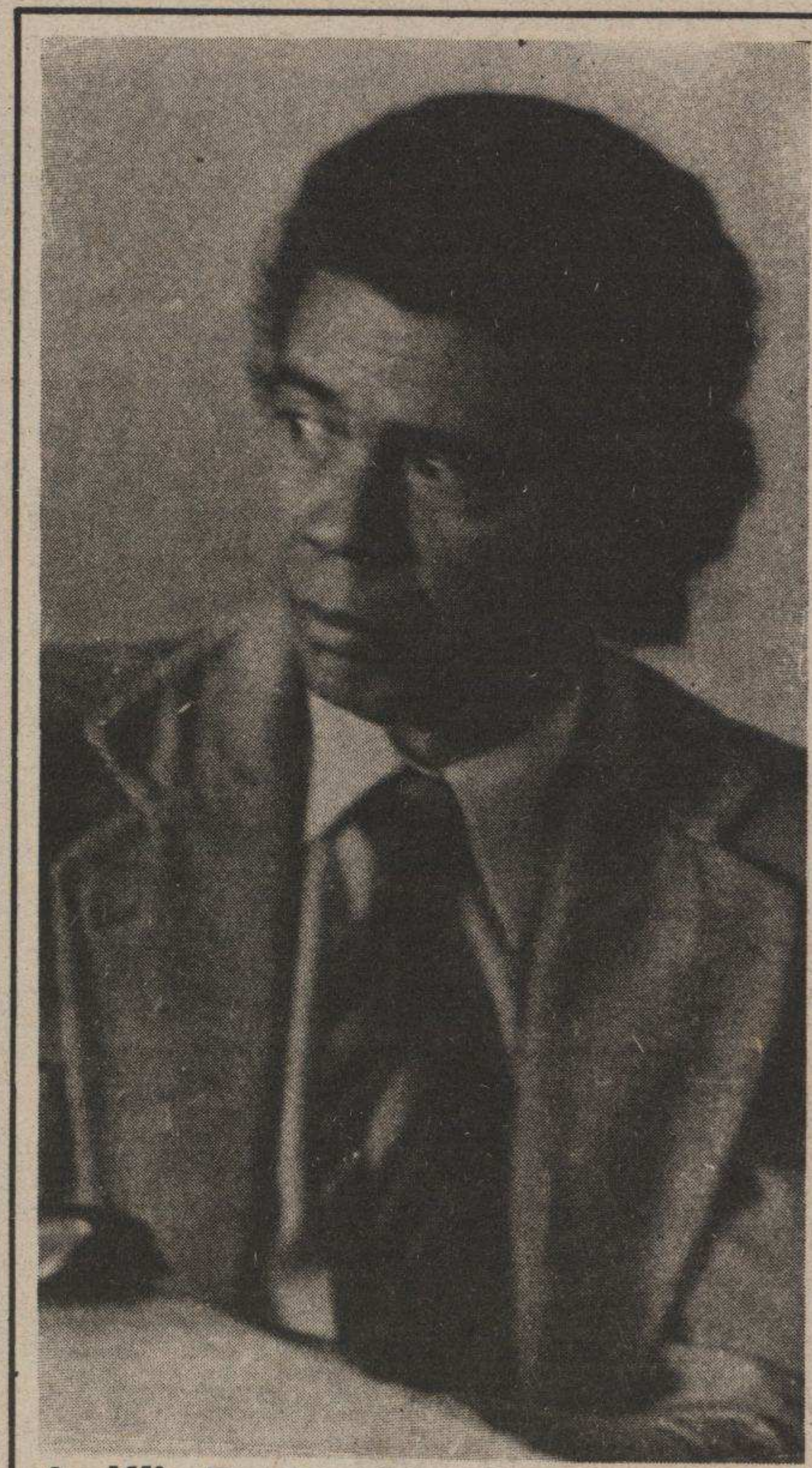
Logo de cara, se percebe que eles não comem criancinhas. Essa impressão primeira, eu acho que todas as pessoas têm. Depois, no contato mais demorado com o povo, se descobre principalmente que há um sentimento de nação que dificilmente a gente encontra em outra parte da América Latina. Um sentimento de nação e um sentimento de participação das pessoas na vida nacional. Nos primeiros contatos com as pessoas, você percebe que todo mundo está empenhado num projeto nacional, cada cidadão está mobilizado para defender o país, que continua sob ameaças.

É muito claro e evidente que a figura de Fidel, a mística do Fidel, o carisma de Fidel contribui poderosamente para que o povo tenha este sentimento. Mas não é o que a gente espera. Nalgumas fotos que a gente vê da Praça da Revolução, há aquele imenso retrato do Che Guevara e a gente espera que ao lado haja um retrato do Fidel, e não há. E nos grandes *out-doors* de motivação política, de apelos, você não vê um retrato de Fidel, salvo um ou outro caso. Não há efetivamente um culto à personalidade. Eu acho que há uma grande admiração do povo, que pode chegar a um culto à personalidade, mas não tem esta característica. O próprio Fidel, num encontro que manteve com os parlamentares brasileiros, respondeu a essa pergunta. Ele acha que Cuba jamais chegaria ao erro da China, onde tudo girou em torno deste culto à personalidade e que a Revolução Cubana tem preparados quadros para gerir os negócios do País e levar adiante o projeto revolucionário, independente da figura de Fidel Castro. Certamente haverá um vazio porque a maioria do povo tem a figura do Fidel como um grande líder.

### DIVERGÊNCIAS

Esta é uma resposta que a gente ouviu igual, tanto a nível da administração, como a nível das ruas: saiu de Cuba a escória. A nível de governo, admite-se que uma boa parte dessas pessoas que saíram é constituída, talvez 20%, de pessoas que divergem. Eles admitem que haja divergências, são pessoas que não concordam com o regime, são pessoas que sonham com um mundo diferente, de consumo. Ao mesmo tempo, todo mundo que saiu tem na cabeça que vai encontrar, nos Estados Unidos principalmente, o paraíso do consumo. Saem principalmente os que não querem se integrar no sistema de trabalho.

Repetem, eu não tenho condições de dizer se isto é rigorosamente verdadeiro, que há emprego para todo mundo. E talvez até, esta preocupação com emprego leve a alguns fatos que são visivelmente chocantes para quem está acostumado com as coisas colocadas dentro do nosso sistema. Numa loja, por exemplo, você vê um número de mulheres e geralmente



Audálio Santas

são mulheres que trabalham nas lojas — muito superior à necessidade de serviço. No entanto, acho que eles fazem este esforço no sentido de dar trabalho para as pessoas.

Uma das coisas que eu achei mais positivas, na visão destas pessoas ligadas à administração, é a repetição de um fato que é evidente: nós somos um país pobre, nós não somos um país desenvolvido, nós somos um país dentro do problema da América Latina, do Terceiro Mundo, que dividimos o pouco que nós temos entre os cidadãos. E efetivamente isto acontece. Os cidadãos não têm uma vida brilhante, mas é uma vida digna. Na verdade, o que é distribuído é sem nenhum brilho, não há o brilho das vitrinas. São quatro ou cinco itens, onde você veria aqui ou nos Estados Unidos milhares de coisas. Quer dizer, não é uma vida brilhante. Digamos que seja uma vida onde não falte nada do que a pessoa precise para sua subsistência com dignidade.

### O PERIGO DE REAGAN

Freqüentemente há notícias de vôos de inspeção dos Estados Unidos, há ameaças de concentração de forças navais, este tipo de coisa. Tanto é que no primeiro de maio foi feita uma grande manifestação onde o povo foi para a praça protestar contra várias coisas, entre as quais estas. Agora, em função da possível eleição de Ronald Reagan, o próprio Fidel Castro é uma pessoa preocupada. Preocupa muito a eleição de um cidadão como o Reagan, que é uma pessoa de posições ameaçadoras para Cuba, e já fez ameaças. E Fidel diz que é um negócio preocupante, se bem que não lhe chega a tirar o sono, porque ele acha que o povo cubano está mobilizado para enfrentar qualquer tentativa de invasão, assim como resistiu a esses 20 anos de bloqueio. Se houver uma coisa dessas, haverá um genocídio, porque o povo todo resistirá.

Um filme que foi feito em abril, logo após a saída de algumas daquelas grandes levadas, mostrava uma coisa que a mim impressionou. Simplesmente mostra-se a cidade de Havana de cima e as pessoas convergindo para uma avenida que dá na grande praça das manifestações. E a certa altura você verifica que o helicóptero passa e a cidade está literalmente vazia. E de repente deságua na avenida, que é um rio humano indo para a praça para dar apoio ao Governo, contra aqueles que chamam de escória, de traidores. Então, este povo realmente está mobilizado, isto eu não tenho dúvidas. (Depoimento a Severino Goes e João Teixeira).



# IGUALDADE CALCADA NA ILUSÃO

**URBANIZAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL NO BRASIL**, de Ruben Oliven, Editora Vozes, 136 páginas, Cr\$ 180,00.

O livro está baseado, e é uma versão modificada, na tese de doutoramento do autor, defendida na Universidade de Londres. Ela pode, contudo, ser lida por capítulos, pois cada um é independente.

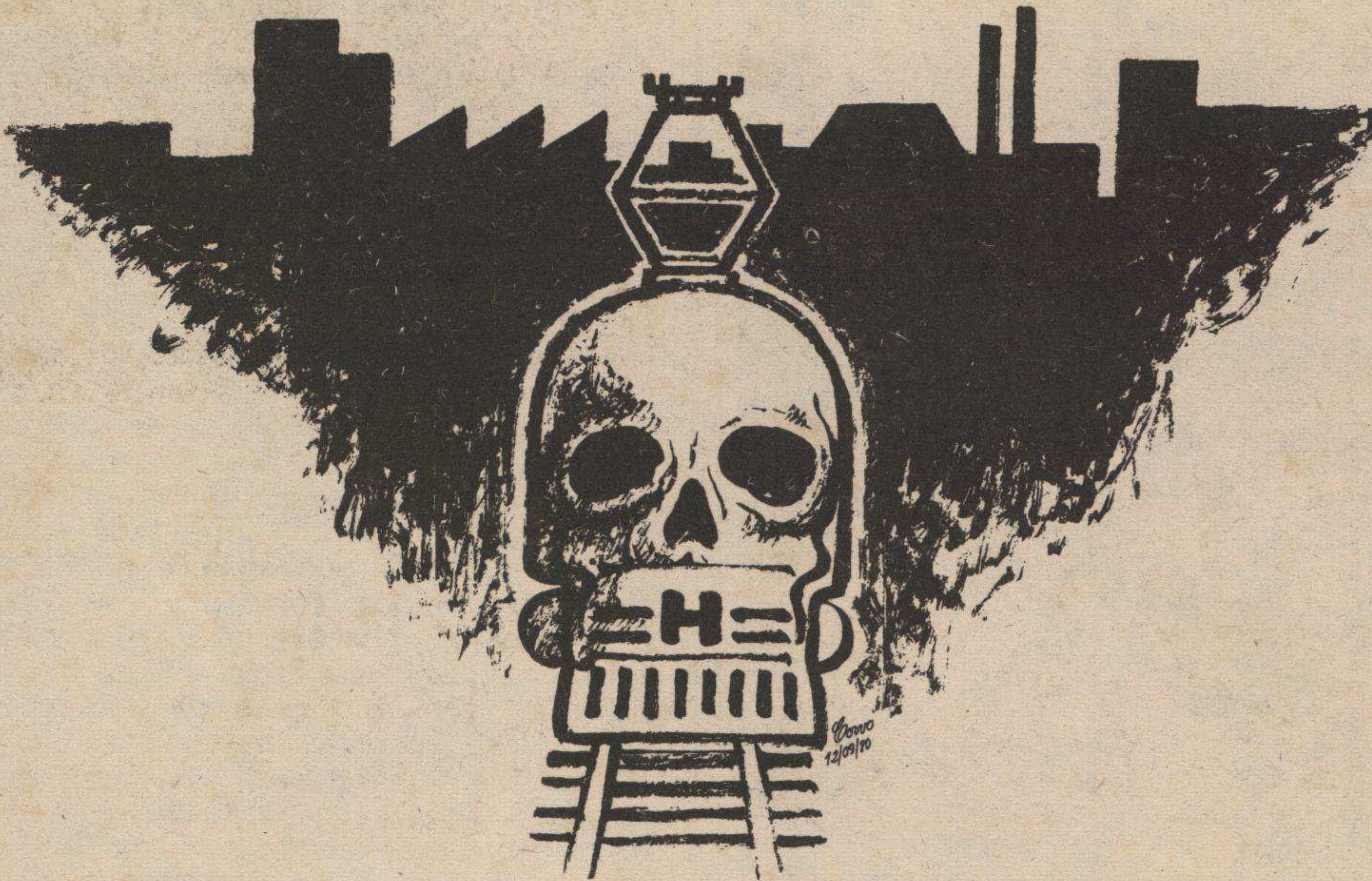
Três temas importantes são tratados nos três primeiros capítulos:

**Urbanização:** Sem negar que exista diferença entre campo e cidade, o autor sugere que essas diferenças devem ser referidas a processos mais amplos e gerais, isto é, deve-se introduzir uma dimensão histórica tanto na análise campo-cidade, como na diferença entre os diversos tipos de cidade. O aspecto ecológico não pode explicar o fenômeno urbano por si só. Seria muito interessante se o autor introduzisse uma discussão mais específica entre o fenômeno da urbanização em diferentes modos de produção, isto é, como se processa o fenômeno da urbanização numa formação social socialista.

**Modernização:** Uma excelente discussão da ideologia da modernização. Se há países menos desenvolvidos, com marginalização política, econômica e social, isso não é devido a características psicológicas e culturais das pessoas que aqui vivem, mas à maior ou menor exploração das riquezas e da força de trabalho exercida nesses países pelas classes dominantes, tanto nacionais como estrangeiras. Pobreza não é resultado de falta de cultura urbana ou de atitudes modernas.

**Marginalização:** A marginalização é um fenômeno dialético: ao mesmo tempo em que integra as pessoas na sociedade e nos valores dominantes, também os exclui dos benefícios e da participação efetiva nessa sociedade. Os marginalizados são indispensáveis ao sistema, mas não recebem em troca os benefícios devidos por seu trabalho.

Nos três últimos capítulos o autor retoma esses temas, aplicando-os à realidade de Porto Alegre. Ocorrem aqui, como em geral nas cidades brasileiras, dois processos simultâneos e complementares: por um lado, a homegeneização das classes sociais em áreas próximas às atividades econômicas e interesses mais fortemente sujeitos a influências ideológicas devido à intensificação da acumulação capitalista; por outro "dado que essa mesma acumulação capitalista diferencia os habitantes brasileiros de um modo essencialmente desigual e assimétrico, existe uma tendência oposta à heterogeneidade das classes, não só em termos econômicos, mas também nas



áreas nas quais as classes baixas podem oferecer mais efetivamente resistência à difusão de orientações culturais padronizadas" (pág 74).

É este o problema que o autor examina na pesquisa de cinco vilas socialmente diversificadas de Porto Alegre (da favela Maria da Conceição ao luxuoso bairro das Três Figueiras). Examinadas seis áreas de envolvimento (família, religião, vida associativa e lazer, educação, trabalho e política), chegou-se à conclusão de que as esferas que possuem uma dimensão fortemente pessoal, como religião e família, apresentam maiores diferenças, não só quanto à divisão por bairros, mas também por variáveis sócio-econômicas dos entrevistados, como ocupação, renda e escolaridade.

As conclusões, realmente, não espantam: as diferenças podem existir entre classes e pessoas, naquelas áreas onde os interesses da classe dominante não estão em jogo. Caso contrário, essas divergências não serão toleradas. Mesmo os que possuem alta escolaridade, renda e ocupação mostram atitudes não modernas, se for o caso: na pesquisa eles demonstraram oposição à participação popular em política...

Os resultados mais interessantes são os que se referem às atitudes com respeito à educação: há uma semelhança surpreendente entre os entrevistados. A ideologia de que um maior grau de escolaridade implica em melhores oportunidades está disseminada em todas as camadas sociais. A educação (a escola)

continua sendo o aparelho ideológico mais importante na formação social brasileira. Através dela os súditos do reino aprendem, além das habilidades de um bom profissional e excelente produtor, as virtudes necessárias a quem vive num sistema onde domina o capital: a obediência, a submissão, todos os valores que façam dele um súdito fiel e um trabalhador eficiente.

Na conclusão do livro, o autor atinge o ponto crucial: "Do mesmo modo que uma sociedade capitalista tem de se reproduzir biológica e economicamente, ela tem de se reproduzir ao nível cultural e ideológico. Ela vai então tolerar diferenças nas áreas que não são centrais à produção e ao poder mas tenderá a impor sua ideologia e hegemonia em áreas que são mais cruciais a sua sobrevivência" (pág. 124-25).

PEDRINHO A. GUARESCHI

## O COMEÇO DE TUDO EM GRAMSCI

**TUDO COMEÇOU COM MAQUIAVEL** (As concepções do Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci), de Luciano Gruppi, L&PM Editora, 120 páginas.

Apesar de, nos fins dos anos 60, a Editora Civilização Brasileira ter editado obras fundamentais de Antônio Gramsci, como **A Concepção Dialética da História** ("O Materialismo Histórico e a Filosofia de Benedetto Croce"), **Notas Sobre Maquiavel**, **Os Intelectuais e a Organização da Cultura, Literatura e Vida Nacional** e **Castas do Cárcere**, somente agora um dos mais importantes pensadores de nosso tempo começa a ser valorizado no Brasil. Volta e meia, aqui e ali, cita-se Gramsci, a propósito dos partidos políticos em formação, das frentes políticas, da interpretação da história, da educação, da arte e da cultura, da questão nacional. Exemplo disso, são os livros sobre Gramsci recentemente editados em língua portuguesa, entre os quais podemos citar Portelli (**Gramsci e o Bloco Histórico**), Christine Buci-Glucksmann (**Gramsci e o Estado**), Maria Antonieta - Maciocei (**A Favor de Gramsci**), Mario Inocentini (**O Conceito de Hegemonia em Gramsci**), uma coletânea de ensaios publicados pela Editora Paz e Terra, Luciano Gruppi (também intitulado **O Conceito de Hegemonia em Gramsci**) e, agora, pela L&PM Editores — que já nos promete um estudo de Carlos Nélon Coutinho sobre o pensador italiano —, **Tudo Começou com Maquiavel — As Concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci**.

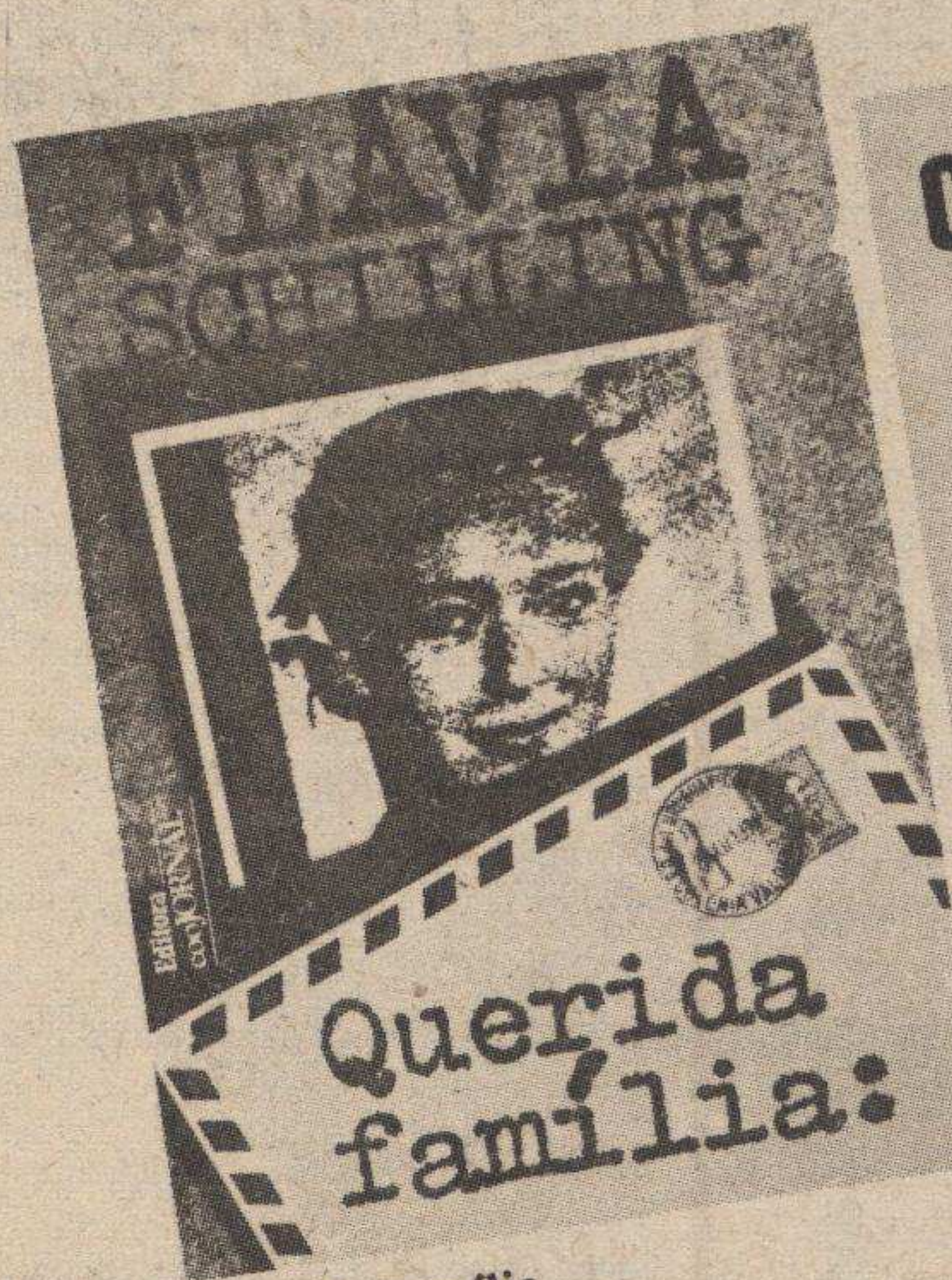
O livro, cuidadosamente editado pelo jornalista Dario Canali, que é igualmente o tradutor, consiste num curso de Luciano Gruppi dado no Instituto Palmiro Togliatti, em Roma. Gruppi, sem dúvida nenhuma, é uma das grandes autoridades em Antônio Gramsci, reconhecendo-se como seu discípulo e defensor de suas teses, principalmente as teses expostas em o Gramsci, do **Maquiavel**. Esta obra consiste em uma exposição didática, a partir das teses gramscianas, sobre as concepções modernas de Estado, desde Maquiavel a Hegel, as concepções burguesas, e a crítica do Estado burguês, de Marx a Gramsci, passando, como é óbvio, por Engels e Lênin.

Mesmo sem possuir a audácia renovadora que caracteriza a maioria dos pesquisadores que se colocam nas posições teóricas de Gramsci, Gruppi revela neste pequeno livro, apesar de sua estrutura fundamentalmente didática, uma notável profundidade de análise, particularmente no que se refere às próprias deformações mecanicistas do marxismo, como é o caso de Karl Kautsky, ou de seus mais audazes críticos contemporâneos, como o brilhante italiano Lucio Colletti.

**Tudo Começou com Maquiavel**, porém, se torna essencial para quem pretende iniciar uma jornada intelectual pelos caminhos abertos pelo denso Antônio Gramsci. De forma acessível estão no pequeno livro os conceitos básicos do pensamento gramsciano, como a hegemonia, o bloco histórico, a questão nacional, o papel dos intelectuais, o partido político, os conselhos de fábrica, etc. Talvez a única limitação da obra, mas que é característica do pensamento do próprio Gruppi, é o seu leninismo radical. É certo que Gramsci se apresentava como um discípulo de Lênin, a quem considerava o maior seguidor dos fundadores da filosofia da praxis, mas o pensador italiano seguiu um itinerário extremamente original que, em muitos aspectos, como, por exemplo, na questão do bloco histórico, da hegemonia e do próprio Estado vai mais longe do que Lênin, apresentando uma alternativa política concreta para o movimento operário dos países europeus. Isso, entretanto, não invalida o livro. Pelo contrário, demonstra a própria riqueza do pensamento gramsciano.

É de se esperar que a "moda" gramsciana no Brasil não seja tão fugaz como as outras que tivemos. Pois, nossa intelectualidade já foi sartreana, marcuseana, althusseriana, macluhanista, quase sempre nas rodas de bares, discutindo a orelha dos livros. Gramsci, porém, menos do que qualquer outro se presta a modismos. O livro de Gruppi que comentamos é uma excelente introdução às teses do fundador do PCI. Quem quiser se aprofundar em Gramsci precisa voar mais alto.

LUIS PILA VARES



**Querida Família**  
Um drama do nosso tempo.  
As cartas enviadas pela brasileira Flávia Schilling à sua família narrando toda sua amarga experiência nos cárceres uruguaios.  
Cr\$ 70,00

### COOPERATIVISMO E COMPETIÇÃO

A experiência das cooperativas no capitalismo alemão

ERIK BOETICHER  
FRIEDRICH MEIN  
WALTER HANSEN  
HENRY WESTERMARK

Cooperativismo e Competição  
A experiência do Cooperativismo alemão na busca de adaptação ao regime capitalista.  
Coleção Cooperativismo  
Selo Debate nº 1  
Cr\$ 75,00

## DOIS IMPORTANTES ASSUNTOS EM DOIS GRANDES LIVROS

Faça seu pedido preenchendo este cupom e remetendo para a Editora Coojournal — Rua Comendador Coruja, 372 — 90000/Porto Alegre — RS

Solicito enviar-me, pelo Reembolso Postal, o(s) seguinte (s) livro (s):

..... exemplar (es) — Querida Família  
..... exemplar (es) — Cooperativismo e Competição ao

preço total de Cr\$ ..... 00.

Nome.....

Rua..... Bairro.....

Cidade.....

CEP..... Estado.....

Assinatura

Não mande dinheiro. Só pague ao receber o(s) livro(s).



## Lançamentos

**A CONSCIÊNCIA FRAGMENTADA** (Ensaio de Cultura Popular e Religião), de Renato Ortiz. Reunião de estudos escritos entre 1976 e 1979, tendo como enfoque a questão popular. O autor é professor da Universidade Federal de Minas Gerais, já tendo publicado *A Morte Branca do Feiticeiro Negro*. Editora Paz e Terra, 192 páginas.

**MIMESIS E MODERNIDADE** (Formas das Sombras), de Luiz Costa Lima. Em parte, o texto foi objeto de seminário na Ruhr Universität Bochum, na Alemanha Federal. No sentido usual, *mimesis* significa imitação mas, para o autor, não se trata de revelar o significado originário da palavra mas descobrir as propriedades e limites de sua concepção grega e como ultrapassá-los. Editora Graal, 290 páginas.

**NÃO ÀS USINAS NUCLEARES**, de Fernando Morais. O livro traz a Ação Popular movida pelo jornalista e deputado, contra o Presidente da República, opondo-se à construção das usinas nucleares do acordo Brasil-Alemanha. Editora Alfa Omega, 64 páginas, Cr\$ 120,00.

**ANATOMIA DO JÚRI** (Nem só a Defesa Busca Justiça), de José Candido dos Santos. Para o autor, o acusador não é o carrasco da consciência, como maliciosamente o apelidaram. Outras atribuições, dentro e fora do campo criminal, são relatadas e discutidas nesse volume. Grafosul, 324 páginas.

**CIDADE, DEMOCRACIA E SOCIALISMO**, de Manuel Castells. A crise da cidade capitalista é um fenômeno que levanta inúmeras reações. Para compreender esse movimento, Castells acha necessário partir de uma observação concreta, da forma pela qual se desenvolve, e das ações e organizações que o integram. Editora Paz e Terra, 200 páginas.

**QUE PAÍS É ESTE? e outros poemas**, de Afonso Romano de Sant'Anna. Ao publicar esse livro, o apresentador fala "numa poesia forte e comprometida com este país e seus problemas: o índio, o marginalizado, a história, o povo, a linguagem, a visão antimachista da mulher e da família, o erotismo, a ecologia". Editora Civilização Brasileira, 160 páginas, Cr\$ 260,00.

**OS CARBONÁRIOS (MEMÓRIAS DA GUERRILHA PERDIDA)**, de Alfredo Sirkis. Uma visão dos tempos iniciados em 1968, com o AI-5, o esmagamento do movimento estudantil e a guerrilha urbana. Editora Global.

**LAMARCA, O CAPITÃO DA GUERRILHA**, de Emiliano José e Oldack Miranda. Parece que os jornalistas, sem nenhum acordo, entraram na literatura sob pressão para contar a História recente do país. Agora é um relato da guerrilha de Lamarca. Editora Global, 200 páginas, Cr\$ 260,00.

**A ESPOLIAÇÃO URBANA**, de Lúcio Kowarick. O sociólogo Fernando Henrique Cardoso refere-se ao estudo com as seguintes palavras: "Parece-me salutar que os cientistas sociais comecem a afiar os instrumentos de análise e belisquem aqui e ali o movimento do real para permitir que a cidade seja vista e se torne palco da renovação social". Para ele, esse é um dos méritos do trabalho de Kowarick. Editora Paz e Terra, 204 páginas.

**A GREVE DA ROSA**, de Renato Pompeu. Terceiro romance do autor que traz, em sua obra, o depoimento de uma geração que cresceu num clima de liberdade e depois conheceu "toda a distância entre o ideal e o real na vida brasileira dos anos 60 e 70". Editora Alfa Omega, 175 páginas, Cr\$ 285,00.

**MEMORIAL DE ILHA NEGRA**, de Pablo Neruda. Uma das obras mais importantes desse poeta chileno, uma verdadeira autobiografia poética. L&PM Editora, 260 páginas.

**LIBRE NICARÁGUA LIVRE** (entrevistas, reportagens) de Raimundo C. Caruso. A realidade da Nicarágua prende a atenção de toda a América Latina progressista. O autor traz o seu testemunho. Edição do autor, 170 páginas.

## FUTEBOL DE PEITO ABERTO

**MARACANÃ, ADEUS**, de Edilberto Coutinho, Editora Civilização Brasileira, 133 páginas.

A crônica de futebol que o próprio futebol merece, por sua força como ponto de apoio de toda uma sociedade, como um desses ópios do povo, viciantes mas necessários para suportar barras piores, a crônica de futebol que os jornais diários, com seus enormes espaços dedicados em cada edição ao esporte, não querem ou não sabem ou não podem fazer, já existe.

Ou melhor: finalmente já existe. E é obra e graça do mestre Edilberto Coutinho. Chama-se **Maracanã, Adeus** e tem a melhor recomendação possível: com este livro Edilberto ganhou o prêmio **Casa de Las Américas**, em Cuba, no ano passado, um dos mais importantes do continente.

São 11 pequenos contos em que o futebol mostra suas garras, seu poder de criar e destruir mitos, sua força política capaz de fazer a fama de governos que a usam, e — acima de tudo — seu poder hipnótico, suficientemente grande para encher a cabeça de uma multidão de brasileiros com sonhos que não têm menor semelhança com a realidade.

Edilberto Coutinho desmistifica este futebol? Não, ele apenas conta como funciona o processo, e isto é útil: o livro contém ainda um apêndice contendo sugestões (preparadas pelo professor Jorge de Sá) de aproveitamento didático de **Maracanã, Adeus**, dentro do princípio de que o livro poderia ser transformado em leitura obrigatória no currículo das escolas. Feliz ideia: mais do que uma obra sobre futebol, **Maracanã, Adeus** é também uma excelente obra literária.

Num estilo rápido, em que frequentemente usa uma técnica de contraponto, Edilberto Coutinho consegue mostrar o que é escrever bem: ele usa os recursos da língua portuguesa de maneira espontânea, natural, cada palavra obrigando à leitura da seguinte.

Coutinho escreve com brilho, construindo pessoas: seus personagens têm o peito aberto, expõem emoções humanas, mostrando gente real, contraditória, gente viva. Talvez por isso, não é necessário nem entender de futebol e nem gostar de futebol para ler com prazer **Maracanã, Adeus**. O livro transcende o simples esporte para chegar ao nível da emoção humana, e aí se torna irresistível.

Não é necessário nunca ter pisado no Maracanã e nem torcer pelo Bangu para se emocionar com o sentimento profundo do servente de repartição pública José Dias da Cruz, alheio às preocupações domésticas e essenciais de sua esposa Raimunda, mas magnetizado por um instante mágico em *Preliminar*, o conto que abre o livro:

"Aquele gol foi um negócio tão bonito de ver, Rai, que me deu uma coisa, e veio um choro repentino (adianta contar pra ela?) mas olhei em volta e vi outras pessoas chorando, Rai, esse moleque, o Feijão, tinha driblado toda a defesa do Fluminense, aqueles garotões fortudos que a gente tava vendo tudo criado a beibivite, tudo vitaminado, queimadão da praia, e o molecote Feijão, maneirinho, franzino, driblou eles todos, um a um, a torcida em pé na arquibancada, Rai, a gente na galera na ponta dos pés, eu chorando, os gritos, os aplausos pro moleque, todo mundo, o mundão do Maraca todo dando força pra ele, Rai, gritando o nome dele.

E tudo aquilo tava certo, Rai, porque esse moleque, o Feijão, Rai, tinha feito o diabo. Depois de driblar como Garrincha, tinha feito um gol de placa que só o Pelé, Rai, e eu chorava, Rai, chorava de felicidade, porque não merecia tanto, sei que não merecia, logo na preliminar."

LUIZ AFONSO FRANZ



## ANELISE AFUGENTA OS DEMÔNIOS

**AS PARCEIRAS**, de Lya Luft, Editora Nova Fronteira, 149 páginas, Cr\$ 200,00.

Uma literatura pode-se dizer madura quando as obras produzidas pelos criadores em um certo período histórico atingem estratos profundos da vida individual e coletiva. No Rio Grande do Sul, podemos notar, que isto vem acontecendo com mais regularidade. Não somos mais o estado de um só escritor. Os escritores em atividades vão acrescentando obras em suas carreiras, que não só mostram o amadurecimento individual e sim, também o coletivo. Veja-se o caso de Carlos Nejar e seu **Um País, o Coração**, Cyro Martins e sua **Sombras na Correnteza**, Sérgio Faraco e **Hombre**, Moacyr Scliar e suas últimas novelas entre outros que deixamos de aqui citar e nem por isto menos importantes. A elas vem juntar-se **As Parceiras**, novela de Lya Luft.

Conhecemos a obra literária anteriormente produzida por Lya Luft e que consta de livros de poemas e crônicas publicadas em jornais. Dedicou-se também à tradução de bons autores estrangeiros, dos quais poderíamos citar **Os Cadernos de Malte Laurids Bridgge**, pela Ed. Nova Fronteira. Temos no entanto em **As Parceiras** uma revelação verdadeiramente importante.

Em **As Parceiras** a autora faz um mergulho profundo no mais íntimo interior de uma personagem feminina. Posso dizer que Anelise é mais uma na galeria de personagens femininas de nossa literatura. Não é uma personagem épica como Ana Terra de **O Tempo e o Vento** de Érico Veríssimo, ou Catarina de A

**Ferro e Fogo** de Josué Guimarães. Talvez seja uma descendente de Catarina — imigrante alemã e que tem o mesmo nome da avó de Anelise —, dilacerada por um passado trágico e um presente tedioso. O transcurso da novela se dá em sete dias em que a heroína passa na casa de praia fazendo uma catarse e exorcizando os seus fantasmas.

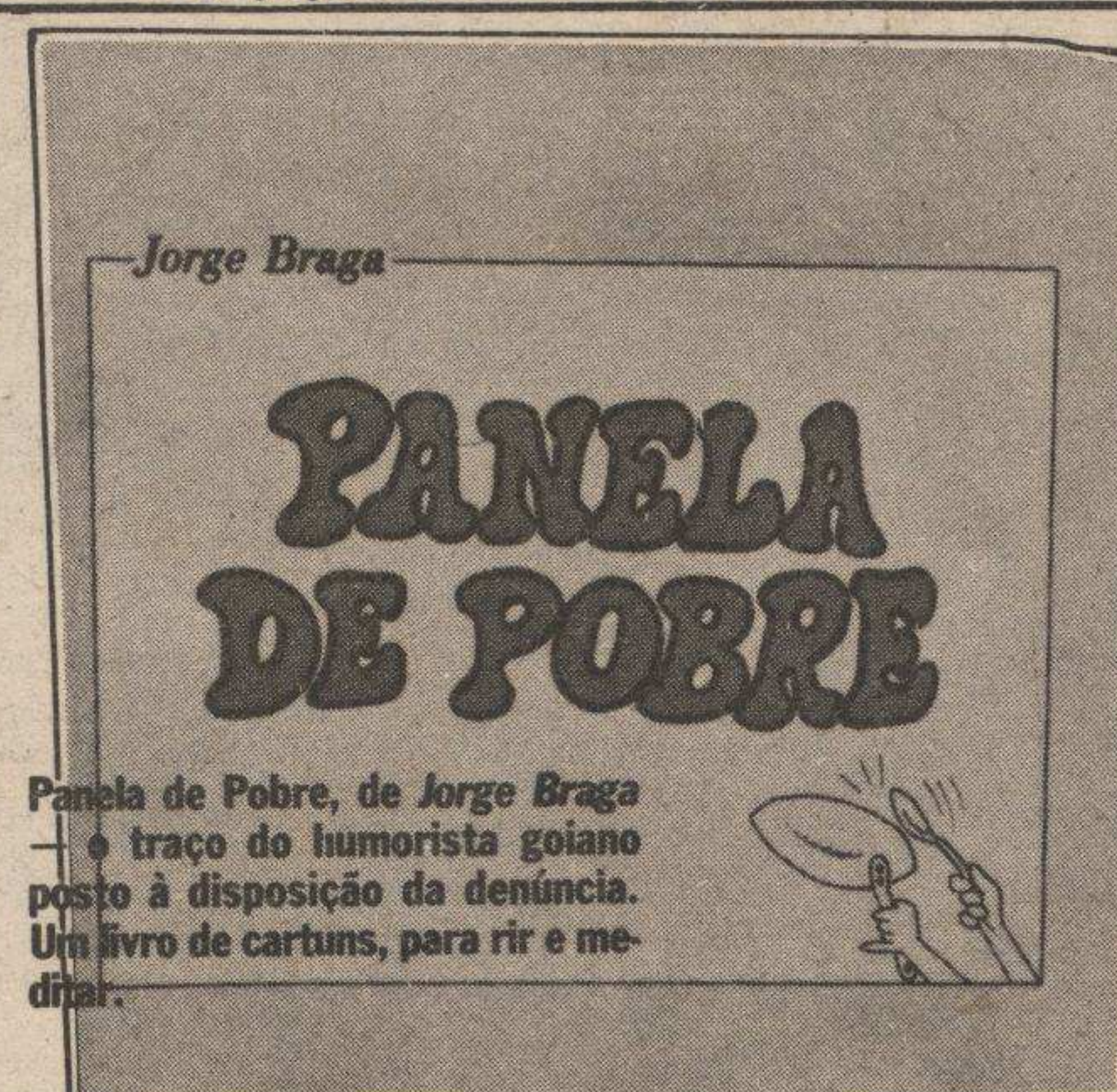
Anelise é uma mulher em conflito. Acha que traz em si um germe de loucura, alguma coisa de patológico que os membros da família carregam com um misto de medo e culpa. É como se houvesse um grande pecado a ser expiado, uma culpa inicial que houvesse caído sobre as mulheres do clã. Uma avó louca e uma tia anã não é pouca coisa para se levar pela vida. Por isto os casamentos fracassados, os abortos repetidos, o amor como uma flor murcha dentro do peito. O próprio Otávio, a única personagem masculina a se movimentar com certa liberdade de ação pela novela, também não consegue escapar ao manto trágico que envolve as mulheres. Sua personalidade é feminina, inconstante e patética. Pesa sobre ele também o fantasma da impotência que provocou o suicídio do marido de tia Beata e que condenou esta ao seu ascetismo. As outras personagens masculinas são distantes e pouco delineadas pela memória de Anelise. O marido Tiago só aparece mais quando compartilha com Anelise a tragédia do filho nascido descerado.

Em suma, Anelise precisa afugentar seus demônios para libertar-se, e conseguir assumir sua verdadeira identidade. No fundo são várias as Anelises e daí a simbologia das parceiras, que muito a propósito dá título à novela. O enredo cresce em dramaticidade e fluidez, à medida que nos aproximamos do final, em que Anelise aceita enfim o seu passado e cresce como mulher e ser humano.

JOSÉ EDUARDO DEGRAZZIA

## Dois livros de Goiás para você!

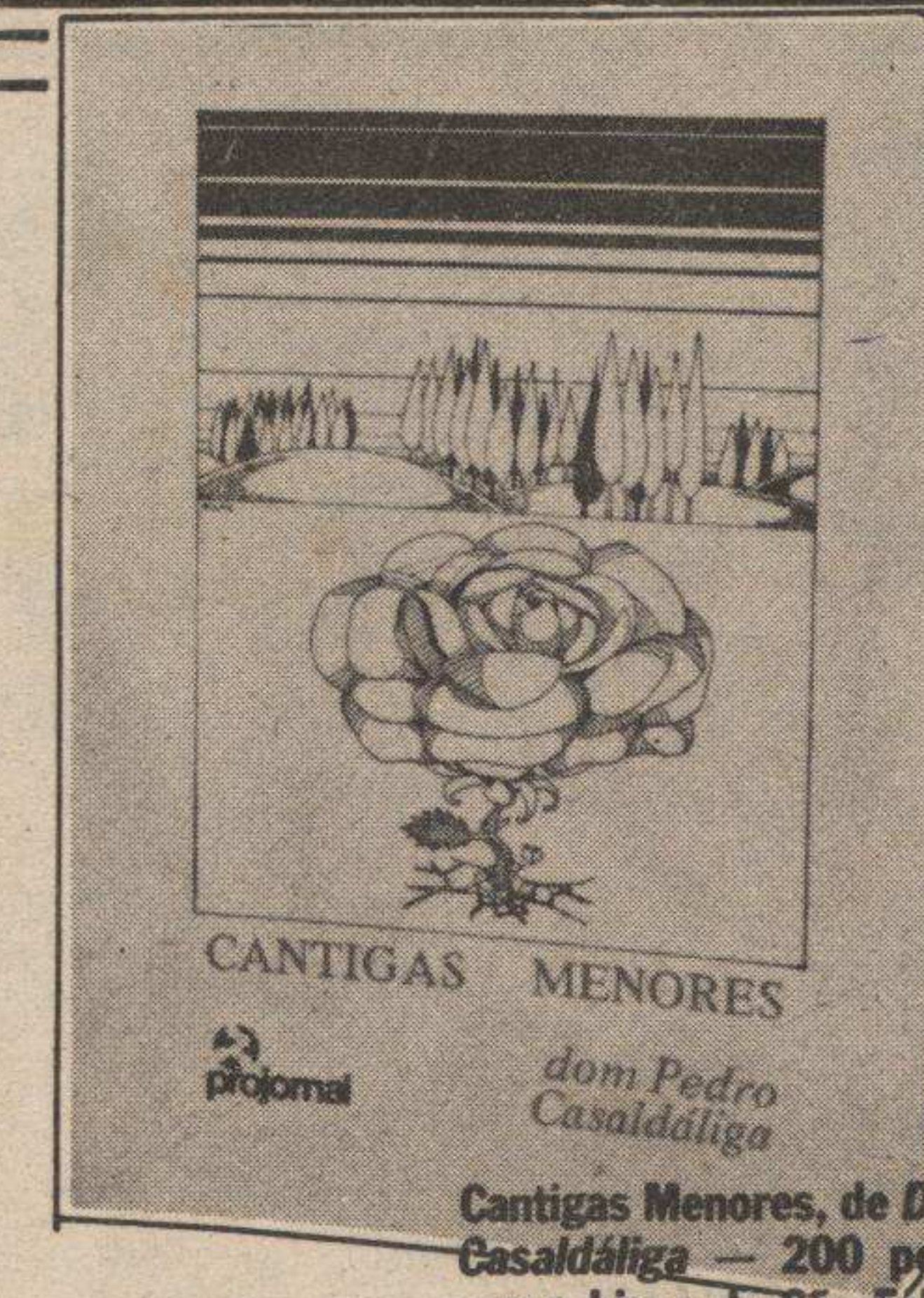
Peça já pelo reembolso postal



CANTIGAS MENORES... 60,00  
PANELA DE POBRE... 100,00

Preencha o cupom e remeta-o, junto com vale-postal ou cheque, para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.  
Rua Comendador Coruja, 372  
Porto Alegre - 90.000 - RS.

Nome: \_\_\_\_\_ N°: \_\_\_\_\_  
End.: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
Estado: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_



Cantigas Menores, de Dom Pedro Casaldáliga — 200 poemas em que o bispo de São-Félix do Araguaia retrata, com amor e humor, o homem da Amazônia.



# DEMOCRACIA?

FAZ  
OU  
NÃO FAZ,  
eis a  
QUESTÃO!

